

Edgar Rodrigues

MULHERES E ANARQUIA

achiamé



**MULHERES
E ANARQUIA**

Robson Achiamé, editor

Caixa Postal 50083

Rio de Janeiro/RJ – 20050-970

Telefax (0xx21) 2208-2979

letralivre@gbl.com.br

www.achiame.net

Edgar Rodrigues

MULHERES E ANARQUIA

achiamé

Rio de Janeiro

MULHERES E ANARQUIA

Copyright © 2007 by Edgar Rodrigues

O autor, por motivos óbvios, averbou seus livros no Escritório de Direitos Autorais, Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, sem o intuito de impedir os pesquisadores de recolher dados em suas obras, e sim, de SUGERIR que devem referenciar as fontes!

É uma questão de VERDADE!

DEDICATÓRIA ESPECIAL

Mulheres e Anarquia, meu sexagésimo trabalho publicado, dedico-o às duas mulheres mais importante de minha vida:

ALBINA DA SILVA SANTOS, minha mãe.

ONDINA DOS ANJOS DA COSTA SANTOS, minha companheira de 65 anos de cumplicidade...

A primeira, não obstante sua ingenuidade de filha de agricultores aldeões da classe média, soube aceitar e respeitar reuniões clandestinas de conspiradores libertários, em sua casa, contra a ditadura portuguesa, e orientar seus dois filhos, adolescentes ainda, para visitar seu pai quando esteve preso na central da polícia política em 1936, na cidade do Porto, Portugal.

A segunda pelos mais de meio século de companheirismo, de colaboração, sem cuja ajuda não teria possibilidades de realizar meus ideais.

Rio de Janeiro, 2007

E.R.



Mulher fiandeira

SUMÁRIO

Introdução / 9

Solidariedade humana e anarquismo / 19
Mães brasileiras, mulheres do Brasil! – *Maria Lacerda de Moura / 19*

Primeira parte / 25

As mulheres na Comuna de Paris / 25
As mulheres na tragédia de Chicago / 29
Emma Goldman: anarquismo, amor plural / 32
Duas mulheres – dois livros / 35

Segunda parte / 43

A procriação consciente / 43
Ferrer, a Escola Moderna e a mulher / 45

Terceira parte / 51

A vida começa aos pares / 51
Ser mãe – ser livre / 53
Recordações amargas e reflexões / 56

Quarta parte / 61

No ano internacional da juventude / 61
As crianças na sociedade / 64
As mulheres passam ao ataque / 67
Como é bom ter memória / 69
A volta ao mundo das mulheres / 71

Quinta parte / 77

A mulher companheira do homem / 77
A “nova” mulher brasileira / 80

Sexta parte / 85

A mulher, o homem, a humanidade / 85

Eu vi / 89

Sétima parte / 93

As mulheres e a questão social no Brasil / 93

Quem são os inimigos das mulheres? / 96

Caminhando pelo antigamente... / 98

Oitava parte / 103

A mulher hoje / 103

Mulheres que dignificam gerações / 107

As crianças e os adolescentes / 110

Nona parte / 115

A mulher no anarquismo / 115

O desabrochar / 117

No teatro e na escola / 119

Nas greves, manifestações e protestos / 122

Nos grupos e nos congressos / 124

No casamento / 126

Na família / 126

A presença de Maria Lacerda de Moura / 129

A prata da casa / 131

Apêndice / 135

Opinião de mulheres libertárias / 137

A festa da Penha (Elvira Boni) / 137

A mulher e a religião (Anita de Figueiredo) / 138

O casamento (Amália Garrido) / 139

O amor e a vida (Clara Luz) / 140

A psicanálise moderna e o anarquismo (Esther Redes) / 142

A missão da escola (Maria Lacerda de Moura) / 145

Opinião de homens libertários / 149

A mulher (Ricardo Flores Magón) / 149

Conceitos sobre a mulher (Paschoal Borelli) / 150

Uniões ilegais (Ideal Peres) / 151

A família, célula comunista (Pedro Ferreira da Silva) / 152

Mulheres, mulheres "liberadas" e outras mulheres (Edgar Rodrigues) / 157

INTRODUÇÃO

I

Ao completar *meio século*, em maio de 2007, a publicação do meu livro *Na Inquisição de Salazar*, pela Editora Germinal, do Rio de Janeiro, para onde carreguei escondido, “um punhado” de cartas/denúncias escritas e reunidas no norte do Portugal, durante cerca de 20 anos sobre a ditadura nazifascista portuguesa (1926-1974). Para rememorar esta data histórica para mim, nada melhor do que fazer uma breve retrospectiva dos meus escritos¹ e destacar a luta das mulheres pela *liberdade*. Da mulher companheira do homem!

Entendo que *a vida começa aos pares*, e se mulheres e homens e homens e mulheres (acredito eu!) não lutarem juntos por uma *sociedade de iguais*, independente dos diplomas, das etnias, das deformações seculares, de vícios e ambições econômicas, sociais, culturais e outras, por um sistema que comporte todas as *peculiaridades humanas*, mulheres e homens, vão se eternizar em disputas de desiguais por outros breves *20 séculos!!!*

Eu não conheço exatamente as datas e origens, por isso vou fixar-me historicamente em *Tertuliano*, o célebre tratadista cartaginês, o mais antigo e, depois, em Santo Agostinho, o maior (dizem) dos escritores ocidentais da Igreja, que achavam que “as mulheres deveriam ir vestidas de luxo e andrajos, apresentando-se como uma penitente afogada em lágrimas, redimindo assim a falta de haver causado a perdição do gênero humano. Tu és a porta do inferno; tu és a primeira que violaste a lei divina; tu corrompestes aquele a quem o Diabo não se atrevia atacar de frente; tu foste a causa de que Jesus Cristo morresse”².

E Tertuliano e Santo Agostinho não foram os primeiros inimigos, retrógrados, da mulher companheira do homem, digo eu!

1. Neste meio século, o autor publicou 60 obras no Brasil, Portugal, Itália, Venezuela e Inglaterra, além de cerca de 1.800 textos em 20 países. Mas hoje vou falar da Mulher, companheira do Homem, não da concorrente, da opositora do homem.

2. Do pesquisador Hugo Rocha, divulgação no diário *O Comércio do Porto*, Portugal, 09/03/1975.

Muito antes, "pensadores" como Péricles, Simônides, Platão, Sêneca e outros já haviam se declarado inimigos do sexo feminino!

Na "Antigüidade Clássica, a mulher foi sempre a vítima de preconceitos sancionados por todas as religiões pagãs". O homem aproveitou as regras "divinas", não obstante ter existido uma Cleópatra, uma Semiramis e outras mulheres "a quem rendiam culto e prestavam vassalagem".

A Idade Antiga foi a algoz da escravidão feminina. Na Idade Média, apesar do Cristianismo com sua "Virgem Maria", o avanço para a mulher foi ínfimo...

Na Itália medieval, em édito publicado pelo rei Longobardo Rotari, lê-se: "Se alguém espancar a mulher grávida até fazê-la perder a criatura, que, porventura, tenha nas entranhas, terá de pagar uma multa de *três soldos*: se por capricho, cortar o rabo de um cavalo que não lhe pertença terá de pagar *seis soldos*"³.

Um século mais tarde, outro escravocrata, o rei Longobardo Lintprando, determinava: "O pai ou irmão tem poder de dar ou prometer como esposa a sua filha ou a sua irmã a quem queira e quando queira"⁴.

Quem alisou, aliviando um pouco, o ego feminino foram alguns poetas, destacando-se Dante. Outros também exaltaram o amor da mulher em seus versos mas só bem mais tarde, decorridos séculos, a mulher começou a resgatar a liberdade.

Vale lembrar a década de 30 do século 19, quando greve pacífica das operárias da fábrica de tecidos Cotton, de Nova Iorque, EUA, é feita para tentar reduzir a jornada diária de trabalho para 10 horas/dia: "os patrões e as autoridade vendo as mulheres paradas junto aos teares, fecharam as portas e atearam fogo na fábrica: as 129 operárias morreram queimadas e asfixiadas no *dia oito de março*. E só decorridos mais de 130 anos (7 de novembro de 1967 para uns, 18 de dezembro de 1972, para outros), a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, aprovou a paliativa "Declaração sobre a Discriminação das Mulheres" assim imaginada e divulgada: "A discriminação que se exerce contra as mulheres é incompatível com a dignidade humana e com o bem-estar da família e da sociedade; essa discriminação impede as mulheres de participarem na vida política, social, econômica e cultural dos seus países em igualdade com os homens, e de servirem aos povos a que pertencem e a humanidade inteira na plena medida das suas possibilidades".

3. Pesquisa de Hugo Rocha, diário *O Comércio do Porto*, Portugal, 09/03/1975.

4. Idem...

Dir-se-ia que abriam-se assim os caminhos para o dia 8 de março virar Dia Internacional da Mulher... Ou seja, mais de um século decorridos, um crime contra 129 mulheres, na fábrica Cotton de Nova Iorque, EUA, é maquiado de festa da mulher, quando devia ser de protesto! E repete-se a farsa do *Dia 1º de Maio* como festa do trabalho. *Dois crimes hidiondos praticados pelo capitalismo internacional*, o mesmo que há muitos séculos administra a exploração do homem pelo homem!!!

No Rio de Janeiro, Brasil, a hipocrisia e o cinismo não são diferentes dos demais países: os políticos, não obstante já se ter publicado meia centena de livros sobre a história das lutas de classes e pela emancipação da mulher, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro divulgou mais de 30 entidades de fachada para nos enganar que o movimento feminino começou em 1972.

Ei-las:

ASSOCIAÇÃO LIBERDADE MULHER
BOLETIM SEXO FINALMENTE EXPLÍCITO
CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS DA MULHER
CENTRO DA MULHER BRASILEIRA
COLETIVO DE MULHERES DE CINEMA E VÍDEO
COMITÊ-PRÓ-MÔNICA
FORUM DE MULHERES DO RIO DE JANEIRO
GRUPO MULHERANDO
GRUPO NÓS MULHERES
SOS MULHERES DO RIO DE JANEIRO
COMISSÃO DE ADVOGADAS DO SINDICATO DOS ADVOGADOS
COMISSÃO DE MULHERES DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS
COMISSÃO DE MULHERES DO SINDICATO DOS METROVIÁRIOS
COMISSÃO DE MULHERES SINDICALISTAS DA CUT
CONSELHO REGIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS – RJ
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA – RJ
GRUPO EXPELE METAL
GRUPO TEATROTE
BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
CASA DE CULTURA LAURO ALVIM
CENTRO INTERNACIONAL DE TEATRO CONTEMPORÂNEO – CITEC

CENTRO DE LETRAS DA UERJ
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES CÊNICAS – FUNDACEM
INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA – RIOARTE
PLANETÁRIO DA GÁVEA
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO MUNICIPIO – RJ
ASSESSORIA FEMINISTA DO GABINETE LÚCIA ARRUDA
COMISSÃO DE MULHERES DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO – PCB
GABINETE BENEDITA DA SILVA – PT
MOVIMENTO DE MULHERES DO PDT
NÚCLEO DE MULHERES DO PARTIDO DOS TRABALHADORES – PT

Com estas entidades (e existem muitas mais!) todas de compromissos políticos de comando e altos salários, hoje (amanhã será pior!), agindo nas áreas da corrupção, da trapaça, do poder, do tráfico de influências e até de drogas e armas, convivendo, concordando e justificando salários de mais de 20.000 reais e outras vantagens no instante em que trabalhadores “conquistam”, a duras penas, 380 reais/mês, esperar o quê destas mulheres que pagam pequenos salários às suas faxineiras e àquelas que lhes fazem a comida, costuram a roupa ou imprimem os livros onde estudaram?

A emancipação de homens e mulheres não há-de ser produto de religiões, de leis dos políticos e nem de dezenas de associações que se distinguem até entre si, mascarando uma desigualdade não só entre homens e mulheres, mas também entre homens e homens, mulheres e mulheres!!!

É preciso reconhecer que os sexos não têm fronteiras, cérebro, inteligência, caráter, dignidade, não conhece a solidariedade, que os *seres humanos* terão de tratar irmanamente seus semelhantes para que a felicidade seja um *bem de todos*!

O anarquista entende que deve ser atribuído a todos e a cada ser humano (independente de sexo, diplomas, das ferramentas que use) direitos, deveres, possibilidades de desenvolvimento de todas as capacidades e potencialidade artísticas, científicas, culturais, sociais, humanas, cada um ajudando aos menos capazes, para no conjunto, formar um sistema de vida sadia, feliz para todos, com vistas a alcançar uma *sociedade* sem classes, hierarquias, em constante aperfeiçoamento.

II

Os textos enfiçados neste volume, ultrapassam as fronteiras convencionais e os interesses mesquinhos dos que se acham "famosos/famosas celebridades" e usam adjetivos que na generalidade marcam elitismos, "superioridades" que o anarquismo não aceita nem comporta: seu alcance é a **IGUALDADE SOCIAL COM LIBERDADE, SEM FRONTEIRAS!!! É o ser humano!!!**

Para o autor, e certamente para os anarquistas convictos, conscientes ideologicamente, mulheres e mulheres, homens e homens, na Sociedade da ANARQUIA serão iguais em direitos, deveres, possibilidades e no usufruto da produção de todos, não obstante as peculiaridades humanas dos seus componentes.

Quem primeiro tentou formar hierarquias tornando-se os maiores responsáveis pela escravização da mulher (e de muitos homens!) foi a Igreja católica, cuja história revela maus exemplos de respeito pelos seres humanos (as mulheres foram as maiores vítimas!), destacando-se a "famosa" Inquisição, por suas formas de torturar e matar inocentes, usando as mais vis. E ainda "alimentou", com destaque, a pederastia, a pedofilia e chefou a prostituição.

Numa rápida passagem pela história da Igreja, lá está "Sixto IV, homossexual notório, concedeu à família de um dos seus cardeais o privilégio de ter relações homossexuais durante o verão. Alexandre VI, outro homossexual, autorizou o cardeal espanhol Pedro Mendonça, a ter relações sexuais com um filho seu, bastardo. E Júlio III, Leão X, Inocêncio X etc., e membros do alto clero entregavam-se à pederastia"⁵.

Segundo pesquisa confiável, o cardeal Barônio, grande analista da Igreja Romana, falando dos papas do século 10, assim se exprimia: "com referência ao ano de 912, mais horrível que nunca era então o aspecto da Igreja Romana".

As cortesãs mais degradadas e as mais poderosas dominavam Roma e, a seu talante, distribuíam os bispos; e, o que é mais horrível de dizer e de explicar, colocavam na cadeira de São Pedro, os seus amantes, falsos pontífices, que só figuravam no registro dos papas para efeitos cronológicos".

E não mudaram no caso das mulheres: "No século 13, Guilherme Durantis, bispo de Mende, escrevia que em Roma as mulheres públicas

5. *In A Questão Sexual* de Jaime Brasil, anarquista, jornalista profissional, escritor mundialmente conhecido. Este volume tem 480 páginas e o texto reproduzido está na página 91. Sua primeira edição é de 1932.

iam viver junto das igrejas, na vizinhança do Palácio do Papa, e da morada dos bispos e que os cortesãos do papa as freqüentava assiduamente”⁶. E o Papa Inocêncio IV, na cidade de Lion, segundo seu porta-voz agradece à população dizendo: “Quando viemos aqui, havia três ou quatro casas habitadas por mulheres da má vida; agora, deixamos apenas uma: estende-se da porta oriental à porta ocidental”⁷.

Marcadas e referenciadas pelas leis canônicas, pela perversidade de seus bispos e fiéis servidores, as mulheres (e muitos homens) serviram aos escravagistas como fêmeas, prontas a parir, acrescentando-lhes outros adjetivos de inferioridade, como “objetos sexuais” (infelizmente com reflexos até hoje, não obstante estarmos no início do século 21) e disto se aproveitaram os “machões”!

Contra estas bestialidades os anarquistas lutam há mais de *um século* e as mulheres anarquistas desencadearam um movimento de esclarecimento e luta pela emancipação da *mulher e do homem* como se lê neste prospecto com data de 8 de maio de 1903, e o título *PROCRIAÇÃO CONSCIENTE*, distribuído pelos libertários (homens e mulheres) no Brasil. Eis um dos seus parágrafos: “As mulheres libertadas da escravidão natural da fecundidade participarão das alegrias da luta pela emancipação ao lado dos seus companheiros. Nos lares entrará um pouco mais de bem-estar, e o homem e a mulher reconciliados pelo *amor* voluntariamente estéril, encaminhar-se-ão juntos para futura cidade da abundância e da Liberdade”⁸.

Três anos mais tarde (para pular datas), no ano de 1906, novo panfleto apelava a todas as consciências livres: “Exploradas ainda mais do que os homens, subjugadas mais do que eles a um horário insuportável, forçadas a submeter-se às mais brutais vexações, elas, as mulheres operárias, vegetam inconscientemente em um ambiente embrutecedor.

6. Páginas 171-2 de *A Questão Sexual*, de Jaime Brasil. Reforçam esses dados escabrosos da Igreja contra as mulheres: *A História dos Papas, Reis e Rainhas*, de Maurice Lachatre; *Ingênuo/Cândido* de Voltaire, *Mentiras Trifantes*, de Sartre Joia, e o testamento do historiador Mateus Paragi, monge beneditino e outros divulgadores da devassidão de Roma, como o padre Guilherme Dias, português, exilado e falecido no Brasil. Os livros de Guilherme Dias têm os títulos *Ecos de Roma* (1903) e *Vozes da História* (1906).

7. *A Questão Sexual*, de Jaime Brasil, p.175.

8. Movimento influenciado pelo jornal anarquista Francês *Regénération*, nº 27. Rue Dués, Paris, XX. Para o Brasil era assim anunciada: “Assinatura 1,5 francos ano. Brochuras de 16 páginas ilustradas (5 francos cada) com ensinamentos para evitar grandes famílias. Amor Livre, Livre Maternidade – População e Prudência Procriadora – Educação Integral, Contra a Natureza, o Neomaltusianismo – Próxima Humanidade, eram alguns dos ensinamentos que vinham da França pelas mãos de anarquistas e distribuídos nos meios operários no início do século 20.

São mocinhas costureiras e modistas que se submetem a permanecer até às 10-11 horas da noite nos ateliês, com o peito frágil curvado sobre o trabalho que deverá *tornar bonita a mulher, e amante do burguês*: são mulheres envelhecidas antes do tempo por serem obrigadas a ficar por 13-14 horas do dia na fábrica de tecidos a respirar os miasmas assassinos; são moças trabalhadoras em obras de carregação forçadas a conservar-se o dia inteiro, e parte da noite, pregadas à máquina de costura para depois receberem em troca de tão pesado trabalho *não dinheiro, mas mercadorias as mais das vezes impréstáveis, sempre, porém calculadas ao triplicado do seu valor real* (na época os salários eram de \$500 a 2\$000 diários)“.

Nas indústrias (fábricas), no trabalho do campo, nas casa de família, entre outras profissões, as mulheres assalariadas não tinham horários fixados (nem os homens!) e/ou pagamentos regulares. Por isso, mulheres com 30 anos de idade aparentavam ter 50, 60 anos, eram velhas carregadas de filhos, sem condições econômicas de educar, instruir e alimentar *um!!!* E ainda viviam em casa de cômodos, de pau-a-pique e depois nas favelas que se formavam e crescem até hoje nas encostas dos morros, debaixo de viadutos. Nessas pocilgas faltava água potável, esgotos, luz, ar renovado, escolas, assistência hospitalar para dar um mínimo de condições humanas de vida.

Hoje, já no século 21 não é diferente e as favelas aumentaram surpreendentemente, revelando uma pobreza contida que logo mais é capaz de tomar as cidades... O que melhorou, efetivamente, foi a redução do horário de trabalho, os pagamentos salariais em dia certo, alguns conhecimentos de higiene e aumentou o número de escolas. Assim mesmo as poucas melhoras se devem aos movimentos e às lutas sindicalistas revolucionárias, aos anarquistas que, pela ação direta, obrigaram políticos e o patronato a rever os métodos escravagistas e aprovar leis mais “benevolentes”...

Na primeira e segunda décadas do século 20, o Centro Feminino Jovens Idealistas já advogava: “Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que esta emancipação só se conseguirá mediante *a instrução racional e científica* e, pela luta consciente em prol dos seus direitos e reivindicações, este Centro propõe:

1º – Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas de sexo feminino;

2º – Manter nas mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as instituições cujos fins tendam à emancipação da humanidade;

3º – Trabalhar no sentido de instruir e educar as mulheres para assim elevar-lhes o caráter e torná-las aptas a conquistar a sua emancipação.

Para esse fim empregará os seguintes meios:

a) Criará escolas gratuitas para as jovens e meninas que desejem instruir-se;

b) Fundará bibliotecas, editará publicações de propaganda, educação e regeneração social;

c) Organizará conferências, festivais instrutivos e recreativos etc. etc”.

E ainda nas mesmas décadas foi divulgado pelas mulheres libertárias seus propósitos revolucionários nos seguintes termos: “O momento não comporta fraqueza. Urge trabalhar, agir, e deveis agir no sentido de que vosso companheiro seja uma unidade ativa no meio social, a lutar pelo advento de uma sociedade, em que não haja homens famintos, mulheres tuberculosas e criança esfarrapadas. Só assim a família que constituirdes será digna do futuro para que caminhamos: família livre na Humanidade. Livre, sobre a Terra Livre !!!”

Em nossa breve incursão pela história que começou lá atrás, nos porões e confessionários do Vaticano e, daí irradiou a escravidão da mulher e do homem, encontramos no caminho, movimentos libertários com mais de *um século de história e lutas pela emancipação de mulheres e homens*. Logo, dizer-se que a liberdade da mulher começou nos anos 70 é ignorar os movimentos sociais no Brasil, ainda no final do século 19, e revela-nos:

a) que as feministas acadêmicas e outras mulheres nada sabem da luta das operárias, ignorando um século de esforço das mulheres no Brasil; pensam que foram elas quem descobriram a existência dos machões chauvinistas nos anos 70; antes delas não haviam escravas femininas; ou

b) As feministas intelectuais não reconhecem as mulheres empregadas domésticas que tomam conta dos seus filhos e faz sua comida; das costureiras, faxineiras, camponesas, as varredoras de rua e catadoras de papel que criam filhos nas lixeiras; dos trabalhadores braçais, seus companheiros, que constroem suas moradias, pavimentam as ruas por onde passam, montam e consertam automóveis e até fazem o papel, as tintas e imprimem os livros onde estudaram.

Em síntese, com estes entendimentos desfocados, as mulheres e homens que lutaram pelas oito horas de trabalho diário, os açucareiros

fechados nos bares (antes eram abertos e serviam álcool), pelo direito de não usar chapéu por achá-lo anti-higiênico, de acidentes de trabalho obrigatório, pagamento de férias e dia certo, acabaram efetivamente com a escravidão dos trabalhadores, que acabaram com o trabalho aos domingos após a luta de lado a lado com as feministas de 1970? *É bom explicar essa ironia.*

Será que não está na hora das "celebridades" e outros a descerem do *salto Luís XVI*, e juntos, homens e mulheres, fazerem um **MUNDO NOVO?**

Rio de Janeiro

MATERIALISMO CLERICAL

Os reverendos fazem a apologia das suas doutrinas espirituaes, affirmando que a sua patria não é deste mundo.

Entretanto, é interessante conhecer o commercio que elles fazem com a salvação das almas.

Estudemos, pois, a tarifa elaborada pelo papa Leão XXII:

"Preço de um incesto: gr. 6 (absolutio pro eo qui matrem, sororem aut commatrem carnaliter cognovit, ou, em portuguez: absolvição do homem que conhecer carnalmente sua mãe, irmã ou qualquer outra parenta sua consaguinea, affim ou comadre.

"De assassínios commettidos contra a pessoa do pae, mãe, irmão ou irmã: por cada um 4 tornezas, um ducado e 8 carlines.

"Cae na taxa de parricidio o que matar a mulher, e custalhe a dispensa para casar com outra, depois de ter matado a consorte: 8 tornezas, 2 ducados e 9 carlines.

"O pai ou mãe, que suffocar uma creança, filha sua, pagará 4 tornezas, 1 ducado e 8 carlines. E, si marido e mulher o fizerem de companhia, sóbe o preço a 6 tornezas e 2 ducados.

"A reabilitação de um hereje obtem-se por 36 tornezas e 9 ducados.

"Os sacrilegos, perjuros e a mais gente dessa massa, pagarão 36 tornezas e 9 ducados.

"Dispensa do juramento dado, a uma pessoa só e por um só contracto (relaxatio juramenti ad effectum agendi) 7 tornezas, 2 ducados e 3 carlines.

"Dispensa a religiosos, que pretenderem confessar religiozas de ordem extranha á sua: 15 tornezas e 4 ducados.

"A absolvição de voto de castidade eterna dá-se apenas no fôro da consciencia (in foro conscientiae tantum), sendo a taxa: 16 tornezas, 2 ducados e 6 carlines.

"Perdão de qualquer impudicia de clerigo com freira: 36 tornezas.

"A freira que por muitas vezes tiver commercio carnal, dentro ou fóra do recinto do seu mosteiro, será absolvida e reabilitada, ao ponto de lhe ficarem accessiveis todas as dignidades da ordem, inclusive a de abbadessa, mediante 36 tornezas e 9 ducados.

(Os artigos relativos ao peccado de luxuria, ainda em latim, affrontam desaforadamente a decencia).

"Pela confirmação de uma liga: 50 tornezas.

"Por peccado contra a natureza com brutos: 90 tornezas.

"O bispo que, tendo promettido e jurado fazer em certos annos uma viagem a S. Pedro de Roma, ainda não o cumpriu, fica obrigado a 12 tornezas, 3 ducados e 6 carlines.

"Para que um padre possa rezar o seu breviario ás avessas, antepondo o que elle traz posposto, e pospondo o anteposto: 9 tornezas, 2 ducados e 6 carlines.

"Para que um sacerdote regular possa usar camisa de linho, e dormir em lençóis de linho: 12 tornezas, 3 ducados e 6 carlines.

"Por dispensa a qualquer principe secular affim de comer elle e sua familia, carne de animaes mortos pelos sarracenos, preço: 30 tornezas, 7 ducados e 6 carlines."

Agora façam os clericos um exame de consciencia...

SOLIDARIEDADE HUMANA E ANARQUISMO

MÃES BRASILEIRAS, MULHERES DO BRASIL!

Doloroso e trágico presente, deixaremos transformar-se em foros de justiça... fascista, dentro da Constituição Brasileira, jurada ontem, se não nos opusermos, pertinentemente, se não protestarmos – até que consigamos a sua liberdade – contra o atentado inominável que a polícia política do Brasil acaba de cometer, prendendo, incomunicável, uma menina indefesa sob o pretexto de extremismo.

Mulheres brasileiras!

Geny Gleiser é uma operária. Geny é dessa classe explorada, cujos expoentes de caráter, de convicções, de coragem, são trucidados lá pelas matas da Tijuca, apodrecem no fundo dos cárceres ou nos porões dos navios, sem que os seus amigos ou camaradas consigam arrebatá-la ao seu martírio. Mas, os moços bonitos, da fina e alta sociedade, os vossos filhos, filhos de altas patentes militares, de políticos, de capitalistas, de diplomatas, os filhos de papai, esses têm o direito (de classe...) de gritar alto as suas convicções de comunistas ou integralistas, vestem a camisa verde do fascismo nacional, sem que, por isso, a polícia política os incomode.

Por que, oh esposas de juizes, de chefes de polícia, de delegados da ordem social, oh mães que vos preocupais exclusivamente com os vossos filhos, esquecendo-se dos filhos das outras mães: – na sociedade injusta, cruel, sanguinária em que vivemos há apenas duas classes sociais: a dos trabalhadores manuais e a dos exploradores dos braços humanos.

Mas os tempos são chegados...

Observai bem o que se passa no mundo. Notai, mulheres brasileiras, que os tempos estão mudados. Na Alemanha nazista, grandes damas da “alta e boa sociedade”, ainda dentro do regime burguês defendido por vós, já foram degoladas a machado, como na Idade Média pela tirania paranóica de Hitler.

Vamos entrar no período de fogo de ciclo negro da transformação social. Daí a loucura coletiva dos dirigentes do mundo inteiro, daí o delírio do autoritarismo do Direito da Força contra o Direito do Viver das consciências livres que se abrem para um sonho mais alto de liberdade.

Ontem, São Paulo lutou contra todo o Brasil para exigir a Constituição brasileira e colocar o país sob o regime da legalidade. Hoje é a polícia política de São Paulo que salta por cima da Constituição, sob o pretexto de extremismo, martirizando uma menina operária indefesa encarcerada sem sumário de culpa, sem processo, cujo crime consistiu em comparecer a um Congresso de jovens.

Para que servem as leis? Onde anda a Constituição jurada por São Paulo? Em que pensam os juizes de menores desta terra?

Notai, oh mães brasileiras, que a juventude de hoje já não é aquela de uma geração atrás: um mundo novo está sendo forjado através da inquietação dos vossos filhos, cada qual buscando a solução para os angustiosos problemas sociais que nos atormentam a todos, neste momento amargurado por que passa a humanidade.

Somos a ponte entre dois ciclos da evolução humana.

A luta de classes já é uma dura realidade de hoje, para o princípio de um grande fim...

Se, até aqui, a burguesia das castas e do poder governou o mundo, tiranizou os oprimidos e explorou o trabalhador, de agora em diante, mulheres brasileiras, atentai bem, não haverá mais nenhuma consideração ao sexo, à idade, à fragilidade feminina, à riqueza ou à posição social.

A Itália de Mussolini, na sua fúria de rapinagem, acaba de decretar a "mobilização de experiência" de 10 milhões, incluídas as mulheres e as crianças!

Cuidado com as vossas filhas!... Hoje é Geny Gleiser a encarcerada incomunicável, amanhã será qualquer bonequinha de salão, dessas que fazem a delícia das vossas vidas de mães burguesas, indiferentes às desgraças do mundo inteiro.

Se hoje não vos preocupa o martírio inominável de uma menina, quase criança, sujeita, quem sabe, às maiores humilhações do cárcere comum, amanhã, oh mães, isso mesmo se passará com vossas filhas queridas.

Porque, oh mulheres da minha geração, a geração dos vossos rebentos é já o alvorecer do novo mundo. E, o que vos parece indisciplina, independência, imoralidade, loucura dos vossos filhos ou dos filhos das outras mães, o que não podeis compreender neles, é essa inquietação

moderna, resolvida a abalar os alicerces da sociedade brutal em que vivemos, em busca de uma vida nova, que há de vir, apesar do caos da reação do Direito da Força.

Esse anseio de Liberdade palpita angustioso no coração da juventude moderna. Geny Gleiser, mulheres brasileiras, é judia. É descendente dessa raça de titãs que renasceu das torturas medievais. No Brasil, oh mulheres desta terra maravilhosa de luz e de beleza, mulheres da terra fraternal que recebe os povos de todas as terras, no Brasil, não pode haver preconceitos de raça.

Somos a amálgama de todas as raças, de vários povos de todos os continentes. A perseguição a uma judia, é outro precedente aberto para dar forças ao fascismo nacional, sedento de um bode expiatório, para o seu delírio de crueldade, esse mesmo fascismo, irmão do nazismo alemão, o qual degola a machado também as mulheres lindas da alta burguesia...

Não! Mulheres do Brasil, não podemos consentir no atentado inominável à liberdade de uma criança, quase inconsciente, cuja exaltação emotiva, cuja inteligência, cuja coragem desafia a covardia do Direito da Força armada da polícia política – que teme o extremismo de uma menina franzina de 17 anos de idade.

Notai bem, mulheres de hoje, já é cadáver uma sociedade armada até aos dentes e que aponte como perigosa, à ordem social, uma menina, uma operariázinha modesta, uma adolescente, sexo frágil... nascida entre os párias desarmados...

A sociedade burguesa é impermeável, não chega a compreender que uma menina nascida na Romênia, naquela terra descrita magistralmente por Panait Istrati, no seio da miséria e dos cardos de Baragan, uma menina que viu sua mãe se suicidar porque não pôde ver os filhos morrerem de fome, a mentalidade burguesa não chega a compreender que uma menina dessas viveu 100 anos e busca por toda parte a solução para os problemas da miséria e das injustiças sociais.

Não compreende que, sofrimentos tais, torna a juventude encouraçada contra todas as tiranias.

Atentai ainda, mulheres brasileiras, vós que não conheceis os cardos de Baragan, vede bem: de 1924 para cá, aqui mesmo, entre nós, as prisões têm sido abertas para receber mulheres da boa sociedade, artistas e intelectuais da pequena e da alta burguesia, e o exílio tem abrigado políticos "eminentes", deputados, senadores, presidente da República... jornalistas, delegados da Ordem Social... E quantos deles se na hora da troca de donos?

O mundo está às vésperas de notáveis transformações de valores.

Não apelamos nem mesmo, para a emotividade proverbial ou para a generosidade tão decantada, em prosa e verso, da mulher brasileira,

mas, apelamos para o vosso egoísmo de mães: se quereis a liberdade dos vossos filhos, defendei a liberdade dos filhos das outras mães. Se quereis a felicidade do vosso lar, lembrai também dos lares desgraçados, onde a dor se alojou na tortura de um pai que viu suicidar-se a mulher, vencida pela miséria, e vê, hoje, a filha martirizada pelo crime inominável de buscar, por toda a parte, a solução para o problema da solidariedade humana de fraternidade universal.

Não se discutem agora, as idéias políticas ou as convicções de uma menina que conheceu a desgraça ainda quase no berço e é por isso, que aprendeu a pensar.

Sim, porque, quem nasceu entre os trapos da miséria não sabe olhar o mundo como os que se divertem no Copacabana Palace...

Daí que os altos chefes de polícia e os juizes de menores não podem conceber como uma menina de 17 anos possa pensar em Congressos, porque as suas filhinhas só pensam em corridas de cavalos, em bailes e nas lindas fantasias para o carnaval... Dois mundos antagônicos.

Mas, saibamos pelo menos respeitar o heroísmo de uma operarizinha de 17 anos que, depois de trabalhar o dia inteiro, à noite procura instruir-se em uma escola noturna ou frequenta Congressos, para aprender o que é sociologia, economia política ou o que significa materialismo histórico.

Geny Gleiser é um símbolo: o da nova geração de avanguardistas.

Não! Mulheres Brasileiras! Não podemos consentir em tamanha barbaridade.

Se dentro de 10, de cinco anos, o mundo capitalista entrar na fase final da sua agonia, pela incapacidade burguesa de solucionar o problema social da equidade econômica, as vossas filhas serão também atiradas no sorvedouro do naufrágio de um ciclo histórico. Serão engolidas no torvelinho, sem a sua incapacidade de compreensão e egoísmo as embotar dentro do poder, da autoridade ou da reação. Mas sairão rejuvenescidas da luta construindo o mundo novo, se a sua inquietação e a sua generosidade as impelir a ser solidárias com todos os avanguardistas de todos os matizes, todos os que sonham com a fraternidade humana – onde haverá pão para todas as bocas e um raio de luar para cada consciência.

É com um mundo desses que sonhou Geny Gleiser, onde a sua mãezinha não se suicidaria porque viu com fome a sua filhinha querida...

Vamos, mulheres da minha terra, mulheres da nossa terra tão grande que pode abrigar povos de todas as terras; arranquemos do cárcere essa menina que já não tem mãe e que bem podemos adotar como filha. E não faremos mais do que o nosso dever de mulheres e de mães que se prezam de o ser.

E mandemos, num beijo maternal, duas palavras a essa menina-mártir.

Geny Gleiser: Neste momento, todas as mães brasileiras conscientes reivindicam um pouco dos direitos maternais da tua mãezinha que morreu amargurada, na tortura inominável de te ver com frio e com fome, naquela terra infeliz dos cardos de Baragan. E não descansaremos, enquanto não te restituirmos à liberdade a que tens direito.

Responsabilizamos a polícia política e acusamos os detentores da tua liberdade, se a tua saúde se ressentir ou se um traumatismo te fizer sangrar os nervos na tortura da tua imaginação de adolescente.

O nosso coração está junto do teu coração. Até breve, Geny Gleiser.

Maria Lacerda de Moura

19/09/1935



Empacotamento de café no porto de Santos
Carregando de uma só vez duas sacas de 60 kg. (Fotos: c. 1909)



Reunião de trabalhadores em fazendas de Ribeirão Preto (café), no final do século 19 e começo do século 20: homens, mulheres e crianças.

PRIMEIRA PARTE

“Enquanto os raios da Verdade não penetrar no âmago dos corações,
o homem precisará procurá-la onde quer que ela se encontre”.

Schiller

AS MULHERES NA COMUNA DE PARIS

Existem datas que se perpetuam!

A Comuna de Paris é uma delas, das mais empolgantes no calendário histórico-político-social que a humanidade registrou.

Produto de uma sementeira liberal de longa data, ganhou raízes, começou a germinar entre operários e intelectuais de vanguarda. Evoluiu, realizou congressos, fez-se movimento, ganhou velocidade e ação.

Responsável por esta energia ideológica, o proletariado francês não podia aceitar a traição dos generais que abandonaram a França às hordas militares prussianas. Thiers, para obter a paz, ofereceu-lhes as chaves de Paris, cinco milhões de francos e a Alsácia e Lorena. A capitulação fora anunciada em 28 de janeiro de 1871, pelo Governo de Defesa Nacional. Mas o povo de Paris não aceitou a rendição!

A França proletária não podia suportar tanta covardia militar, desafia o inimigo invasor e no dia 18 de março de 1871, o povo de Paris proclamou a Comuna! Operários e camponeses de todo o país foram convocados para ajudar na “liquidação do governo de traidores, a fim de que cada um fosse dono de seu próprio destino”.

Estava feita a revolução popular! Agora era só consolidá-la!

Ouçamos uma das mulheres que lutou na Comuna: Louise Michel: “Ao romper da aurora ouvia-se tocar o rebate: marchávamos a passo de carga, sabendo que íamos ao encontro do poderoso exército que se alinhava em posição de batalha”.

“Sentíamo-nos como se não pisássemos a terra, porque acreditávamos que íamos morrer pela liberdade. Depois de nossa morte, Paris inteira

se levantaria de armas na mão para se defender ou morrer pela causa. Em certas horas, as massas constituem a vanguarda do oceano humano.

“O horizonte estava aureolado por uma suave luz branca, um esplêndido amanhecer de libertação. De repente, ao nosso lado, marchando conosco, vi minha mãe e senti uma angústia espantosa; inquieta tinha vindo, todas as mulheres estavam ali, marchando nas fileiras da liberdade, ao encontro da morte. Mas não era a morte que nos esperava lá no alto da colina onde o exército já dispunha os canhões para juntá-los aos de Batignolles, tomados durante a noite: era a surpresa de uma vitória popular.

“Entre nós e o exército, as mulheres se lançam sobre os canhões e metralhadoras: os soldados surpreendidos por este heroísmo, permanecem imóveis.

“Enquanto o general Leconte ordena aos soldados que façam fogo sobre a multidão, um suboficial, saindo das fileiras, pára em frente à Companhia sob o seu comando e grita abafando a voz de Leconte: Culatras arriba! Os soldados obedecem. Era Verdaguerre, a quem, sobretudo, por essa atitude, se fuzilou em Versalhes meses depois”.

Secundando a vitória, os Comuneiros distribuíram a sua “Declaração ao Povo Francês”, da qual traduzimos o seu fecho:

“A revolução Comunalista, começada por iniciativa popular em 18 de março, inaugura uma era nova de política experimental, positiva e científica.

Apelamos, por isso, para toda a França.

Lembrem-se que Paris em armas possui tanta calma como bravura; que sustenta a ordem com tanta energia como entusiasmo; que se sacrifica com tanta razão como heroísmo; que não se armou para lutar pela liberdade e pela glória de todos.

Quanto a nós, Cidadãos de Paris, temos a missão de completar a revolução moderna no sentido mais largo, mais amplo e mais fecundo de todas as revoluções que têm iluminado a história.

Impõem-se-nos o dever de falar e de vencer.

Paris, 19 de abril de 1871”.

Para o geógrafo e anarquista Elisée Reclus, participante da Comuna e condenado à morte por isso, pena trocada por sua expulsão do país atendendo aos apelos dos homens de ciência do mundo, viu neste movimento “superioridade a todas as revoluções que a precederam, inclusive o estoicismo dos que foram fuzilados junto ao ‘Muro dos Federados’, no Cemitério Pere Lechaire em Paris”. (*Em Cuba alguns muros usados por Fidel Castro para fuzilar “inimigos” passaram à história como “El Paredón”.*)

A experiência durou 55 dias, tempo suficiente para registrar a participação valiosa das mulheres, de cujo rol extraímos alguns nomes: Natalia Le Mel, sofreu deportação na Caledônia; Marie Ferré, condenada a trabalhos forçados por toda a vida; Linna Houseu, condenada à morte; Ristoff, condenada à morte; Marchais, condenada à morte; Suetans, condenada à morte; Marguerite Diblanc, condenada à morte; Laure, Hortense Daud, Vautrain, Leroy e Marie Cayen, condenadas a trabalhos forçados por toda a vida.

Deportada para a Caledônia foi também Louise Michel, professora, poetisa, escritora e jornalista libertária, cuja participação na Comuna de Paris foi das mais evidentes.

Condenada à deportação Louise Michel pediu que a fuzilassem com suas companheiras mas não foi atendida.

Em sua homenagem, e por extensão a todas as mulheres comuneiras, vamos inserir, neste trabalho, suas próprias palavras:

“A proclamação da Comuna foi esplêndida. Não era a festa do poder, mas a cerimônia do sacrifício. Sentia-se que os eleitos eram votados ao martírio e à morte.

A tarde de 28 de março, sob um sol magnífico que recordava a aurora do 18, o 7 Germinal, ano 79 da República, o povo de Paris, que a 26 havia elegido a própria Comuna, inaugurou a sua entrada no Palácio da Cidade.

Um vasto oceano humano em armas, as baionetas em riste e espessas como um campo de espigas; o clangor dos clarins e os tambores que, ruflavam em surdina, o bater dos dois caixas inimitáveis de Montmatre, aqueles mesmos que na noite em que entraram os prussianos acordaram Paris; as baquetas espectrais e os seus punhos de aço evocavam sons estranhos.

Mas desta vez os sinos estavam mudos; o pesado troar dos canhões, em intervalos compassados e regulares, saudavam a Revolução.

E as baionetas se abaixavam ante a bandeira vermelha dos comuneiros, que em grupo circundavam a estátua da República.

Ao alto um grande pendão vermelho. Os batalhões de Montmartre, Bellevile e La Chapelle trazem as suas bandeiras nos barretes frígios.

Dir-se-iam recrutas de 93.

As baionetas cada vez mais compactas ocupavam também as ruas laterais; a praça estava repleta, semelhante a um campo de grão. Qual seria a messe?

Toda Paris em pé. Os canhões, a intervalos, fazem ouvir os seus estampidos. Numa tribuna está o Comitê Central. Em frente os membros

da Comuna, todos com faixa vermelha. Poucas palavras entre um tiro e outro da artilharia.

O Comitê declara findo o seu mandato e entrega o poder à Comuna. Faz-se um apelo aos eleitos. Um clamor enorme se eleva: Viva a Comuna! Os tambores batem o sinal de combate, os canhões rompem os raios do sol.

- Em nome do povo - disse Ranvier - foi proclamada a Comuna!

Tudo foi grandioso neste prólogo da Comuna; a morte devia consagrar-lhe a apoteose. Nada de discursos: mas um só grito, imenso e retumbante: Viva a Comuna!

Todas as bandas de música tocam a "Marselhesa" e o "Canto da Partida". Um furacão de vozes repetem-lhe o estribilho. Muitos velhos abaixam a cabeça. Dir-se-ia que ouviam a voz dos mártires da liberdade.

São homens de junho e de dezembro, alguns já todos brancos, outros de 1830. Mabile, Malezieux, Cayol.

O único poder que poderia ter feito qualquer coisa era a Comuna, composta de homens de inteligência, de coragem, de honestidade a toda a prova, de devoção e de energia.

Mas o poder os manietou, não lhes deixando senão a sua indomável vontade para o sacrifício: souberam morrer heroicamente. Todo o poder traz em si o gérmen da destruição. Por isto mesmo é que eu sou anarquista.

Louise Michel".

Contra os fuzilamentos e assassinatos de cerca de 35.000 revolucionários e as deportações em massa de Comuneiros, choveram protestos, explodiram manifestações de repúdio em vários países.

Apesar do clamor universal, em 1876 o parlamento francês, intoxicado pelo ódio aos Comuneiros e ao povo que pretenderam dispensar seus serviços, rejeitou por 442 votos contra 50 a proposta de anistia para os presos da Comuna apresentada por Raspail.

Restituídas à liberdade as mulheres da Comuna continuaram sua caminhada. Louise Michel destacou-se pela sua luta emancipadora, merecendo ataques pessoais e ideológicos do historiador português Manuel Pinheiro Chagas, publicados pelo jornal *O Repórter* de 25 de janeiro de 1888, acabando por levar uma bengalada (?) ou cair de susto ferindo-se na cabeça.

O episódio resultou na prisão de vários anarquistas, um rumoroso julgamento de três deles e a condenação de Manuel Joaquim Pinto a 18 meses de prisão, em 16 de junho de 1888.

Louise Michel morreu em 10/01/1905.

Não é exagero dizer-se que a Comuna de Paris foi obra de homens e mulheres que lutaram e morreram lado a lado.

(*Gazeta do Sul* – 19/03/1983)

AS MULHERES NA TRAGÉDIA DE CHICAGO

(01/05/1886 – 11/11/1887)

Faz, em 11 de novembro do ano em curso, 94 anos, quase um século, que o proletariado sofreu um dos mais duros golpes de sua história.

A tragédia começou na Praça Haymarket, América do Norte, quando elementos libertários discursavam perante uma multidão de cerca de 340.000 trabalhadores que pretendiam conquistar a jornada de oito horas de trabalho.

O lema dos oradores do 1º de Maio de 1886, era:

“Oito horas de Trabalho!”

“Oito horas de Repouso!”

“Oito horas de Educação!”

Seu desfecho foi um saldo de 100 mortos e feridos e a condenação à morte por enforcamento, de cinco anarquistas: Albert Persons, Luiz Lingg, Adolpho Fischer, Jorge Engel e Augusto Spies; dois à prisão perpétua: Miguel Schwab e Samuel Fielden; e Oscar Neebe a 15 anos de prisão.

Muita gente contribuiu para que esta tragédia se perpetrasse: O *Chicago Times* com a sua campanha sórdida contra os operários; a polícia; o falso testemunho do Capitão John Bonfield e dos civis Setinger, Jassen e Shea; o condicionamento dos 979 jurados; a crença reacionária do promotor público Grinnell e do Juiz Gary, e a obediência cega dos carrascos.

O enforcamento deu-se às 11h50min do dia 11 de novembro de 1887 e a 25 de junho de 1893, o governador do Estado de Illinois, Johan P. Altgeld anulou a condenação e ordenou a libertação dos três prisioneiros, mas as vidas de Lingg, Parsons, Fischer, Engel e Spies não foram devolvidas.

Muitas mulheres acompanharam esta tragédia emocionante, inclusive a esposa e os filhos de Parsons e a mãe de Luiz Lingg.

O próprio Oscar W. Neebe declarou perante o tribunal: “Não estive no Comício da Praça Haymarket”.

“Não nego que estive entre os padeiros e cervejeiros de Chicago, na luta pela conquista de melhorias de salário e redução da jornada de trabalho”.

“Se isso é crime, prefiro morrer a ser condenado à prisão”.

“Tenho esposa e filhos; se souberem que seu pai está morto, enterrá-lo-ão. Poderão ir até à cova e sentar-se a seu lado, mas não poderão ir à penitenciária ver seu pai, condenado por um crime com que nada tinha”. Mostrando-se à altura da grandeza moral dos condenados, a esposa de Albert Parsons declarou em pleno tribunal: “Se de mim depender que Albert peça perdão, que o enforcuem!”

Mostrando-se de uma grandeza impressionante, a mãe de Luiz Lingg escreveu-lhe: “Depois de tua morte continuarei tão orgulhosa de ti como estou hoje. Declaro mais: se eu fosse homem, teria feito o mesmo que tu”. E sua tia declarou à imprensa: “Suceda o que suceder, não te mostres débil diante desses miseráveis”.

Por essa época (1886) chegava a Rochester, Estados Unidos, a jovem Emma Goldman, 17 anos de idade, nascida na província russa de Kovno. Tocada pela campanha das oito horas de trabalho, impressionada com a oradora socialista Joana Grey, em defesa dos Mártires de Chicago, adere ao anarquismo. Tornou-se uma oradora vigorosa e como Joana Grey defende ardorosamente a inocência dos cinco libertários enforcados em novembro de 1887.

Em 1893, exatamente no mesmo ano em que se reconhecia publicamente a inocência dos oito condenados e punha-se em liberdade três deles, Emma Goldman era condenada em Nova Iorque a um ano de prisão por defender as idéias daqueles mártires.

Morreu quando ia completar 71 anos de idade, a 14 de maio de 1940, em Toronto, Canadá, e os seus admiradores sepultaram-na ao lado do túmulo dos Mártires de Chicago responsáveis pelas convicções libertárias da imigrante russa, transformada no curso dos anos, numa das mais combativas propagandistas do anarquismo.

Tocada emocionalmente pelos acontecimentos do 1º de Maio de 1886, outra jovem de 17 anos, Voltairine de Cleyre (1869-1912), nascida em Michigan, Estados Unidos, filha de pai francês, fez-se anarquista e começou a defender as idéias dos Mártires de Chicago.

Morreu anarquista convicta e feminista como Emma Goldman.

Por suas idéias, Voltairine de Cleyre conheceu os horrores das prisões americanas, mas nem os rigores dos cárceres, nem as perseguições das autoridades lhe alteraram a conduta ou dobraram a grandeza do seu caráter, forjado no calor das doutrinas libertárias defendidas e proclamadas pelos Mártires de Chicago em pleno tribunal, que tanto a impressionaram e fizeram dela uma idealista.

Mas o caso mais polêmico ligado aos Mártires de Chicago é o da jovem aristocrata, Nina Stuart Van Zandt, que no curso do processo se

apaixonou pelo anarquista Augusto Spies, autor do pronunciamento gravado no Monumento erigido no Cemitério de Waldheine, Canadá, onde repousam os restos dos cinco libertários: “Não tardará o dia em que o nosso silêncio será mais eloqüente do que as nossas vozes que acabais de sufocar”.

Tão logo começou a caçada aos anarquistas pela polícia americana, no dia 4 de maio de 1886, a imprensa burguesa redobrou a campanha de difamação contra os elementos de vanguarda proletária, acusando principalmente os anarquistas e os operários membros da Primeira Internacional dos Trabalhadores.

Denúncias, acusações e calúnias postas a correr pela imprensa de Chicago sacudiu e convidou o povo a tomar posições contra e a favor dos prisioneiros libertários.

Indiferentes ao plano maquiavélico da burguesia e das autoridades, os anarquistas portavam-se com a maior dignidade, à altura da Ideologia que defendiam.

Um dos gestos que impressionou profundamente as camadas popular e liberal foi o de Albert Parsons. No dia da explosão (veja-se o livro *A Bomba*, de Frank Harris), conseguiu fugir para Wisconsin, onde ficou a salvo dos perseguidores. Mas quando soube das acusações contra seus companheiros voltou voluntariamente para Chicago e foi entregar-se em pleno tribunal, juntando-se a eles dizendo: “*Se é necessário subir também ao cadafalso pelos direitos dos Trabalhadores, pela causa da liberdade e para melhorar a sorte dos oprimidos, aqui estou*”.

A intensidade das denúncias burguesas e policiais, os debates em torno da greve de 1º de Maio e as declarações firmes, as convicções corajosas, serenas e conscientes dos anarquistas, levou a jovem aristocrata Nina Stuart Van Zandt a trocar cartas com Augusto Spies e a visitá-lo diariamente na prisão, apaixonando-se pelo homem e pelas suas idéias.

Muita gente começou então a visitar os prisioneiros libertários. Uns por curiosidade, outros para conhecer os anarquistas e, uma massa de trabalhadores, por solidariedade.

Diante da corrida inesperada, as autoridades baixaram ordem limitando as visitas às esposas e às mães dos presos.

Nina ficou impedida e não hesitou um instante: propôs casamento a Augusto Spies para, como esposa, poder visitá-lo até ao último dia de vida. Casaram-se!

E quando seus familiares e a gente do seu mundo social a criticava por se apaixonar e casar com um anarquista condenado à morte, a jovem Nina Stuart Van Zandt respondia: – “Prefiro a censura desta sociedade, cuja moral não lhe permite compreender um verdadeiro amor, alimentado

também pela afinidade de idéias e pela desgraça, a casar-me com algum velho vicioso e inválido, possuidor de grandes riquezas, merecendo desses ‘moralistas’ muitas felicitações”.

(*Gazeta do Sul* – 14/11/1981)

EMMA GOLDMAN: ANARQUISMO, AMOR PLURAL

Na versão de Elisabeth Souza Lobo – Ed. Brasiliense – o anarquismo perde terreno para o *Amor Plural* de Emma Goldman.

É claro que, essa inversão de valores e a projeção subjetiva da autora na feminista “eleita”, não empanam o mérito de sua obra, principalmente levando-se em conta, o espaço em que se movimenta 94 páginas.

A publicação de obras sobre *Amor Livre*, como o periódico *Procriação Consciente* (hoje denominada família programada), escandalizou a França e provocou a prisão dos editores e o fechamento do jornal anarquista.

O eco deste episódio alcançou os Estados Unidos, ganhando seguidores.

Por essa época, John Most, encanador alemão, embarcava para Nova Iorque, começando ali a publicar *Die Freiheit (A Liberdade)* no ano de 1882, anteriormente editado na Inglaterra, onde esteve exilado desde 1876 apoiando também a liberdade sexual.

Emma Goldman chega a Rochester, Estados Unidos, em 1886. Tinha então 17 anos. Não conhecia o idioma inglês.

Apesar disso, soube do atentado de Haymarket, Chicago, da prisão, julgamento e condenação dos anarquistas. Sem convicções ideológicas – tudo nela era revolta ainda – foi atraída, no ano de 1887, pelos discursos inflamados de Joana Grey, oradora socialista, em defesa dos mártires de Chicago.

Soube também que Nina Stuart Van Zandt recusou casar-se com um milionário para juntar-se à campanha em defesa dos anarquistas, e, quando proibida de visitá-los, casou-se com o condenado à morte Spies, para ter acesso ao seu cárcere, ouvi-lo, defendê-lo publicamente, escandalizando a aristocracia com suas declarações explosivas à imprensa. Impressionou-a a firmeza de Lucy E. Parsons, esposa do mártir de Chicago, de igual sobrenome e o comportamento e declarações da mãe de Luiz Lingg.

Nos três anos seguintes, Emma casou-se com um jovem que falava russo; não deu certo, separou-se e foi para Nova Iorque em 1889.

Ali, conheceu duas personalidades importantes em sua vida: os anarquistas John Most e Voltairine de Cleyre. Forma suas convicções libertárias.

Voltairine fazia campanha em defesa de Moses Harman, condenado a cinco anos de prisão por ter escrito e publicado o artigo "Escravidão Sexual da Mulher" na sua revista *Lucifer*. Emma ficou entusiasmada com esta defesa.

No ano de 1890, Lucy E. Parsons publica *Freedom (Liberdade)* e Voltairine adere à luta desta idealista libertária, colaborando, no seu jornal, em defesa do anarquismo e do *Amor no Plural* (não confundir com mulher na propaganda comercial ou objeto sexual).

A partir de 1890, Emma Goldman começou a viver intensamente as idéias anarquistas, discursando, defendendo a "ação direta" e os atos de violência contra a violência. Em 21 de outubro de 1893, foi chamada a comparecer à Corte de Justiça e Voltairine de Cleyre escreve um folheto intitulado: *Em Defesa de Emma Goldman e do Direito de Expropriação*.

Por processos diferentes, as duas anarquistas-feministas continuaram sua caminhada em defesa das idéias libertárias.

Voltairine foi a Londres em missão de propaganda, no ano de 1898 e, na volta, encontra-se em Saint Louis com Emma Goldman que fazia o mesmo.

Em 1906, começa a publicar-se *Mother Earth (Mãe Terra)* sob a direção de Emma Goldman, com a colaboração de Voltairine.

Mais preparada intelectualmente e menos resistente fisicamente do que Emma Goldman, Voltairine foi ultrapassada no terreno da ação pela companheira.

Mas sua amizade não diminuiu. Em 1927, Emma escreveu um esboço biográfico da amiga e no ano de 1932 Joseph Ishill publicou folheto, em inglês, de autoria de Goldman intitulado: *Voltairine de Cleyre*, o que mostra entre as duas feministas-anarquistas uma afinidade muito maior de que a descoberta por Elisabeth Sousa Lobo.

Outro ponto que a autora de *Emma Goldman* não esclarece suficientemente, é quanto às afirmações de Victor Serge: se foram feitas quando amigo de Lenin e escrevia folhetos, convidando os anarquistas a aderirem ao bolchevismo, merecendo uma série de artigos de José Oiticica em *A Plebe*, de São Paulo, 1922/23, analisando seu comportamento e contradições ou, se depois que chegou ao México com o estigma de traidor e "umas boas férias passadas nas prisões de Tcheka". A mesma dúvida persiste com relação à Angélica Balanova: não diz se

toma suas declarações quando formava a “Troica” da 3ª. Internacional em 1919 ou depois que foi expulsa.

Quanto a John Reed, também não se fica sabendo se o que ele disse foi quando defendia a implantação do bolchevismo ou depois de sua prisão em Lubjanka, por discordar de Zinoviev e/ou durante sua tentativa de fuga do “paraíso soviético” a pé, morrendo pouco depois no “hospital, em circunstâncias misteriosas” (até hoje, sua morte não foi devidamente esclarecida para muitos investigadores).

Elisabeth Sousa Lobo comete outros equívocos por ter colhido alguns dados em fontes de pouca credibilidade ou exagerar (?) na interpretação.

Em Emma Goldman, *a militante, a anarquista e a feminista* estavam fundidas numa só pessoa.

Por isso, escreveram no seu túmulo no Cemitério de Waldhein: “*A Liberdade não descerá ao povo; o povo é quem terá de conquistar a Liberdade*”.

Usando o critério da autora (que só descobriu em português um texto de Emma Goldman, publicado em Porto Alegre, e um artigo em *O Estado de São Paulo*), indico-lhe:

1 – *Ação Direta*, março de 1952, Rio de Janeiro, publicou biografia e artigo de Emma – “Lenin, o Grande Jesuíta”;

2 – *A Plebe*, de São Paulo, ao longo de sua vida, publicou vários artigos de Emma Goldman, *O Libertário* fala de Nina Stuart Van Zandt;

3 – Jornais anarquistas do Rio Grande do Sul publicaram trabalhos de Emma Goldman e sobre ela;

4 – Edgar Rodrigues escreveu cerca de uma dúzia de livros; um deles (1980) inclui biografia de Emma Goldman; outro, insere tradução de parte da carta desta anarquista enviada para Neno Vasco, em São Paulo, no ano de 1911. No seu texto, trata da Revolução Mexicana e informa seu êxito nas excursões de propaganda e a venda de “40.000 exemplares de literatura anarquista”. (Essa valiosa carta escrita a mão, em inglês, por Emma Goldman existe no Rio de Janeiro). Os restantes livros do mesmo autor, incluem comentários, artigos e documentos de Emma Goldman ou sobre ela;

5 – Em Portugal, as coleções dos jornais *A Comuna*, *Aurora* e *A Batalha* e, mais recentemente, *Voz Anarquista*, de Almada, *Gazeta do Sul*, Montijo, e a revista *A Idéia*, de Lisboa, publicaram biografias e outros dados, tudo em português. *A Sementeira*, Lisboa, março de 1912, nº 41, com representante em Porto Alegre, também publicou excelente biografia de Emma, em português;

6 – Na Espanha, a revista *Acracia* (Barcelona, 1888) e *Ideas*, da mesma cidade, 1982, publicaram valiosos trabalhos;

7 – No Uruguai, *Voluntad* publicou em julho e dezembro de 1958 dois trabalhos biográficos; o primeiro de autoria de Pietro Gori (tradução) e o segundo assinado por Sérgio Albus, intitulado “Figuras de Relevo”. A revista *Solidaridad*, de Montevidéu, também falou de Emma Goldman;

8 – Na Argentina, a revista *Reconstruir; Comunidad Ibérica*, do México (1963) e a revista *Ruta*, da Venezuela, publicaram excelentes trabalhos sobre Emma Goldman. Esta última, cujo diretor chegou a viver alguns anos em Porto Alegre, além da biografia, estampa fotos de Emma em várias idades e *fac-símile* da capa de *Mother Earth*, vol. X, May, 1915, nº 3: ocupa cinco páginas com carta de Emma Goldman a Max Nettlau (o maior historiador do anarquismo) publicada pela primeira vez, e um excelente trabalho de Emma Goldman, intitulado: *Mi encuentro com Durruti*;

9 – *Correspondência Seleta de Joseph Ishill*, México, 1967, também insere cartas de Berkman e Goldman, datadas de 1927, endereçadas ao anarquista romeno Joseph Ishill, residente nos Estados Unidos desde 1909; podia se quisesse consultar, também, *O Anarquismo*, de George Woodcok (520 p.), Lisboa, 1971; *A Tcheka*, de Jorge Popoff, 1931, Porto Alegre; *La Bomba*, de Frank Harris, Montevidéu, 1947; *Deus Vermelho*, de Edgar Rodrigues, Porto, 1978; *A Verdade Sobre Kronstadt*, de S. M. Petriecheke, Lisboa, 1975; *Historia del Primeiro de Maio* (446 p.), de Maurice Dommanget, Argentina; *Diccionario del Anarquismo*, de José Peirats; *La Revolução Rusa en Ukrania*, de Nestor Maknó; *Carta de Piotr Kropotkin*, dirigida ao diretor do *New York Herald*, por ocasião do julgamento dos mártires de Chicago, e outras obras e trabalhos, para quem quer conhecer a dimensão da anarquista Emma Goldman que Elisabeth Sousa Lobo não procurou.

(*Cultura Libertária*, agosto de 1986, Espanha)

DUAS MULHERES – DOIS LIVROS

O primeiro é de Cândida Ventura: *O Socialismo que Eu Vivi*, edições O Jornal, Lisboa, 1984, 272 páginas, sendo 80 de documentos.

Cândida Ventura – como ela mesma conta – foi programada pela escola de ditaduras (no marxismo-leninismo-stalinismo do PCP) quando estudante universitária.

Formada, passou à clandestinidade, e fazer jus a um soldo que o governo da URSS lhe pagava com as mãos dos funcionários do PCP (Partido Comunista Português).

Foi presa pela PIDE, julgada e condenada pelo governo fascista de Salazar a cinco anos. “Adoeceu” na prisão, obteve autorização para buscar tratamento médico na França (favor que ficou devendo à PIDE e a Salazar. Se estivesse presa nos porões do “*socialismo real*”, jamais lhe concederiam esse benefício!!!) quando tinha cumprido três anos, embora a PIDE soubesse que o PCP estava mandando sua funcionária para trabalhar no exterior.

Conduzida e guiada pelo “aparelho do partido”, passou pela França e chegou ao país das “liberdades máximas”...

Depois foi mandada para a Checoslováquia.

Em Praga, na noite de 20 para 21 de agosto de 1968, assistiu à entrada triunfal de 600.000 homens, 6.000 tanques e 1.000 aviões da “Paz”, tudo comandado por “soldados e oficiais camaradas” da Rússia, da Polônia, da RDA (República Democrática Alemã), da Hungria e da Bulgária, dominando totalmente a Checoslováquia em 36 horas, esmagando seus camaradas checos que “teimavam” em desobedecer às ordens do Kremlin, desgarrando-se do rebanho em nome da “Liberdade” e da “Indepedência”...

Entrou para o PCP em 1937 e durante cerca de 40 anos. Cândida Ventura prestou serviços inestimáveis aos PCs, teleguiada desde Moscou. Viveu e viajou muito às expensas do trabalhador russo, muitos deles ganhando salários de fome, enquanto ela acreditava (?) que com suas “missões secretas” redimiria “as grandes massas”... Até 1976, fora e dentro do Comitê Central (entrou para o Comitê Central em 1949, foi afastada dele em 1954 por emitir sua opinião na “5ª. Reunião do Partido”, perdoada é reconduzida mais tarde ao seio do rebanho) e no exterior, proclamando sempre, exatamente princípios ideológicos que sabia não serem permitidos na União Soviética.

Combatia o Campo de Concentração do Tarrafal, as prisões portuguesas, combatia a PIDE (Policia Internacional e Defesa do Estado), a ditadura (nós também!!!) e justificava na União Soviética: campos de concentração, prisões e manicômios políticos: a famigerada GPU-KGB e uma ditadura sem precedentes no nosso planeta!

Cândida Ventura “lutava (?) pela paz, pela democracia, pelos direitos humanos, pela liberdade e pela felicidade das grandes massas trabalhadoras” nos países burgueses mesmo sabendo que na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) nada disso existia!!!

Aplaudiu entusiasticamente quando o Comitê Central do PCP proclamou: “O Camarada Stalin libertou a sua Pátria Socialista e toda a Humanidade da barbárie fascista, salvou a civilização e libertou centenas de milhões de pessoas dos sofrimentos atrozes nos Campos de Concentração

(não aludia aos 500 Campos de Concentração existentes na URSS!!!), da opressão e do terror infames"... "Seguindo os ensinamentos do Grande Stalin, porta-bandeira da Paz, do querido Camarada Stalin"... "O pensamento seguro do maior homem dos nossos dias e de um dos maiores Gênios da Humanidade em todos os tempos ilumina poderosamente o caminho dos povos para a Paz, para a Democracia e para o Socialismo". "A obra – e o nome do Camarada Stalin – são profundamente queridos pelos trabalhadores portugueses, eles vêm na Grande União Soviética e na vida feliz e radiosa do povo soviético a realidade viva do pensamento stalinista".

E mais: "Os operários, camponeses e intelectuais progressistas de Portugal sabem que o único partido político que encarna na sua luta os seus anseios e aspirações mais sentidas é o Partido Comunista Português, que este se inspira e se manterá sempre fiel ao pensamento e obra do Grande Chefe e Mestre da Humanidade progressiva, do Camarada Stalin". (Isto não são piadas do humorista português Raul Solnado), foi o padrenosso do jornal do PCP *Avante* de março de 1953 em memória de Stalin que Cândida Ventura ajudou a distribuir!!!

Por essa época os crimes da GPU durante a Revolução Espanhola, 1936-1939, os falsos julgamentos e as condenações de milhões na Rússia; o "Pacto Germano-Soviético de 1939", o apoio de Bento Gonçalves, secretário geral do PCP, ao Governo de Salazar por intermédio do nazi-diretor-capitão João da Silva e a fundição da estátua de Carmona para colocar na Ilha de Cabo Verde (quando preso no Tarrafal); e/ou dos fuzilamentos de liberais e trabalhadores anarquistas e sindicalistas que, imbuídos de princípios diferentes dos bolchevistas, se opunham à implantação da ditadura no final da guerra.

Concordou e apoiou a "fabricação de traidores" dentro e fora dos PCs, inclusive alguns intelectuais portugueses, seus amigos (*Avante*, nºs 156, 177, 391 etc.).

O livro *O Socialismo Que Eu Vivi* oferece-nos motivos para reflexão: Por que Cândida Ventura só rompeu "interiormente", com o PCP depois que contactou com "Gerard" (Artur London), assistiu à "Primavera de Praga" em 1968 e "exteriormente" em 1967? Seria medo de represálias dos agentes da KGB infiltrados no Comitê Central do Partido Comunista, encarregados de espionar e castigar os subordinados que não obedecessem cegamente aos chefes? Ou será que não conseguiu *desprogramar-se* psiquicamente, e foi preciso acontecer a invasão da Checoslováquia para que seu inconsciente coletivo fizesse aflorar uns poucos episódios dos muitos que guarda nos "escaninhos" da mente?

Nós acreditamos na segunda hipótese, pelas razões que resumimos:

a) Cândida Ventura sofreu uma longa lavagem cerebral que ainda hoje não a deixa perceber que democracia e ditadura são coisas diferentes! Que sindicalismo sem sindicatos livres, sem conscientização operária, sem emancipação social, cultural e humana é pura balela à tal felicidade soviética! E que liberdade e ditadura são inimigas irreconciliáveis!!!

b) Além destas contradições encontradas freqüentemente no seu livro, nele falta calor humano, vibração, humanitarismo!

Pouco nos revela do que praticou, viu e soube ter acontecido em nome dos trabalhadores nos países do “*Socialismo Real*” e principalmente dentro do PCP!

Não registra a corrupção, as negociações e conchavos com a Igreja, os nazifascistas, delações de opositores e discordantes da PIDE; os dinheiros recebidos por mãos espúrias no Comitê Central, a sua distribuição entre “camaradas” e milhares de delitos em todos os níveis.

É um trabalho pobre o livro de Cândida Ventura se comparado com a cronologia da invasão da Checoslováquia publicada em *Gazeta do Sul*, de 16/06/1972, e/ou com os seguintes livros: *Deus Vermelho*, de Edgar Rodrigues; *O Retrato*, de Osvaldo Peralva; *O Grande Terror*, de Robert Conquest; *Yo Fui Ministro de Stalin* e *En el País de la Grande Mentira*, ambos de Jesus Hernandez; *O Komintern sem Máscara*, de Henrique de Castro Delgado; *Fugi da Sibéria*, de Slavonir Rawiez; *A Tcheka*, de Jorge Popoff; *El Império Soviético*, de Julian Gorkin; *Praga – Quando os Tanques Avançam*, *La Revolución Desconocida*, de Volin; *História del Movimiento Machovista*, de Pedro Archinoff; *Karaganda – La Tragedia del Anti-Fascismo Espanhol*, *La Mano de Stalin Sobre Espanha*, de W.G. Krivitsky. General do Exército Vermelho e da KGB na Espanha (1936-39); *La Internacional Comunista – 1919-1945* (2 tomos) de Heleno Saña, entre outras obras.

Da leitura de *O Socialismo que eu Vivi* ficou-nos a esperança de que seja ele o começo da desprogramação de Cândida Ventura, o despertar do seu inconsciente para elaboração de outras obras que ajudem a clarear o imenso túnel por onde caminham tantos jovens em busca da liberdade.

O outro livro é de Nawal El Saadawi: *A Face Oculta de Eva*, Global Editora, São Paulo, 270 p.

Nawal El Saadawi é médica psiquiatra, nasceu no Egito, e ao contrário de suas patricias, revelou-se contra a trilogia: “política, religião e sexo”, três “divindades” que há séculos escravizam a mulher!

Ataca corajosamente, sem meios-termos, as “culturas islâmicas que transformam a mulher em um objeto de utilidade”. Denuncia que ainda

“hoje se pratica a mutilação sexual das jovens como forma de manter sua submissão física e mental”. Contesta o *Corão*, Alá, escritores e filósofos, políticos e religiosos que semearam a ignorância e a cegueira mental no mundo árabe.

Reage à catequização (hoje lavagens cerebrais comuns na Rússia, China e no seio dos partidos comunistas) de que “a mulher é instrumento do demônio. Na maior parte, sem inteligência. Mas Satanás lhes empresta sua cabeça quando elas agem sob suas ordens”. Discorda de El Akkad quando torna “padre-nosso” dos árabes a mentira de que “a mulher tem capacidades especiais para fazer o mal e uma natural inclinação para os piores tipos de fraude que são peculiares ao *Self* feminino”.

Rebate os psicanalistas que afirmam que o *Self* da mulher é diferente do homem e desafia algumas “divindades” da psicologia, da religião e da política para o “Campo de batalha”...

A Face Oculta de Eva é uma obra corajosa, inteligentemente escrita por uma mulher, que tão logo começou a duvidar das “verdades” que lhe impingiam em nome de Alá, do *Corão* e dos políticos, procurou a verdade com prejuízo de seu emprego e algumas vezes de sua liberdade.

Enquanto Cândida Ventura precisou de 40 anos para “descobrir” que pelo caminho da ditadura não se alcança a liberdade, Nawal El Saadawi, ainda adolescente, percebeu que a honra da mulher não podia estar na vagina, depender de leis divinas de mutilações à faca, de golpes de catecismo, de códigos políticos; pelo contrário, teria de ser erigida no cérebro humano por meio de uma *Nova Educação*.

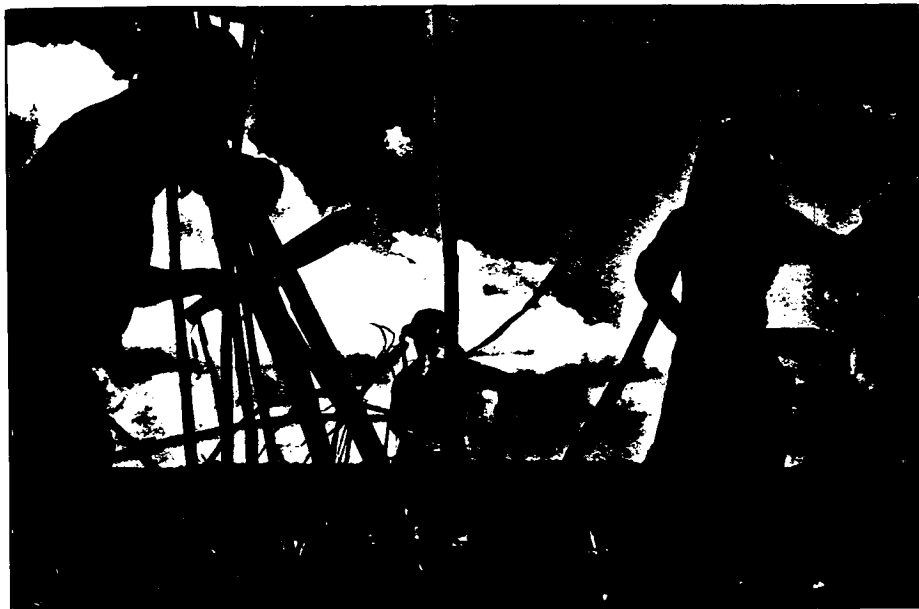
(*Gazeta do Sul*, Portugal, 02/02/1988)



Trabalhadoras ceiteiras de cereais



Mulheres trabalhadoras do corte da cana, por tarefa (século 20)



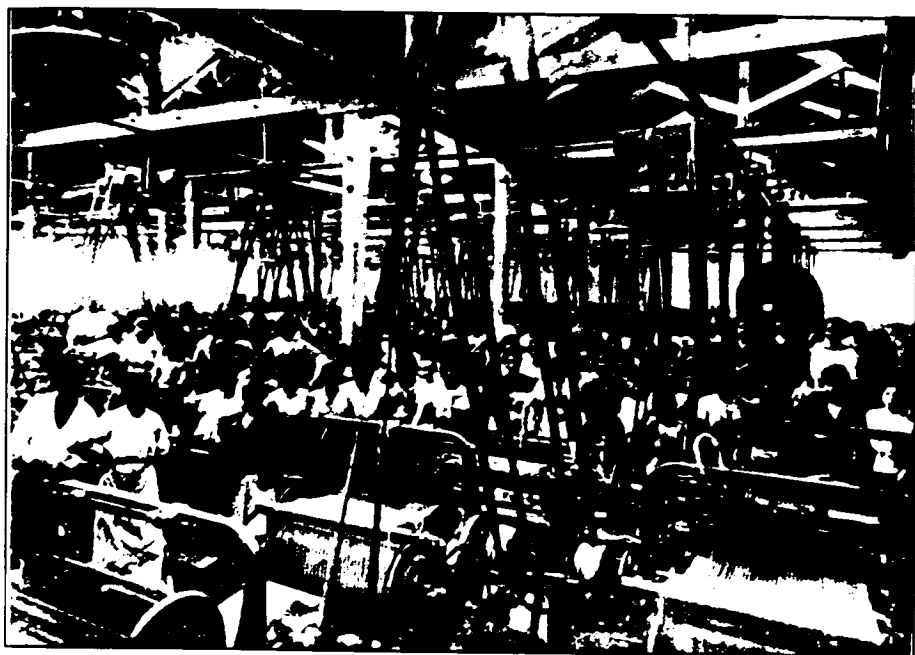
Mulheres cortadoras de cana por tarefa.



Carregador de cana.

Corte da Cana ocupa 400.000 trabalhadoras trabalhadores: cada um dá 73.630 golpes de facão dia; caminha cerca de 8.800 metros dia no corte; trabalha entre 12 e 16 horas dia no corte; ganha de 470 a 600 reais mês.

Produção: 17.3 bilhões litros de álcool - 29.8 toneladas de açúcar.



Fabrica de tecidos, São Paulo, 1910-1920, cada mulher tomava conta de dois a três teares, por 10 horas por dia.



Famílias brasileiras desempregadas procuravam nos campos do Paraguai trabalho. Muitas famílias estão sendo ameaçadas de expulsão com a roupa do corpo, como o governo brasileiro fazia com os imigrantes reclamadores anos 20-30.

SEGUNDA PARTE

A PROCRIAÇÃO CONSCIENTE

Com um século de atraso, a “Conferência Internacional de População e Desenvolvimento do Cairo”, acordou religiosos obedientes à Santa Sé, ao *Corão* e gente que só crê no dinheiro, nas armas, adora títulos, medalhinhas e outros ídolos, para o nascimento de 94 milhões de pessoas a cada ano, sendo 93% na África, Ásia e na América Latina, exatamente as regiões mais pobres do planeta.

ORA VIVA!!!

Foi preciso passar-se 100 anos, aproximar-se o século 21 e assistir todos os dias à venda de crianças, de órgãos humanos, às mortes em massa pelas doenças da fome, da falta de higiene (saneamento, água potável, moradias ventiladas etc.), às guerras religiosas, de etnias, políticas, comerciais, carência de espaço em alguns países, ao tráfico de drogas às toneladas e aos crimes encomendados, para que os figurões e os mandões do nosso planeta acordassem e resolvessem reunir-se para discutir o que um grupo de idealistas franceses defendeu nas duas últimas décadas do século 19 e nas duas primeiras do século 20, no Brasil.

Para explicar e defender a *família programada*, trabalhadores e uns poucos intelectuais libertários, desencadearam uma campanha em defesa do aborto e de famílias pouco numerosas. Discursaram nas praças, junto das fábricas, nas sedes dos sindicatos operários, nos Centros de Cultura Social; escreveram e representaram peças nos teatros amadores como *Greve de Ventres*; fundaram e publicaram o jornal *Procriação Consciente*, este na França, com trânsito no Brasil.

Em pouco tempo, a voz e as idéias desses pioneiros da *família programada*, atingiu todos os sindicatos, grupos e a imprensa libertária da Europa; chegou ao Brasil na cabeça dos imigrantes; à Argentina, à América do Norte e a outros países, onde o proletariado se havia associado para lutar por melhorias salariais, redução da jornada diária de trabalho, divulgar e defender a transformação da sociedade.

A Igreja sentiu-se atingida em seus dogmas. O capitalismo ameaçado em seus privilégios e a polícia foi chamada para caçar, encarcerar, espancar

e deportar os “hereges”. O jornal *Procriação Consciente* foi empastelado e proibida a sua publicação.

No Brasil, a professora Maria Lacerda de Moura abraçou essa causa iniciada por Ernestina Lesina, Matilde Magrassi e outras mulheres libertárias e, desde 1918 até 1934, escreveu e publicou uma dúzia de livros, um deles intitulado *Amai e não vos Multipliqueis*, sustentando polêmicas na imprensa e pela palavra, com ajuda de outras mulheres e homens visando reduzir o tamanho das famílias dos trabalhadores.

Na Argentina, bateu-se pela *família programada* Concepción Fernandez e, na América do Norte, Voltairine de Cleyre, Emma Goldman e centenas de homens e mulheres socialistas, libertários e sindicalistas, todos defendendo ardorosamente o controle da natalidade. Muitos defensores da então revolucionária idéia foram presos, mas ninguém se rendeu às determinações e às proibições das autoridades políticas e religiosas.

“Nasceram” ditaduras, explodiram guerras, mas logo que a liberdade era restabelecida na Europa, jornais de Paris publicavam proclamações de grupos de homens e mulheres tocando o “reunir”. Um deles, em nome do “Grupo Mulheres Livres” convidava para reunião no “Sindicato de Ensino de Barcelona (Espanha) a fim de discutir e aprovar os rumos da campanha pela emancipação humana” frente às novas descobertas e novos conhecimentos usados para dominar e explorar o proletariado. No convite, o “Grupo Mulheres Livres” deixava claro que suas metas não eram conquistar igualdade de direitos trabalhistas, familiares, políticos, de ser sacerdotisas e/ou coronéis da polícia militar como os homens. Tampouco, queriam salários iguais para trabalhos iguais e continuar escravas, juntamente com os homens por homens e mulheres, apoiados em leis que o Estado encampa para atender à Igreja e ao Capitalismo selvagem.

Essas idealistas sabiam que as desigualdades dos sexos foram instituídas pelas leis canônicas há séculos, com o objetivo primário de tornar a mulher escrava dentro da sociedade machista; virou costume, tradição, deformou gerações e o homem, comodamente, aceitou, tornou lei do Estado, prorrogando essa indignidade. Por isso, a meta dessas mulheres idealistas não era e/ou é a igualdade dos explorados, numerados hierarquicamente: elas trabalham pela emancipação profissional, intelectual, social, humana!

Mulher-Homem e Homem-Mulher se completam. Os seres humanos só se realizam aos pares! Os dois sexos respondem pela continuidade dos povos; os dois são responsáveis pelo nascimento dos filhos; os dois têm os mesmos direitos e os mesmos deveres no que conseguir fazer da família célula da sociedade.

A luta dos pioneiros do final do século 19 e seus continuadores do movimento *Procriação Consciente* no nosso século não se limitava a reduzir o número de filhos das famílias pobres, planejar a prole, incluir uma *educação racionalista* capaz de despertar, revelar sentimentos nobres de solidariedade e tornar (com o tempo e a educação) homens e mulheres irmãos, iguais em direitos, deveres, possibilidades, até que o *bem-estar e/ou a infelicidade de um, seja sentida por todos e por cada um*. Um Homem vale uma Mulher! Uma Mulher vale um Homem! É o ser humano que precisa ser educado, ensinado, melhorado, preservado sempre e sempre, independente do sexo, da cor, do país de nascimento.

Não basta às famílias receberem orientação e ajuda para terem poucos filhos, como defendem os promotores da Conferência do Cairo e algumas feministas de "fama mundial". Um *século depois* da proclamação do jornal francês *Procriação Consciente* às mulheres para parir menos, reduzir a prole; é preciso que o *ser humano*, independente do sexo, possa ter uma vida digna, livre; seja educado e instruído para se emancipar e, conscientemente, planeje a sua própria família, sem interferência do Estado e/ou da Igreja.

A família é a célula da nossa sociedade e esta só poderá ser boa na proporção em que a sua *matriz* seja educada para a Igualdade com liberdade plena, responsável para a *solidariedade humana de todos e de cada um!*

(Nova Gazeta, Portugal, 22/10/1994)

FERRER, A ESCOLA MODERNA E A MULHER

Soledad Villa Franca resumiu o pensamento do extraordinário livre-pensador, do herói-mártir da Igreja, do pedagogo espanhol Francisco Ferrer y Guardia nestas palavras: "É tão honroso viver perseguido por propagar a *verdade*, como vil e iníquo é viver perseguindo para defender a mentira".

Fuzilado no dia 13 de outubro de 1909, nos fossos do Castelo de Montjuich, em Barcelona, por obra e graça da Igreja Católica Apostólica Romana e da "nobreza" espanhola, os ensinamentos de Ferrer, apresentam-se, ainda hoje, tão atuais como há 67 anos.

Todos os dias milhões de seres humanos são estremecidos por crimes hediondos que chegam ao inconcebível! Milhares de criaturas passam fome, morrem lentamente de fome, para que a "nobreza moderna" (hoje

seriam “celebridades”) continue enganando o povo produtor, prospere às suas custas! Milhares de jovens recebem uma instrução deturpada, aprendem dentro de padrões alienantes, são deformados em seu caráter, e outros tantos nem essas escolas podem freqüentar, para que a liberdade plena, o direito de possibilidades iguais para todos, apareçam ao nosso entendimento como um mito, uma utopia!

Uns poucos falam por todos nós. Uns poucos governam o produto do trabalho de milhões e decidem o que podemos e devemos fazer, sem nos ouvir!

O progresso vive, continua nos braços da fatalidade, independente do conhecimento e da bondade das mulheres e dos homens, sujeitos ao vaivém, acidentes, em que não participa a ação da consciência nem a energia humana. O indivíduo cheio de atavismos, de erros acumulados, perpetuados pela ignorância dos seus familiares, carregando mais de 70 pecados capitais, leva para a escola enfermidades psíquicas que se agravam com distorções do ensino, padronizado e sacramentado por dogmatismos em nome de uma suposta revelação divina e patriótica. De volta à sociedade, os estudantes entram nela deformados e degenerados, agindo sem poder responder pelos seus atos concretamente, sem que se lhes possa exigir, com lógica, relação de causa e efeito, mais do que resultados irracionais e perniciosos. E não tarda em tornar-se um dirigente ou um dirigido, a implantar ou a colaborar em realizações anti-humanas, envenenadoras, em nome da nova tecnologia, do progresso, do patriotismo e de lucros materiais, organismos onde tudo é previsto, menos o lugar do homem que se robotiza, auto-aliena, agravando as deficiências que herdara e a sociedade “cultivou com zelo extraordinário”, até reduzir-se inconscientemente em instrumento, sentinela estática de suas próprias criações.

Foi neste terreno perigoso, cheio de mil e uma armadilhas mortais, imaginadas por mentes doentias, que Francisco Ferrer y Guardia implantou a *Escola Moderna*, “um desafio” ao cutelo do carrasco, à espingarda do pelotão de fuzilamento, à ignorância que tinha em *Maura*, seu maior representante.

Livre-pensador, humanista profundo, dedicou todo o seu tempo em busca da Verdade que desejava transmitir aos seus alunos, independente de sexo. Para Ferrer “a missão da escola consistia em fazer com que os meninos e meninas que se lhe confia, cheguem a ser pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de todos os preconceitos”.

Propunha “a substituição do estudo dogmático pelo racional da ciências naturais”. “A *Escola Moderna* – segundo Ferrer – visava exercitar e desenvolver as aptidões próprias de cada aluno, a fim de que com a

totalidade do próprio valor individual. não só seja um membro útil à sociedade, se não que, como consequência, eleve proporcionalmente o valor da coletividade”.

Queria ensinar os verdadeiros deveres sociais, de conformidade com esta máxima justa: “Não há deveres sem direitos; não há direitos sem deveres”.

As normas da *Escola Moderna* “partiam da inteligência, formadora do caráter, apoiando toda a sua concepção moral sobre a lei de solidariedade; fazendo do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livrando-o das amarras; das pregações religiosas e do Estado, para que, sem medo e sem restrições, tornasse possível ensinar honestamente, não falseando a história, não escondendo as descobertas científicas”. Para o livre-pensador espanhol “a ciência já não era patrimônio de um reduzido grupo de privilegiados: suas irradiações benéficas penetravam com mais ou menos consciência por todas as camadas sociais. Por todas as partes, dissipavam os erros tradicionais; com procedimento seguro da experiência e da observação, capacitava os homens para que formassem exata doutrina, critério real, acerca dos objetos e das leis que nos regulam, com autoridade firme, indisputável, para o bem da humanidade, para que terminem de uma vez para sempre exclusivismos e privilégios, se constitui em diretora única da vida do homem, procurando envolvê-lo de um sentimento universal, humano”.

Contando com forças modestas, mas imbuídas de uma fé racional poderosa e com uma atividade que não apresentava sinais de desistir, ainda que a elas se opusessem adversidades de todas as classes – Francisco Ferrer y Guardia – constituiu a primeira *Escola Moderna*. Seu propósito era coadjuvar retamente, sem complacências com os procedimentos tradicionais, o ensino pedagógico, baseado nas ciências naturais.

Com esse fim, foi elaborado o Estatuto da “LIGA INTERNACIONAL PARA A EDUCAÇÃO RACIONAL DA CRIANÇA”, composta de uns poucos artigos, como estes:

“Artigo 1º – É constituída a LIGA INTERNACIONAL PARA A EDUCAÇÃO RACIONAL DA CRIANÇA;

1º. – A educação dada à criança deve ser racional e baseada na ciência e na experiência. Deve-se dela afastar qualquer noção mística ou sobrenatural;

2º. – A instrução faz parte da educação; a educação de compreender também, ao mesmo tempo, que a formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, a cultura da vontade, a formação de um ser moral e fisicamente bem equilibrado, no qual as faculdades estejam harmonicamente associadas e elevadas ao seu máximo de poder;

3º. – A educação moral, muito menos teórica que prática, deve, sobretudo, resultar do exemplo e apoiar-se na grande lei natural da solidariedade;

4º. – É necessário, principalmente no ensino da primeira infância, que os programas e os métodos sejam adaptados tão exatamente quanto possível à psicologia da criança;

5º. – É preciso também que, em toda a parte, o educador digno deste nome, que se fez o redentor das crianças confiadas a seus cuidados, adquira e conserve por seu turno a inteira liberdade profissional.

Artigo 2º. – Inspirando-se nos princípios supracitados, a Liga Internacional para a Educação Racional da Criança se propõe:

1º. – Pesquisar os métodos de educação e de ensino, mais bem apropriados à psicologia da criança e permitindo obter os melhores resultados à custa do menor esforço!

2º. – Criar e aperfeiçoar o material pedagógico correspondente aos fins;

3º. – Estudar e pôr em prática os meios suscetíveis de facilitar e de generalizar a aplicação em todos os países dos métodos adotados;

4º. – Secundar ou provocar a iniciativa dos educadores e preceptores, apoiar seus esforços com o fim de fazer penetrar efetiva e praticamente esses métodos na educação e ensino da criança.

Artigo 3º. – Para ser membro da Liga, basta aderir aos presentes Estatutos e pagar uma cotização anual.

Artigo 4º. – A Liga compõe-se do conjunto de seus contribuintes no mundo inteiro. Ela se subdivide em tantas seções quanto forem a existência dos países representantes.

Artigo 5º. – A administração geral da Liga cabe a um Comitê de Direção, composto de delegados das seções nacionais etc.”.

Apesar de imbuído de princípios humanos e justos, como os que acima se transcreve, Ferrer pôde perceber que a Igreja, a burguesia e o Estado lhes oporiam obstáculos terríveis, levando-o a afirmar, pouco depois da fundação da primeira escola: “Não ignoramos os inimigos que nos cercam. Não ignoramos os prejuízos sem conta de que está impregnada a consciência social neste país. A feitura de uma pedagogia medieval, subjetiva, dogmática que, ridiculamente, se acredita de um critério infalível. Não ignoramos tampouco que, a lei de herança, alimentada por sugestões do meio ambiente, as tendências passivas que já são naturais no seio dos meninos de poucos anos, se acentua em nossos jovens com extraordinário relevo. A luta é forte, o labor intenso, mas o constante e perpétuo querer, única providência do mundo moral, estamos certos que conseguiremos o triunfo que perseguimos; que obteremos

cérebros vivos, capazes de raciocinar; que as inteligências de nossos educandos, quando se emanciparem da irracional tutela do nosso Centro, continuarão inimigos mortais da mistificação; serão inteligências substantivas, capazes de formar convicções razoáveis, próprias, suas, a respeito de tudo que seja objeto do pensamento.”

Movido por idéias desta magnitude, Francisco Ferrer y Guardia, fundou a *Escola Moderna*, na Espanha, a 8 de setembro de 1901. Em pouco tempo, a idéia invadiu a Europa, contagiou os mais lúcidos pensadores do mundo!

Em Portugal, o Doutor Campos Lima, seguido de outros intelectuais e operários, abraçaram a causa do ensino racionalista, ligaram-se, intelectual e emocionalmente, às idéias pedagógicas de Ferrer e puseram seus métodos em prática!⁹.

As idéias libertárias, ao ensino racionalista de Ferrer, opuseram-se às forças reacionárias, e o governo, que as servia incondicionalmente, resolveu matá-lo para impedir que vingasse a experiência revolucionária.

Fez a primeira investida em maio de 1906, quando do atentado contra a vida de Afonso XIII. Nessa ocasião, a polícia prendeu centenas de trabalhadores e acusou o fundador da *Escola Moderna* de autor intelectual do atentado contra o rei tuberculoso. Prendeu-o! Mas, as intenções da “nobreza” espanhola foram percebidas e, num instante, a imprensa denuncia Dom Antonio Maura, o encarregado de “ajeitar as razões jurídicas” para uma condenação à morte. O governo foi colhido de surpresa pelos protestos e resolveu soltar Ferrer. Mas não desistiu de seus intentos, adiou-os! A Igreja reclamava a cabeça do livre-pensador; do herege!

Em breve, sobreveio o movimento social que culminou com a chamada “*Semana Trágica*” de Barcelona. E, novamente os descendentes de Torquemada e de Loiola acusaram Ferrer. A polícia é chamada a “cumprir o seu dever”, a prendê-lo!

Os carrascos são mobilizados para lhe arrancar “confissões” a qualquer preço. Dom Antonio Maura recebe ordens para “encontrar” nos escaninhos das leis, um artigo que enquadre Ferrer na autoria intelectual e condenaram um inocente à morte. A “briosa” guarda civil é chamada a carregar suas espingardas. E o coveiro, intimado a correr ao cemitério, cavar sete palmos de terra, e jogar a última pá de cal sobre a cabeça do

9. No Brasil, as Escolas Modernas prosperaram mais em São Paulo. Em Porto Alegre, RS, existe (1982) uma rua com o nome de Francisco Ferrer, em homenagem ao criador da Escola Moderna. Em Moçambique, os fascistas portugueses mudaram o nome da Rua Francisco Ferrer, em 1930.

herege!!! Com estas providências, o governo espanhol salvou a pátria!!! Dom Antonio Maura representou, impecavelmente, a ignorância, o ódio que ordenaria a morte de Francisco Ferrer!

O mundo inteiro sabia que o fundador da *Escola Moderna* não tivera a menor participação física ou intelectual no atentado contra a vida do rei. Que Ferrer não influiu no movimento, que resultou na *Semana Trágica* de Barcelona. O governo espanhol também sabia disso, tinha certeza da sua inocência! E, apesar de todas as evidências denunciando essa maldade sem limites, a fraude judicial foi levada às suas últimas conseqüências. Em pouco tempo, Dom Antonio Maura conseguiu o “milagre”, “graças a Deus”, de encontrar “provas”, capazes de justificar uma condenação à morte, limpar a “honra” da “nobreza” e da Igreja, de “salvar” a Espanha da influência do ensino renovador, racionalista de Ferrer! A ignorância vence o Saber!

A condenação causou indignação e revolta no mundo inteiro. Protestos e apelos chegaram de toda a parte, mas o canibalismo venceu a Razão Humana!!!

Francisco Ferrer y Guardia, foi fuzilado nos fossos do Castelo de Montjuich, em Barcelona, no dia 13 de outubro de 1909.

Três décadas depois, o gesto de Maura armou os agentes de Tcheka soviética sob o comando do Orlov e Erno Gueré (Geroe e Pedro), para fuzilar o neto do fundador da Escola Moderna: Franco fuzilou o poeta Garcia Lorca, milhares de espanhóis, de filhos do povo, de inocentes!!!

(*Gazeta do Sul*, Portugal, 20/11/1976)

TERCEIRA PARTE

A VIDA COMEÇA AOS PARES

Hoje quase ninguém ignora que a vida começa e tem continuidade aos pares!

Que homem e mulher se completam, são cúmplices; que a sociedade de amanhã vai ser o somatório do que homens e mulheres, pretos e brancos, trabalhadores do braço e do cérebro souberem fazer dela.

As disputas de sexos, de cores, de religiões, de etnias, de povos com maior acervo tecnológico, científico, cultural, contra povos de costumes lentos, quase parando, sem ambições, só têm servido para eternizar hierarquias, construir pirâmides de intelectuais em cima de alicerces de produtores braçais. Foi por aqui que se começou a subverter a ordem natural do ser humano: despertar de vaidades estimulando as disputas de pessoas falíveis (a trepar nas costas dos seus semelhantes, independente do sexo). Tinha (tem!) razão a professora e escritora brasileira Maria Lacerda de Moura (1867-1945) quando disse: "Toda a Humanidade passa pelo berço e quem embala o berço, quem canta as primeiras cantigas de adormecer, quem acorda as crianças para os arrebóis das primeiras alvoradas da Alma é a mulher. Quem devassa o coração do adolescente e faz lá dentro nascer a angústia ou a alegria de amar é a mulher. Quem acompanha de mais perto o homem na sua idade viril, levando-o aos parâmetros iluminados do sonho ou do abismo do vício e da degradação, ou ainda quem o pode adormecer na indiferença da mediocridade é a mulher".

Apoiado nestas verdades incontestáveis, machistas, chauvinistas e outros Gengis Khan, Hitler, Kutuko, Stalin, Franco, Salazar, Pinochet, Videla, Torquemada, São Domingos e milhares de inquisidores, torturadores, estupradores, racistas, condutores de guerras, de campos de concentração, ladrões de merenda escolar, de dinheiro que seria para flagelados das secas e/ou internados em hospitais, todos tiveram mãe, nasceram de um congraçamento a dois, carregam gêneses de ambos os sexos, e foi a mãe quem primeiro os acarinhou.

Repelindo leis canônicas de que “a mulher é o único animal sem alma que devia viver enjaulada”, temos de reconhecer que até o autor desta excrescência “humana” teve mãe, foi gerado por uma mulher que o acariciou e educou pensando (?) fazer dele uma personalidade honrada. E o que dizer de mulheres “bem de vida”, que gastam fortunas em cosméticos, silicones para aumentar as nádegas e as mamas, tornando os peitos mais estéticos, usando dinheiro – nem sempre ganho honestamente –, enriquecendo oligopólios de cosméticos, enquanto mulheres e meninas “pele e osso” morrem de fome no Nordeste brasileiro, na África, na Ásia?

Quando um ser humano, independente de sexo, de cor, impõe a irracionalidade aos seus semelhantes, deve ser repellido: homens e mulheres somos responsáveis por esses abortos sociais. Nenhum homem e nenhuma mulher pode eximir-se de sua cota de responsabilidade na procriação dos monstros com forma de gente. A vida destes, também, começou aos PARES!

É uma estupidez às portas do século 21, homens e mulheres, cúmplices no nascimento e na educação de homens e mulheres, ainda não se terem dado conta de que essas disputas estão cavando abismos entre civilizados (?), formando novas castas, elites, classes sociais, religiosas, políticas e intelectuais, esquecendo o elemento mais importante: O SER HUMANO!

Pelo caminho equivocado, culpando uns aos outros, disputando direitos e/ou salários iguais para cargos iguais (homens-mulheres) não ajudarão as mulheres e homens que ainda vivem na Idade da Pedra a igualar-se a nós. Se homens e mulheres não se tornarem cúmplices na responsabilidade com os que lhe ficam abaixo na escala profissional e social que nós mesmos criamos, ganharmos consciência da necessidade de uma educação e uma instrução sadia, racional, apoiada no respeito mútuo, na solidariedade humana, estamos fadados a eternizar divergências, lutas de classes e de sexos, de cores, de religiões e de etnias, enquanto lá na cauda do cordão humano se arrastam homens e mulheres em estado primitivo, cheios de filhos, de miséria e fome, respirando o aroma dos perfumes de machistas e feministas.

Lícito é reconhecer que nos dois últimos séculos, uma plêiade de mulheres já ganhou consciência da nossa realidade e marcou presença na luta por um *Mundo Novo* para todos. Entre tantos nomes: Luisa Adão Franco, Virgínia Dantas (Portugal); Ellen Key (Suécia); Maria Lacerda de Moura (Brasil); Aicha Artsrini (Turquia); Maria L. Berneri, Giovanna Berneri, Virginia d’Andrea, Nella Giacomelli “Apifane” (Itália); Chatarine Berchkovakaya (Checoslováquia); Teresa Claramont (Espanha); Voltairine de Cleyer, Dorothy Day (EUA); Alexandra D. Noel, Alexandra

Myryal (França); Isabelle Eberhardt, Margareth Fans Hardogyor "Mark Hard" (Suíça); Vera Figner, Emma Goldman (Rússia); Alice Wexler, Maria Goldmith "Isidine", Maria Korn (França); Elisabeth Curley Flyun, Soledad Gustavo (Espanha); Jeanne Humbert (França); Lola Iturbe "Kiralina", Mary H. Jones "Mother Jones" (EUA); Elisabeth Kovalokaia (Rússia); Renée Lambert (França); Rirette Maitrojean "Anna Estorge" (França); Ida Mott (Rússia); Louise Michel (França); Paula Mink "Pauline Mekararaka" (Suíça); Itto Noe (Japão); Elise Ottesen Jassen "Ottar" (Suíça); Lucy Parsons (EUA); Angelina Vidal (Portugal); Madelaine Pelletier (França); Rosa Posetta (Rússia); May Picqueray (França); Leda Rafanelli (Itália); Olívia e Helen Rosetti (Inglaterra); Nelly Roussel (França); Maria Rygner (Itália); Lúcia Sanches Suernil (Espanha); Margaret Sanger, Severine "Caroline Remy" (França); Mollio Steimer (Rússia); Clara Thalmann Enser (Suíça); Charlotte Wilson (Inglaterra); Angelina Soares (Brasil); Milly Witkop Rocker (Rússia); Aniela Wolberg (Polónia); Lillian Wolfe (Inglaterra); Verra Zassoulietch (Rússia); Amélia Jover Velasco (Espanha); Joana Rouco Ruela (Argentina); Concepción Fernandes (Argentina); Deolinda L. Quartin (Portugal) e quantas (?) mais deram seu saber e seu esforço para fazer desta sociedade poluída, um mundo novo para todos.

(*A Vanguarda*, 30/05/99)

SER MÃE – SER LIVRE

Ser mãe é ter o privilégio de garantir a preservação e a continuidade da raça humana! É responder pela procriação em nome do *Amor* que há de redimir a humanidade!

Existem exceções, é verdade, mas a regra prova que a mulher é a razão maior de todos os grandes feitos do homem que a história registra, e até mesmo daqueles que o seu machismo impediu de confessar.

Por detrás de uma grande obra está sempre uma companheira dedicada, ajudando inclusive anonimamente. A mulher forma uma legião de heroínas que fizeram de cada vivenda um lugar onde o homem busca aconchego, carinho, tolerância, compreensão e *Amor*!

Ser mãe reflete grandeza, desprendimento para dar carinho em doses sem fim!

É ter um sexto sentido para entender o que os filhos precisam, mesmo quando eles só sabem chorar. É perceber quando o companheiro sofre e manter-se serena, vigilante, discreta, amiga, solidária em todos os

instantes, dar sempre e sempre o melhor de si, mesmo quando o momento não o aconselha.

Ser mãe é ser companheira, amiga, mulher e amante, com direitos e necessidades biológicas e psicológicas, físicas e ambientais, emocionais e afetivas, dar amor até mesmo quando não tem certeza de que seu amor sugere respeito, significa solidariedade humana.

Na sociedade de hoje, nem sempre se outorgara direitos afins à sua formação e o seu campo de trabalho é limitado pelo machismo do homem.

Foi necessário que nascessem mulheres como Louise Michel (França), Emma Goldman (Rússia), Voltairine de Cleyre (EUA), Federica Montseny (Espanha), Angelina Vidal (Portugal), Maria Lacerda de Moura (Brasil) e outras idealistas, libertárias, para que a voz feminina ganhasse *eco*, conquistasse direitos usurpados por uma “elite” de reacionários e legisladores, autores de leis, capazes de bloquear a liberdade humana e converter em costumes, medidas deformadoras, com poderes de transformar o homem em inimigo do seu semelhante, e a mulher na sua maior vítima.

Segundo estatísticas, em 1950, 25% da população economicamente ativa do Brasil eram mulheres; em 1970 subiu para 30% e em 1980 já atingia 35%, enquanto mais de 50% dos estudantes universitários hoje são do sexo feminino.

O “progresso” feminino foi declarado pelo Ministro do Trabalho no Encontro Nacional sobre Dignidade e Valor da Vida Humana, no Rio Othon Palace, em Copacabana, promovido pelo Centro Nacional de Educação Familiar, Associação Brasileira de Mulheres Universitárias, Conselho Nacional de Mulheres do Brasil e Departamento Feminino do Clube de Engenharia.

Esses grupos de vanguarda pleitearam do ministro Murilo Macedo leis mais condescendentes para a mulher trabalhadora.

No segundo escalão da hierarquia feminina, a Associação de Pesquisas e Estudos das Mulheres, o Centro da Mulher Brasileira, o Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, o Grupo Ceres, o Grupo Feminino do Rio e a Sociedade Brasil Mulher: “Convidam a população para a missa que farão realizar em homenagem a Chistel Arvid Johnston”, assassinada pelo ex-marido no Rio de Janeiro.

A imprensa comentou o “Encontro” e o crime, mas o espaço maior foi para o “nu feminino” que ilustra todos os tipos de propaganda comercial, convertendo e explorando a mulher em prejuízo da sua dignidade como ser humano dentro da sociedade.

A comercialização da mulher como símbolo sexual, comprada e vendida em forma de propaganda de todos os produtos e a todos os

níveis não parece incomodar as feministas, que não se dão conta sequer da duração da beleza externa e do vazio interior que virá depois em cada "garota propaganda". E, no entanto, a compra e venda de jovens para aparecerem nuas ou seminuas, como símbolos em calendários, cartazes, jornais e revistas sexuais de todos os tipos de comércio, é mais do que um acinte à mulher, é mais do que uma deformação de caráter, porque corrompe a dignidade humana, e ninguém contesta! Forma padrões sociais fictícios no vigor da juventude e realidades duras quando a beleza acaba.

Ser mãe é ter filhos, quando for do seu desejo. Casada, solteira, separada ou viúva, a mulher pode ser mãe, mas ser mãe é também renunciar em favor da nova vida que vai nascer, para lhe proporcionar uma educação digna. É abster-se de vícios e de hábitos prejudiciais à boa formação e ajudar a construir uma sociedade melhor para que seus filhos não se envergonhem da herança que receberam.

Não existe machismo sem feminismo, da mesma forma que não existe procriação consciente sem o congraçamento sexual a dois!

A luta não é de macho e fêmea, é entre seres humanos e direitos humanos, entre governantes e governados.

Homens e mulheres, pais e filhos, irmãos e irmãs, todos iguais e todos vítimas de costumes e sistemas que precisam ser demolidos!

Não basta dar à mulher e ao homem direitos, deveres e salários iguais para trabalhos semelhantes, é preciso construir uma sociedade NOVA e instituir uma nova educação, onde a liberdade de todos e de cada um seja convertida em patrimônio universal!

A desigualdade existe entre homens e mulheres porque existe também entre mulheres e mulheres!

A desigualdade existe em razão das hierarquias financeiras e sociais, profissionais, militares, religiosas, políticas e culturais!

E sem que estas desapareçam e os homens se convertam em irmãos, sem distinção de sexo, raça, idade ou cor, o machismo vai continuar!

Exemplificando com a proibição da Joan Baez cantar na Rússia, no Chile e no Brasil (*Jornal do Brasil*, 24 de maio de 1981) não é uma medida de machões contra uma feminista americana, é isso sim, uma medida política imposta para castigar machos e fêmeas que defendem idéias de vanguarda!

(*Gazeta do Sul*, Montijo, Portugal, 01/01/1983)

RECORDAÇÕES AMARGAS E REFLEXÕES

No mundo das crianças a tragédia portuguesa ao longo de 48 anos foi marcante, arrasadora! Além de sofrer amargura dos pais (principalmente pobres) e a estupidez de uma educação inadequada, sua voz nunca teve ECO.

Para a educadora, italiana Maria Montessori “a criança tem uma vida psíquica que passa inadvertidamente nas suas delicadas aparições, permitindo aos adultos anular-lhe os desígnios sem se dar conta. A criança tem períodos de sua existência sensíveis muito prolongados, quase até aos cinco anos, tornando-a capaz de se apropriar das imagens, do ambiente, transformando-se num observador que capta ativamente as *imagens por intermédio dos sentidos, o que é muito diferente da pura capacidade de recebê-las como um espelho*”.

Em contrapartida qualquer limitação pelo ambiente, pela pobreza, e/ou pela disciplina severa, limitada, produz o inverso e a criança entra na adolescência prejudicada, com limitações, deformações psicológicas e desvios de comportamento terríveis, refletindo-se tanto no seu aprendizado e desenvolvimento intelectual quanto no seu comportamento social.

Pensando reverter essas dificuldades, libertários espanhóis formaram em Mérida a “ESCOLA PAIDEIA”, experiência acompanhada por um grupo de professores e psicólogos, para que a criança se desenvolva sem traumas e possa revelar todas as suas potencialidades criativas e artísticas sem limites convencionais de pátria, ou de religiões.

Jean Piaget, também nos ensina que a criança cercada nas suas várias fases de crescimento e desenvolvimento resulta em limitações intelectuais e artísticas, refletindo-se com marcas visíveis no homem de amanhã.

Por sua vez o professor Mário Gonçalves Viana, tratando da *Psicologia Infantil*, ao longo de 455 páginas, e louvando-se na professora, feminista e libertária sueca Ellen Key (1849-1926), escreveu: “A criança continua atrair a curiosidade universal, inclusive de todas as ciências. Nenhuma tinha provocado um maior interesse não só nos grandes centros da cultura intelectual, mas também nos países novos e renovados, que pedem à ciência aplicações, no plano da educação pública e da higiene social”.

Não é demais observar que o ambiente dentro do lar, em volta do lar e na escola refletem-se na formação infantil, no desenvolvimento físico e psíquico, no caráter, na personalidade, no alcance das etapas (consideradas normais) de desenvolvimento das crianças, ajudando-as ou dificultando-as a entrada na adolescência com todas as suas capacidades e

potencialidades “desenvolvidas”, com nitidez e clareza, em cada faixa de idade. Quando a criança não vence o seu desenvolvimento físico, intelectual, suas funções vitais nas idades pertinentes, fica para trás na escola, no aprendizado profissional e sua maturidade é retardada, lenta, custa a revelar-se: em tudo anda atrás dos meninos e/ou meninas das mesmas faixas de idade e em muitos casos percebe-se, até na vida adulta sujeitando-se a críticas dos companheiros. Suas deficiências expressam-se pela ingenuidade, pelas limitações profissionais e nas iniciativas e comportamento infantil que conhecemos em adultos e até pessoas bem idosas.

A criança do meu tempo e ainda hoje (em Portugal e na maior parte do nosso planeta) foi (é) sujeita a muitas regras modeladoras de personalidades amestradas para acreditar em patriotismo, civismo, cidadania, divindades, misticismos e “outros bichos”. Vejamos o que escreveu Mário Gonçalves:

“a) são vítimas da concentração populacional e da pobreza nos centros urbanos, obrigando as mães e pais a trabalhar fora, e conseqüentemente ficam sem tempo para dar uma boa atenção aos filhos e acompanhar o seu desenvolvimento escolar e educativo;

b) a criança não pode movimentar-se livremente por falta de espaço físico, segurança, e os seus movimentos têm uma grande importância na formação e desenvolvimento infantil;

c) precisa conviver com outras crianças para melhorar e assimilar a sua aprendizagem, seu convívio social, praticar a SOLIDARIEDADE HUMANA, formando-se desta forma mais adequadamente, treinando seu relacionamento em igualdade de condições com as demais crianças (meninos e meninas) que serão os homens e mulheres de amanhã;

d) as crianças têm necessidades físicas e psíquicas de diversificar seu relacionamento com outras crianças a fim de desenvolver nas idades próprias a imaginação e a vocação intelectual, artística, científica, artes manuais e outras;

e) nas cidades o convívio era (agora é pior) cada vez menor por falta de espaços que vão sendo absorvidos progressivamente pelas edificações de moradias verticais, o alargamento das vias de circulação de carros, dificultando a expansão e um relacionamento que frustra a imaginação, o poder criativo, e o que é grave: vive sujeito à poluição sonora e atmosférica;

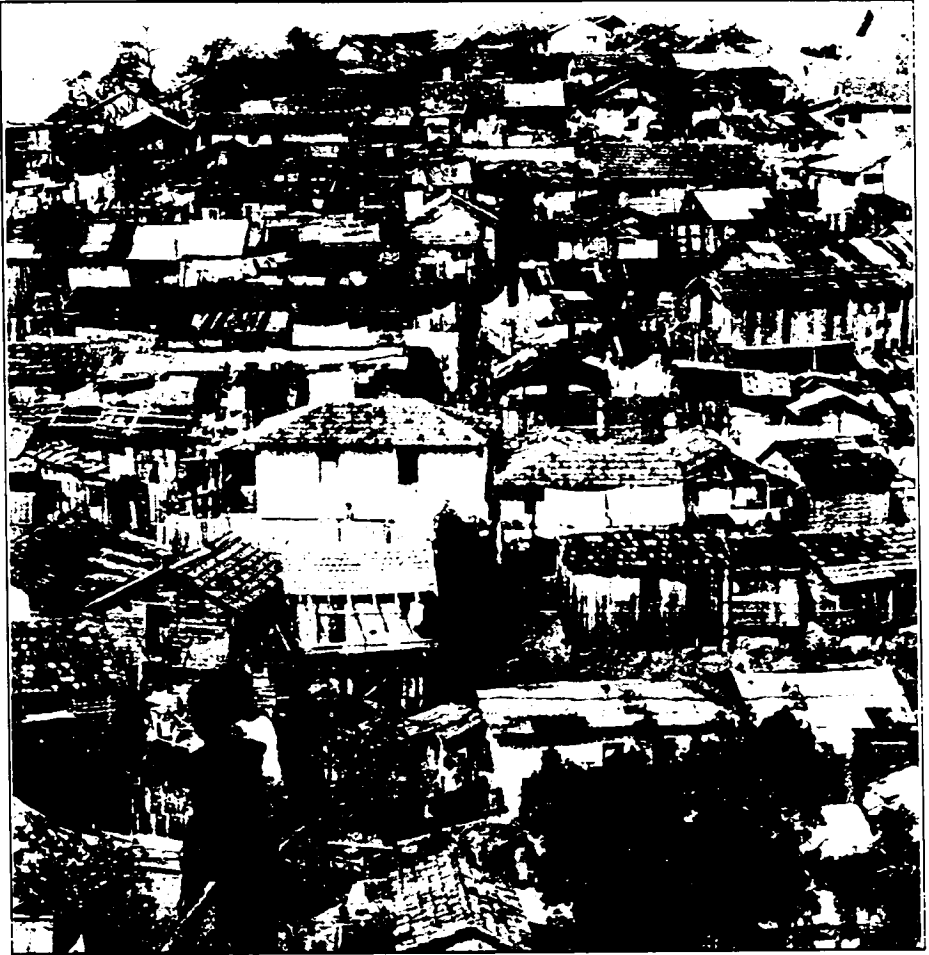
f) para além das limitações dos espaços livres, cada vez menores, agora as cidades e as zonas urbanas contaminadas por gases tóxicos, gás dos veículos e a barulheira infernal de ‘músicas’ que mais parecem hospícios”.

Dentro das “camisas de força” em que são criadas as crianças, hoje agravadas pelos “desenhos animados”, “histórias em quadrinhos”, as maquininhas de somar, a internet e a propaganda *consumista* que entra em milhões de lares ao mesmo tempo, seduzindo e enganando gente de todas as idades. E mais, com a exibição de filmes da maior violência e novelas onde se ensinam a trapaça e a prostituição por atacado, e ainda o estímulo à preguiça e ao jogo (imensas escolas do crime e da fantasia), é visível que as crianças dispõem de um ensino que só pode produzir políticos corruptos, funcionários criando dificuldades para vender facilidades e adolescentes assaltando e roubando em todas as esquinas. O resto é a droga, as cadeias cheias e a questão social por resolver até em países ricos como o Brasil com centenas, milhões de seres humanos como nós passando fome ou vivendo de pequenos furtos.

Ontem por falta de conhecimentos e hoje por excesso o homem CIVILIZADO (?) continua a ser o maior inimigo do homem.

E nos demais países do planeta o que acontece com as crianças? (Existem exceções, gente boa, mas a tendência é de piorar).

(*A Vanguarda*, Arcos de Valdevez/Portugal, 12/12/1999)



As moradias dos trabalhadores: as favelas.

Fatos: Os 225 habitantes mais ricos da Terra têm tanto dinheiro como os 2500 milhões de habitantes mais pobres.



Mulheres, mães e filhos lamintos.

QUARTA PARTE

NO ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

Emile Zola escreveu com o título *Mocidade!*:

“Peço-te que penses na grande obra que te espera!

Tu és a futura legião operária; vais assentar as pedras angulares do templo futuro, que – temos fé profunda – resolverá os problemas verdadeiros e eqüitativos implantados pelo século que acabou.

Nós, os velhos, os maiores, legamos-te o enorme trabalho das nossas investigações, onde há, com certeza, muitas contradições e pontos escuros, mas que é esforço mais apaixonado que se tem feito em procura da Luz, e que encerra os documentos desse vasto edifício da Ciência, que tu deves continuar edificando, para tua glória e para tua felicidade.

E não te pedimos muito, somente que sejas generoso, mas livre em teu espírito, que não excedas o teu amor à vida normalmente vivida, pela tua energia posta a favor do trabalho, essa fecundidade dos homens e da terra, que por fim conseguirá sazonar o fruto da alegria sob o sol brilhante da liberdade.

Ceder-te-emos paternalmente o lugar com a consolação de sermos substituídos com dignidade ao desaparecermos, ao descansarmos, depois de cumprida a nossa tarefa na paz do sepulcro, satisfeito por continuares a realizar os nossos sonhos. Mas segue avante o caminho das reivindicações sociais – não te detenhas em vãs especulações políticas”.

Quase um século mais tarde John Lennon, cantor inglês, transformava sua inquietação jovem em “Imaginação” poética, na música de protesto.

E a juventude vítima da seca do Nordeste brasileiro, as crianças assaltantes (os “trombadinhas” de São Paulo), os famintos da Etiópia, “os gamines”, de Bogotá (Colômbia), “a maioria meninos entre oito e 18 anos que aprenderam a sobreviver e mesmo a prosperar sozinhos, endurecidos por uma vida no mundo do crime, interrompida apenas por períodos de prisão”, como reagem? E as crianças que treinam guerrilhas no Camboja, no Vietnã, em Cuba, e são usadas no Irã do psicopata

Khomeini, ou as que participam da luta armada na Nicarágua e no Peru? E as crianças deformadas pelas máquinas eletrônicas *Ataris*, minicomputadores e a televisão usadas para alienar os jovens de todas as idades... por cuja alienação também somos responsáveis?

Faz mais de meio século, o escritor ácrata, Rudolf Rocker em seu livro *As Idéias Absolutistas no Socialismo*, no capítulo "Homem sem Cabeça", demonstrava cientificamente que a robotização no lar, prosseguia na escola oficial, padronizada, continuava nos locais de trabalho, modelando pela propaganda escrita e falada até a saturação do raciocínio.

Recentemente a *Revista Anarchica*, nº 124, de Milão, estampou um casal com um filho pela mão carregando no lugar da cabeça um aparelho de televisão. E para explicar a significação dessa imagem nos dias de hoje nada menos de 19 páginas de texto precedido do título "Famiglia e Potere" (Família e Poder), evocando "os meninos que vão às guerras que os adultos não cansam de inventar".

Aproveitando a experiência do seu aliado Mussolini e seus "faccio juvenis", Hitler preparou e treinou *oito milhões de jovens para a guerra de 1939*. Adolescentes de 14 e 15 anos são hoje terroristas do "Exército Republicano Irlandês" (IRA), da "Frente Farabundo Marti", em El Salvador, crianças palestinas de 10 anos de idade recebem treinamento militar para entrar no movimento *Pequenas Flores*, e fazem espionagem no Afeganistão.

Somoza criou na Nicarágua, *um batalhão de crianças assassinas com um efetivo de três mil*. O seu sucessor, o "camarada" Ortega aumentou esse número de "crianças treinadas para matar".

São inúmeras as formas de violentar jovens no Brasil, na Itália, Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile, Cuba, Haiti etc. sob o comando de civis e/ou militares de todos os níveis.

Na Argentina, generais "sumiram com jovens e crianças"... No Brasil, existem 38 milhões de crianças e adultos desnutridos, milhares em Cuba, Bolívia, Paraguai, na Etiópia, na África racista e na vermelha.

Na Rússia, os jovens aliados às milícias do Partido Comunista são cerca de 40 milhões, entre 15 e 25 anos. É – diga-se – uma indústria para fabricar legionários do Comunismo.

O invento vinha de longe, mas foi com Krushev que esta filosofia cresceu. Fundou-se a Universidade da "Amizade dos Povos Patrice Lumumba", em 1960, imenso quartel recrutador de poloneses (como o general Jaruzelki), angolanos (como José Eduardo dos Santos) e milhares de "soldadinhos comunistas" para a Etiópia, o Zaire, a Zâmbia, o Zimbawe, Moçambique, China, Portugal, Espanha, Brasil, Afeganistão, Vietnã, Camboja e dezenas de nações. A maioria desses jovens regressa

aos seus países com a incumbência de pagar com juros e correção monetária o ensino recebido na mãe Rússia: tumultuar, sabotar e fazer revoluções...

No Brasil, a juventude – na falta de melhor imaginação – entra de corpo inteiro no *rock in 'roll*, picha muros, fachadas com “mensagens” que ninguém entende... enquanto outros “copiam ministros de Estado, diretores da Previdência Social e das empresas estatais e partem para a expropriação”...

Kropotkin explicou esse comportamento: “o que leva o homem a praticar o bem ou o mal não é o anjo ou o demônio inventado pela religião tradicional nem o que certa Jerga escolástica, honrada com o nome de filosofia, denomina as paixões e a consciência, como desejo do prazer ou de satisfazer uma necessidade de sua natureza. Tanto o homem que tira a um menino um pedaço de pão como o que reparte um pedaço de pão com o faminto; tanto o assassino que degola a toda uma família como o idealista que sacrifica sua vida pela libertação dos oprimidos, não procuram, no fundo, senão um prazer e uma satisfação”.

“Procurar o prazer, evitar a dor, é um efeito geral (outros diriam lei) do mundo orgânico, é a essência da vida. Sem este desejo ser o agradável, a vida seria impossível, o organismo se decomporia, acabaria a vida.

Qualquer que seja a sua linha de conduta, age sempre em obediência a uma necessidade da sua natureza. O ato mais repugnante, como o ato indiferente ou o mais simpático, são igualmente ditados por sua necessidade individual. Praticando o bem ou o mal, o indivíduo faz o que faz porque ao fazê-lo sente prazer, porque desta maneira, evita ou pretende evitar sua dor”.

Hoje, muitos dos que instituíram 1985, o “Ano Internacional da Juventude”, estão convertendo crianças em propagandistas itinerantes, gratuitos, e/ou comprometendo-os com a violência, a droga e o crime.

É preciso, isso sim, atacar a robotização humana promovida pelo comércio, a indústria, os bancos e demais empresas pagadoras da publicidade: acabar com os propagandistas de ídolos de papel, divulgadores de grunhidos musicais, da comercialização da pornografia, de homossexualismo, da venda do sexo, das drogas e com os políticos profissionais, que comandam a fabricação de armas, o treinamento da juventude e fomentam as guerras, enquanto o Estado lhes cobra a “sua” parte em impostos... O jovem soldado, o herói da guerra hoje pode ser o general, o assaltante, o corrupto e/ou o delinqüente de amanhã! Tudo depende de que lado estamos e a concepção de vida que defendemos.

Neste ritmo do faz de conta, os “intelectuais da propaganda” não tardarão a instituir o “Ano dos Sem-Vergonhas”!!!

Não há de ser com paliativos que iremos edificar o “Mundo Novo” que muitos querem e ninguém se dispõe a ser o primeiro a começá-lo!

O “Ano Internacional da Juventude” não pode alienar as novas gerações, mergulhá-las no mundo da corrupção, de confrontos e da droga, armar-lhe o braço para a guerra e/ou prepará-las para resolver desavenças “às patadas” e aos muros como no Estádio Heysel, na Bélgica, recentemente, para depois “fazer” destes gente boa...

(*Gazeta do Sul*, 10/08/1985)

AS CRIANÇAS NA SOCIEDADE

O burguesíssimo jornal *O Globo*, de 14 de novembro de 1975, refletindo a opinião do presidente da Comissão de Inquérito do Menor, deputado Carlos Santos, informava: “Dez milhões de crianças estão no círculo vicioso da marginalização”.

“São estatísticas estarrecedoras, abrangendo inúmeros fatores negativos, entre eles, o baixo nível de renda, o desemprego, a desnutrição, o subemprego, a fome, as doenças, o analfabetismo e o êxodo rural”.

Partindo desta desgraça que atinge a toda pessoa sensível, humanista, os governos resolvem construir internatos para “educar” o menor abandonado, como se isso tivesse o poder mágico de solucionar a maior calamidade pública de uma nação: o menor abandonado!

Segundo a imprensa diária, “o Centro de Reeducação de Infratores (como se o menor abandonado fosse culpado de suas infrações ou tivesse plena consciência disso), na Avenida Presidente Kennedy, acolherá 252 menores masculinos de 12 a 18 anos, com tratamento integral até a sua reintegração social”.

“O Centro Integrado de Recolhimento, Triagem e Reintegração abrigará 300 menores dos dois sexos até 18 anos, em regime de internato provisório, e 250 menores até seis anos, também dos dois sexos, em regime de semi-internato”.

Enquanto no Estado do Rio de Janeiro, se tenta “recuperar” 800 crianças num país onde existem milhões de delinquentes infantis e todos os dias dezenas e dezenas de menores são abandonados nas ruas, obrigados a buscar meios de sobrevivência ainda que roubados, o governo do Brasil pede à Câmara dos Deputados aprovação do *Código de Menores*.

Abrindo suas páginas à pesquisa da criança abandonada e substituindo sem intenções de sugerir soluções, ainda que a curto prazo, o *Jornal do Brasil* sob o título de “Crianças em Abandono”, concluía: “Entre os

108.000.000 de brasileiros há 25.000.000 de menores carentes e pelo menos 3.500.000 abandonados; a área metropolitana do Rio, com mais de 7.000.000 de habitantes: 1.400.000, carentes; e 1.000.000 de abandonados que nas ruas vendem flores, amendoim, limão e pentes, ou furtam, roubam, assaltam à mão armada. E muitas vezes, matam”. “Para assisti-los ou recuperá-los, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor dispõe de Cr\$ 290.128.000,00 anuais, mas seus dirigentes garantem que a questão está diretamente subordinada ‘à situação estrutural do país’”.

E concluem:

“Informou o presidente da FUNABEM que a entidade, em 11 anos de funcionamento, recebeu cerca de 100.000 menores de 0 a 18 anos, procedentes do antigo Estado da Guanabara e do Rio de Janeiro, na maioria.

Estudos revelam que, de 1960 a junho de 1976, a delinquência juvenil, na cidade do Rio de Janeiro, cresceu menos de 40% – índice bastante inferior ao do crescimento demográfico, e que, por ano, ocorrem 20 manifestações de conduta anti-social de menores para cada 100.000 habitantes.

Esses dados permitem concluir que, no Brasil, o menor infrator representa percentagem baixa em relação ao total de menores desassistidos e carentes. A parcela maior deve sua desassistência à pobreza e à miséria. E pobreza e miséria não se cura no internato – ressaltou o Sr. Fawler de Melo.

“O presidente da FUNABEM disse que os programas preventivos da FUNABEM junto às comunidades são suplementares e ‘não se deve esperar que, isolados, eles resolvam o problema social brasileiro, que é também econômico e cultural’”.

Em que pesem as explicações, o mal é mais profundo, é social. Resulta da forma de governo, da desigualdade e suas conseqüências a curto e longo prazos.

Para exemplificar esta calamidade nacional, o descaso dos funcionários encarregados de zelar pelo menor, dos assalariados dessa instituição, que obtém do governo Cr\$ 290.128.000,00, vamos extrair da imprensa diária, insuspeita, algumas palavras que só por si refletem a “solução” que se pretende dar ao menor abandonado: “Cerca de 1.000 menores delinqüentes ou abandonados, diante da falta de atenção e competência de funcionários da FUNABEM e da Fundação Abrigo Cristo Redentor, transformaram um dos locais de amparo e recolhimento – Cidade dos Meninos – em Duque de Caxias – em verdadeira escola do crime, como nos velhos tempos do extinto SAM (Serviço de Assistência ao Menor).

Numa área totalmente abandonada de 22.000.000 de metros quadrados, no km 17, da antiga Estrada Rio-Petrópolis, 958 menores de quatro a 18 anos usam tóxicos abertamente (vizinhos dizem até que possuem uma plantação de maconha), andam armados com estoques e facas e fazem assaltos no Rio de Janeiro, quando são autorizados a visitar as famílias.

Tal como a polícia, que ganha para nos proteger dos malfeitores, e ajuda a delinqüência, uns, e integram os seus bandos outros, também os "encarregados de recuperar" os menores, vendem drogas às crianças ou facilitam sua aquisição e práticas criminosas. Quando pilhados pelos superiores, resolvem prender, espancar e seveciar menores!

A "Cidade dos Meninos", de Duque de Caxias, tem sido palco de brutalidades de toda a ordem. Inquéritos têm revelado que os "tratadores das crianças abandonadas" são desajustados também, carecem de tratamento!!! Mas esta desgraça não é um privilégio do povo brasileiro. A Terra completou, no final de 1975, 4.000.000.000 de habitantes.

Segundo Alan Berg, vice-diretor do "Programa Alimentos para a Paz", a desnutrição no mundo já abrange 1,5 bilhão de pessoas. Nos chamados "países em desenvolvimento", 1/3 dos óbitos são de crianças de um a quatro anos de idade, enquanto cerca de 800.000.000 de crianças sobreviventes sofrem de doenças agravadas pela subnutrição. "Nesses países, a produção de alimentos aumentou apenas 1.86% ao ano, entre 1971/1974".

"No ano 2000, dos 6.400.000.000 de habitantes do mundo, 23% serão norte-americanos, europeus e soviéticos, automaticamente responsáveis por 80% da produção mundial, ou mesmo 90%, caso se inclua o Japão".

Dentro deste quadro tétrico, as Nações Unidas fornecem uma lista de 29 países extremamente pobres: Bengaldes, República Centro-Africana, Iêmen do Sul, Gâmbia, Afeganistão, Alto Butão, Botswana, Burundi, Chade, Daomé, Etiópia, Guiné, Haiti, Laos, Losaoto, Malani, Maldévia, Máli, Nepal, Nigéria, Ruanda, Samoa Ocidental, Siquim, Somália, Sudão, Uganda, Tanzânia, Samia e Iêmen do Norte.

Somando estes países com os "bolsões de pobreza absoluta" de nações da África, Ásia e da América, o quadro hoje é muito mais constrangedor. É desumano. Pior do que a violência das armas e a violência dos menores abandonados, é a violência da fome! As mulheres não podem negar sua parte de culpa nesta tragédia humana.

O Brasil tem uma população de cerca de 160.000.000 e um presidente sociólogo que não tolera a *anarquia* dos que querem terra para trabalhar, enquanto crianças vivem nas ruas, o turismo sexual (prostituição infantil) e as drogas somando com a roubalheira político-admi-

nistrativa nos municípios, nos estados e na órbita do governo federal, não é diferente da Somália, do Haiti ou da Colômbia.

(O Correio de Gaia, 08/03/1996)

AS MULHERES PASSAM AO ATAQUE

Li nos jornais: “As mulheres passam ao ataque!”

“No Afeganistão, os talibãs proibiram as mulheres de trabalhar e estudar. Na Arábia Saudita e no Irã, não obstante a querela doutrinária que opõe os sunitas aos xiitas, e vice-versa, o tratamento reservado às mulheres é idêntico: fazem parte da ‘móvel’ e só estão bem para cuidar dos filhos e da casa”.

A ausência da *liberdade responsável* não é um caso isolado, nem somente islâmico, ou só para mulheres. Foi (é) processo de censura e discriminação imposto por todos os sistemas autoritários, com muitos defensores até hoje, mesmo depois de terminadas as ditaduras.

Tenho na minha frente um manifesto das mulheres portuguesas, subscrito por 15 professoras-doutoras, com data de outubro de 1945, onde se pleiteia o direito de votar, de eleger e poder ser eleita. Contestavam as mulheres portuguesas uma lei de 22 de maio de 1931, que só permitia votar o sexo feminino “que tivesse o curso secundário”. E, no entanto – vale recordar –, a vida só nasce no conagraçamento aos pares. Sem este encontro dos sexos opostos não haveria procriação de animais racionais e nem dos irracionais. Enfim, com o tempo acabaria a vida sobre o planeta Terra.

A censura, qualquer que seja a desculpa que se dê ou a máscara que a revista, é sempre um mal para a humanidade.

Sua aplicação para silenciar mulheres ou homens é uma violência que deforma, despersonaliza e impede o desenvolvimento manual e intelectual do ser humano, que precisa mais de liberdade e de educação racional do que de censura e de repressão.

Em outubro de 1945, cidadãos portugueses também distribuíram o então batizado de *Manifesto dos Intelectuais* (hoje um documento histórico) com 164 assinaturas dos cérebros mais privilegiados de Portugal, afirmando, entre outras coisas: “Só um povo livre pode gerar uma cultura. Só a democracia permite a afirmação de um povo livre”.

Em contrapartida, alguns portugueses do Brasil, ainda hoje choram a “liberdade” e a “cultura” salazarenta em “crônicas”, no “Toca o Bombo”, “Nas Voltas do Vira” etc. etc. publicadas na imprensa dos imigrantes no

Rio de Janeiro, apelidadas *O Mundo Português*, *Voz de Portugal* e *Portugal em Foco*.

Um tal de Gonçalo Ramires (nome adotado do nobre personagem do romance de Eça de Queirós), com o título *Pêndulo*, farta-se de dar “coices” nos seus patricios, antifascistas principalmente, e em quem o desagrada de alguma forma... E no mesmo *Pêndulo* se auto-elogia sem cerimônia, em textos como: “Como no Brasil dos anos 70, ninguém segura o Gonçalo Ramires. A nossa comunidade (?) atua, as nossas associações brilham, o nosso trabalho é cada vez mais aliciante, e Portugal, através dos luso-brasileiros bons (?), íntegros está presente neste país”.

Antônio Gomes da Costa – perdão, Gonçalo Ramires, advogado nas horas vagas – autor do *Pêndulo* – também conhecido no meio da “comunidade portuguesa” por ter sido o homem-chave da “Ciranda Financeira” e, nas horas vagas, presidente do Real Gabinete, da Federação das Associações, da falida Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, tudo feito com *as mãos dos vice-presidentes*, é também o diretor de *O Mundo Português*, semanário onde se auto-elogia sem nenhuma cerimônia.

Antigo colecionador de medalhinhas fascistas em troca dos serviços prestados aos agentes da PIDE no Rio de Janeiro, hoje faz de tudo para ganhar condecorações dos “socialistas” (?) e já se prepara para ser candidato ao Conselho das Comunidades, que não vai fazer nada pelos imigrantes, ou melhor dito, vai fazer tanto como os deputados José Gama e Maria Manuel Aguiar, que só esperam completar oito anos de mandato para se aposentar com um salário de 650 contos. E, não só, estes dois “patriotas socialistas” que esqueceram de defender os imigrantes portugueses: o embaixador e os consulados do Brasil, também nada fazem pelos lusitanos velhos, doentes, pobres, que dormem nos bancos dos jardins, nos prédios em ruínas e/ou em asilos sustentados por esmolas dos brasileiros.

No Brasil, hoje governado por um tetraneto de português de Amarante, conseguiu acabar com a inflação de 50% ao mês, aprovou a reeleição para mais um mandato, sem êxito na questão social nem redução da violência. Mata-se mais num ano de paz do que em toda a guerra da Bósnia; hospitais, escolas, estradas e terras continuam abandonados, e ainda enfrenta mais uma quadrilha de amigos do alheio...

Não faz muitos anos, os cariocas cantavam o samba: “Se gritar pega ladrão não fica um, meu irmão”. Depois mudaram o disco, mas os ladrões não diminuíram, continuam os mesmos com mais alguns novos...

O “rombo” mais recente é chamado de *Operação Triangular*... São bilhões que sumiram pelas mãos de políticos – todos patriotas. E, como das vezes anteriores, ninguém vai preso, ninguém devolve um centavo.

Já aconteceu com os roubos no orçamento, na Previdência Social e todos os demais “desvios” de dinheiro, que são muitos. Municípios, estados, escolas, bancos, ministérios, enfim, tinha razão o sambista... Só que ninguém foge e ninguém paga.

Em percentagens menores, também se sabe de corruptos no Japão, na Itália e noutros países cujos políticos prometem representar o povo, defender o povo, administrar honradamente os bens do país, que em última análise, seriam de todos os cidadãos...

Retomando ao tema: LIBERDADE, temos de reconhecer que nos chamados países governados por comunistas, como Cuba e China, liberdade também não existe. E, pior do que isso, são dois reinados que só mudam os mandantes quando algum morre, como aconteceu na China, com a partida de Mao Tse-tung e agora de Deng Xiaoping. Em Cuba ainda vão demorar a morrer os irmãos Castro...

(*Barcelos Popular*, 05/06/1997)

COMO É BOM TER MEMÓRIA

Leio com freqüência, manifestações feministas sem nenhuma referência ao antigamente... Como se os grupos e as manifestações de rebeldia da mulher tivesse começado hoje ou, no mínimo, depois do 25 de abril, assim mesmo insuflado pelos bolchevistas que na Rússia e seus satélites nunca tiveram permissão para se revelar contra os machistas chauvinistas.

Hoje com pouca coisa que fazer, resolvi catalogar papéis antigos trazidos do Porto, e eis o que redescobri:

O Centro Feminino Educação Social manifestando-se contra deportações de idealistas para a África sem julgamento em 1925, lança o seguinte manifesto:

“Mães, esposas, filhas: escutai esta síntese sentimental que vos vamos apresentar.

Segundo um eminente tribuno que fulgiu, como um astro cintilante, nas letras pátrias, a lágrima nos olhos, a suavidade no rosto, a ternura no coração, é a caridade e a esperança.

Admitindo como certa a interpretação psicológica do grande orador, nunca como agora, a mulher portuguesa deve demonstrar essa nota vibrante, esse traço vigoroso, essa sua nítida afeição feminista sen-

sibilizadora, perante as atrocidades que os cruéis governantes desta abandonhada república estão perpetuando contra o operariado.

Nas imundas enxovias do regime vigente, gemem aflitivamente, filhos do povo, sem que lhe registrassem qualquer nota de culpa com que lhes pudessem formar um processo.

Lá longe, nas regiões inóspitas da Guiné, arvorada em tenebrosas catacumbas, perecem operários na algidez de uma morte prematura, imposta pela arbitrariedade nefanda dos mandatários republicanos, que se apostaram, sub-repticiamente, a implantar, isto é, a restabelecer a odiada pena de morte.

Mães, esposas, filhas, 'mulheres do povo', mulheres das fábricas e dos ateliês, 'sacerdotisas do lar', 'diretoras da família', 'operárias da educação', 'mensageiras e despenseiras do bem' – não reparais que toda aquela violência prisional e deportatória é devida a um capricho de uns tantos homens que, agachados no poder, detestam as sublimes idéias de perfeição humana, da felicidade dos povos. Não vedes que amanhã, se não houver um protesto enérgico contra as deportações de indivíduos para a África e contra as arbitrarias detenções de pessoas inocentes, nos podem levar os filhos, os maridos, os pais, os irmãos, só porque pensam ver neles uns idealistas que predicam o bem comum, para toda a Humanidade.

Nestes momentos, todas as manifestações do gênio femenil se devem concentrar numa atitude galvânica contra os governantes, os poderes constitucionais, as autoridades que deportam, que assassinaam trabalhadores inocentes.

É escusado negar à mulher o seu direito a este ideal de beleza, de sublimidade sentimentalista: o de ter nos lábios o sorriso do dever cumprido ao reclamar a libertação dos perseguidos pelos beaguins republicanos; e de ter lágrimas nos olhos por ver um implacável, injusto castigo, infligindo a operários que não cometeram nenhum crime, visto que nada ficou provado; o de ternura no coração, porque ela é sempre a primeira a sentir-se pelas dores alheias e a lenitivá-las, a suavizá-las, com os seus conselhos desinteressados, com a sua solidariedade voluntariosa semelhante ao de mãe.

Sim, neste momento, todas as mulheres devem ser a caridade, não aquela caridade talhada pelos falsos figurinos burgueses, mas aquela caridade natural consubstanciada pelo impulso do afeto fraternal; devendo ser esperança, aquela esperança de que todos nós contribuiremos para a libertação dos perseguidos por suas idéias de remodelação de uma moral hipócrita, para o rejuvenescimento de um povo pela virtude e pela educação mais sã, mais fraterna, mais humana.

'Mulheres do povo', 'das fábricas e dos ateliês', 'sacerdotisas do lar', 'diretoras da família', 'operárias da educação', 'mensageiras e despenseiras do bem', o vosso grito em toda parte em que vos encontréis, deve ser: – ABAIXO AS DEPORTAÇÕES! LIBERDADE AOS PRESOS SEM CULPA FORMADA!

Assim demonstrareis as exuberâncias da vossa magnanimidade e provareis que, manifestar-vos em solidariedade com o sofrimento alheio, não esqueceréis, lamentavelmente os vossos próprios filhos, pais, maridos, irmãos – que não estão livres de ser amanhã vítimas das emboscadas policiais e governamentais de um qualquer vitorino da vida...

Porto, 1925"

O protesto firme nos distantes anos de 1925 tinha um endereço, o Primeiro-Ministro Victorino Guimarães que ensinou o caminho a Salazar e Carmona, mandando deportar para a distante Guiné, operários anarquistas sem julgamento.

Outro escrito não tanto antigo fala de Jorge Artur Quaresma, barbeiro, e depois empregado numa companhia de seguros em Lisboa, cidade onde faleceu em 20 de janeiro de 1990, aos 84 anos de idade.

Jorge Quaresma nasceu em Setúbal, aos 30 de junho de 1905, terra de muitos revolucionários libertários como Raul Adão, Álvaro Simões, Amadeu Simões, Jaime Rebelo, Francisco Franco, Luísa Adão Franco e Erene Franco entre outros.

Na década de 50, fixou residência em Almada e foi nesta cidade que o localizei e pedi ajuda numa pesquisa que rendeu quatro volumes sobre história social "abraçando" os anos de 1834 a 1975. Para me dar essa ajuda procurou antigos militantes, ouviu muita gente e encheu vários cadernos que mandou para o Rio de Janeiro.

Jorge Artur Quaresma foi um idealista sem adjetivos.

(A Vanguarda, 15/10/1999)

A VOLTA AO MUNDO DAS MULHERES

Faz alguns dias a imprensa bombardeou-nos com notícia da Inglaterra: Duas jovens mataram uma senhora velhinha dentro de sua própria casa com requintes de crueldade.

Noutro jornal, uma senhora americana deu um tiro na filha depois de ouvi-la dizer que ia interná-la num asilo.

No Brasil, uma mulher foi presa comandando os filhos traficantes de drogas, batizada por alguns como a “vovó do pó”... Mulher desesperada jogou seu filho recém-nascido numa lixeira, e outra mulher arrependida de ter casado com um viúvo mais velho matou-o e escondeu o cadáver debaixo do armário da pia da cozinha, fechando-o com tijolos e cimento.

Não é mais surpresa saber de mulheres assaltantes e/ou matando pessoas para receber o seguro, bens etc...

Entre os grandes incendiários das florestas brasileiras, Lourdes Felix Soares iguala-se ao grupo de 10 machões que destruíram 21.000 hectares de mata, segundo denúncia de *O Globo*, de 19/08/99.

Cada vez mais mulheres estão copiando os homens naquilo que eles possuem de pior: fumam, bebem, jogam, apostam nas patas dos cavalos e dos jogadores, assaltam, matam, traficam drogas, viram soldados, policiais e políticos.

E verdade que ainda lhes falta muito para se nivelar aos machistas chauvinistas, mas querem chegar lá... Não é menos esforçada quando disputa cargos de mando e/ou reivindicam salários iguais para cargos iguais: só não se preocupam com tantas mulheres e homens que ganham quase nada para lhe fazer a roupa, tecer o pano, o calçado, os carros, as casas, os cigarros, os cosméticos, semeia e colhe os alimentos, lá bem longe no campo, nas minas, no mar, carregadas de filhos, de fome e de falta de higiene; a maioria, se foi à escola, não passou de soletrar as primeiras letras e desenhar o nome.

Tampouco se esforçam para elevar mulheres e filhos para patamares de saber e bem-estar social igual ao das “líderes” feministas e/ou perdem tempo olhando a mulher nordestina (brasileira) pele e osso, carregada de filhos, sem lar decente e sem escola, vivendo em regiões esmirradas pelo calor, devoradas pela fome e pelas doenças da falta de higiene. E por quê não lembrar a mulher das regiões pobres de Portugal?

Um dia destes recebi um jornal espanhol, *La Campana*, de 07/06/1999, falando com desenvoltura das “mulheres nicaragüenses exploradas por vorazes empresários” (que tiveram mãe, diga-se!). Começava um extenso texto com o título “Escravidão de fim de século nas máquinas”, expondo a tragédia de mulheres das fábricas da chamada “Zona Franca”, não obstante o clamor expedido pela reunião de Manágua, exigindo um “Código de Ética”, apoiado pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Desempregadas da Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua.

O movimento de protesto feminino começou em 1996, denunciando 18 empresas na “Zona Franca”, alinhando alguns nomes como: Fortx

Group, China Unida, Chentex, Eco de Nicarágua, Metro Garmont, Cupido Internacional, American Textil e Induquiniga, entre outras.

O grito das feministas quase escravas, pretendia alcançar a América, a Europa, o mundo, alertando que “por trás das marcas” e “Campanhas Roupas Limpas” existe uma rede voraz de exploração de mulheres por mulheres, de homens por homens.

Na França, os espanhóis editam um calendário em nome da SIA (Solidariedade Internacional Antifascista) e o de 1999 foi dedicado às mulheres *en su lucha*. Começa o mês de janeiro com as mulheres do Afeganistão, lembrando que o Talibã proíbe desde 1996 a mulher de sair à rua sem se cobrir da cabeça aos pés.

No mês de fevereiro, evoca a China e o Tibet, o primeiro com governo comunista, bloqueando o direito das mulheres ter mais de um filho, e as punições impostas ao sexo feminino. E calculam “que em 2020/2030, milhões de chineses ficarão sem mulheres”.

Março começa na Turquia, Paquistão e Iêmen com a “ministra das mulheres e da família a favor do teste de virgindade obrigatória”, uma forma de coibir experiências sexuais das jovens em obediência ao integralismo e eslamismo que são primos! Têm as mesmas origens.

Abril evoca a Índia e o Nepal, países onde o governo só permite abortos de crianças do sexo feminino. Esta discriminação originou a formação da “Associação para ajudar as meninas”.

O mês de maio, é sobre o terrorismo islâmico na Argélia. Faz mais de 70 anos o fanatismo alimenta a discriminação, mulheres e homens são assassinados por grupos armados. As mulheres são seqüestradas e estupradas clandestinamente.

Junho é dedicado ao elemento feminino de Chiapas que cumpre a “Lei Revolucionária”, composta de 10 pontos. No último, lê-se: “As mulheres têm todos os direitos e todas as mesmas obrigações, de acordo com as leis e regulamentos revolucionários”.

O mês de julho evoca a África, com raras exceções, “a mulher empregada nas plantações é mal paga, mal alimentada e é a mão-de-obra enriquecedora do capitalismo nacional e internacional”. O FMI e o Banco Mundial contribuem para agravar esta tragédia feminina.

Agosto trata do México, da América Latina e comenta a “escravidão junto das máquinas”. E, no Peru, milhares de mulheres pobres e camponesas, principalmente indígenas, foram esterilizadas e nem sabem.

Os demais meses tratam das mulheres na Bósnia, na França, na China, na Rússia e outras regiões...

A Fundación de Estudios Libertários Anselmo Lorenzo, de Madri, acaba de lançar o livro *Mulheres Livres*, com 189 páginas. Trabalho de várias mulheres, resume-se numa colocação emancipadora: “Mulheres livres não quer dizer salários iguais para trabalhos iguais e/ou o direito de ser policiais e eleger-se para cargos políticos! *Mulheres Livres* quer igualdade e liberdade para todos: para *Mulheres Livres*, o ser humano, independente do sexo ou cor é a sua meta maior, o acabamento para uma Sociedade Nova, respeitando-se as peculiaridades de cada um. A Sociedade compõem-se de homens e mulheres e todos juntos devemos trabalhar para o mesmo objetivo, o mesmo fim. As mudanças só virão com a união de homens e mulheres, já que a vida só prospera aos pares”.

Embora os chineses tenham dito que “a mulher é a metade do céu”, temos de reconhecer que são também as grandes vítimas de uma sociedade de desiguais.

(*Nova Gazeta*, Portugal, 12/11/1999; *El Libertário*; Venezuela, fev./março 2000)



A pobreza e a fome vivendo do lixo e no meio de lixo



Trabalhadores do campo que acreditam numa reforma agrária que não é reforma (século 20).



A seca e a morte no Nordeste do Brasil, século 20.

QUINTA PARTE

A MULHER COMPANHEIRA DO HOMEM

“Relatório sobre a situação da População Mundial em 1989”, divulgada pelo “Fundo das Nações Unidas para População” (FUNAP), sustenta a tese de que a discriminação das mulheres, anulação de perspectivas sociais e econômicas, principalmente nos países em desenvolvimento, pode ser desastrosa para o futuro do planeta.

E mais: “Se um grande número das mulheres do mundo não conseguir reduzir sua dependência dos filhos para obter posição social e não assumir um papel na sociedade igual ao dos homens, as taxas de fecundidade continuarão elevadas e a população mundial poderá triplicar no prazo de um século”.

Projeção da ONU (Organização das Nações Unidas) estima que dos atuais 5.2 bilhões de pessoas, a população mundial chegará a 6.25 bilhões no final do século e alcançaria 8.5 bilhões em 2025. Para que a projetada redução da taxa de fecundidade ocorra é necessário – diz-se – que o índice de mulheres que usam métodos anticoncepcionais suba dos atuais 45 para 58% no ano 2000 e para 71% no ano 2025.

A sobreviver – pobreza/crescimento – cada vez mais pessoas atacarão o meio ambiente, destruindo a natureza ate esgotar recursos que poderiam no futuro sustentar a população.

Em Bangladesh, a FUNAP apurou que são dados 16% mais alimentos aos meninos do que às meninas da mesma idade. E que no Terceiro Mundo, em 1985, 78% dos rapazes estavam na escola primária contra 65% de meninas. No segundo grau, a população é de 48 para 37%.

Mas o mais chocante – segundo o Fundo das Nações Unidas para a População Mundial – é que as mulheres não podem possuir terras na Colômbia, Nepal, Quênia, Etiópia, Panamá, Chile, Iraque e Egito, e a reforma agrária proíbe mulheres divorciadas de possuir terras na Zâmbia, Etiópia e Nepal. Em Portugal lutaram contra este estado de coisas Deolinda Lopes Vieira, Angelina Vidal, Maria Archer, Virgínia Dantas, Margarida Barros, Florbela Espanca e tantas outras.

No Brasil o movimento feminista – mais com vistas à emancipação social – começou ainda no século passado com grandes figuras como a italiana Itália Fausta, as escritoras Maria Lacerda de Moura e Ercília Nogueira Cobra, empunharam a bandeira da “mulher livre em terra livre”, auxiliadas por Maria Valverde, Maria e Angelina Soares, Isabel Cerruti, Sofia Garrido, Maria Oliveira, Elvira Boni, Elisa de Oliveira, Alzira Werkazer, Adelaide Diz, Matilde Magrassi, Maria Silva e as mulheres que fundaram e dirigiram o Centro Feminino de Educação, o Centro Feminino Jovens Idealistas, Centro Feminino de Estudos Sociais, Comitê Feminino Contra a Guerra, Federação Internacional Feminina, Liga Comunista (nada tinha a ver com o regime russo) Feminina e outras idealistas libertárias, que escreviam obras (Maria Lacerda de Moura escreveu mais de 10 obras em defesa da mulher e sua emancipação), colaboraram na imprensa alternativa, discursaram nos sindicatos livres, apolíticos, nos Centros de Cultura Social e em praça pública, desbravando o caminho que as feministas brasileiras dos últimos 20 anos ignoram, como se antes delas a mulher nunca tivesse levantado a sua voz, inclusive nos congressos operários de 1906, 1913, 1920 e no combate ao ambiente fascista que antecedeu à Segunda Guerra Mundial.

As mulheres de então não se limitavam a querer direitos iguais aos homens: salários iguais para trabalhos iguais; eleger e serem eleitas, ocupar cargos políticos em igualdade de condições com os homens. Queriam a transformação da sociedade para serem iguais aos homens em deveres, direitos e no usufruto das riquezas naturais e das produzidas pelo trabalho de todos e de cada um.

A inovação, o pioneirismo da mulher que no Brasil, até 1935, empunhou o estandarte da igualdade sem classes, choca-se com os conceitos feministas políticos hoje. Por isso, só conhecem o que aconteceu ao longo de sua existência. A história da luta pela emancipação da mulher no passado não conta. Só quer igualar-se aos homens mantendo as mesmas hierarquias deles em relação às mulheres operárias, às camponesas, às varredoras de rua e às empregadas domésticas para que possam continuar tendo quem lhe tome conta dos filhos, faça a roupa, o calçado (inclusive homens), transporte, semeie e colha alimentos para comer, que construa a casa para morar confortavelmente e lhe garanta todos os benefícios iguais aos dos homens quando políticas, professoras, médicas, advogadas, funcionárias, burocratas etc., tudo por uma ínfima percentagem do salário que ganham. Querem ocupar cargos de mando para exercer sobre os subalternos sua autoridade, enquanto as mulheres idealistas no passado repeliam a igualdade de escravos: lutavam pelo direito de construir uma sociedade sem exploradores nem explorados,

de iguais, independente do nível intelectual, cultural, do QI e/ou do sexo, idade e cor! Para a feminista libertária ser igual ao homem só no trabalho e nos salários não bastava, queria ser sua companheira, nas dificuldades e na abundância. igual a todos os homens e mulheres independente das funções que desempenhasse cada uma na sociedade.

Quem já estudou o Corão e/ou as leis canônicas depara com brutais limitações, as mais severas impostas à mulher, mantidas parcialmente pela Igreja até hoje; restrições que o homem aproveitou para submeter o elemento feminino aos seus interesses.

Mas isto não quer dizer que as mulheres também não cometam atos de violência contra mulheres e mate homens, a tiros e facadas. A questão é social, econômica e cultural, só uma Nova Escola fundada e mantida numa sociedade com liberdade e responsabilidade para todos poderá mudar as deformações seculares que nos atormentam.

Enquanto houver escolas e gente morando debaixo de viadutos, das marquises, dos prédios em ruínas, nos “palácios” de lata (favelas), teremos visível a desigualdade entre homens e homens, e mulheres e mulheres e todos juntos serão dominados uns pelos outros. Mulheres livres dentro de uma sociedade discriminatória, de gente vivendo às custas de homens e mulheres, a escravidão vai continuar. Com mulheres vereadoras, deputadas, ministras e/ou presidentas como já aconteceu na Índia, na Argentina, Israel, Inglaterra, para falar apenas de alguns países, homens e mulheres continuaram se explorando e dominando uns aos outros em maior ou menor escala, nada mudou.

Apesar da boa equipe de feministas no Congresso brasileiro e na Câmara do Rio de Janeiro, de mulheres ministras das finanças, uma “professora analfabeta, Aparecida Dias Davide, precisou fundar uma “escola” debaixo do Viaduto da Estrada de Ferro, na Praça da Bandeira: uma mesa e cadeiras ao ar livre, cartazes pedindo lápis e cadernos, para que crianças de ambos os sexos não “fiquem sem saber ler e escrever” como ela.

Isto chama-se questão social, que parece não comover as feministas desde que possam ganhar igual aos homens para trabalho igual. Ou será que não vêem neste foco da miséria brasileira (só subnutridos e sem escola são mais de 40 milhões) a grande discriminação, a monstruosa desigualdade de homens, mulheres e crianças?

(Flor do Tâmega, 27/08/1992)

A “NOVA” MULHER BRASILEIRA

Soprando em todas as direções, os ventos da liberdade também agitaram a mulher brasileira.

Muitas vêm nas manifestações pró-liberdade sexual uma conquista importante, tão importante que constituíram grupos feministas de contestação aos chamados “machões”, e reivindicam desordenadamente direitos e direitos.

De protesto em protesto, romperam o bloqueio dos homens e duas delas – as escritoras Raquel de Queirós e Dinah Silveira de Queirós – foram eleitas para a Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro.

Levadas pelos mesmos ventos, já realizaram o 1º Congresso da Mulher Fluminense, e no Brasil, explodem como bombas, manifestações feministas, chegando às pichações nos muros das residências dos “machões”.

Não faz muitas semanas, Andrée Michel, feminista francesa, esteve no Rio de Janeiro para falar dos direitos da mulher. Suas palavras no salão do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) foram de repúdio aos crimes praticados contra mulheres em Minas Gerais e em Cabo Frio, pelos seus maridos.

Segundo a feminista francesa e suas colegas cariocas, há muito a fazer na luta pelos direitos da mulher no Brasil, no Mundo!

Aqui já se fala muito em planejamento familiar, para evitar que os casais tenham filhos indesejados, crianças carentes e desajustadas, muitas convertidas em delinqüentes ou inadaptadas em nossos dias. A criminalidade infantil neste país é assustadora e em grande parte – garantem os psicólogos – tem origem na miséria, nos filhos não desejados por mães solteiras ou casadas, na pobreza e nos lares em decomposição. Com o planejamento familiar e o aborto livre – garantem as feministas – “estas calamidades públicas” seriam debeladas ou atenuadas, pelo menos.

Dir-se-ia que a “nova” mulher pleiteia os mesmos direitos que os homens (não falam por aqui em iguais deveres, por enquanto) e muitas delas já se engajam nas lutas políticas, ultrapassando o limitado interesse sexual da maioria das feministas, para lutar e morrer na clandestinidade, como foi o caso de Maria Augusta, desaparecida em 1973, entre outras jovens, concretizando um desejo de auto-afirmação.

As mais afoitas, já se transformam em líderes e algumas se denominam pioneiras, quando é certo que no Brasil a luta pela emancipação da mulher vem de muito longe, tem a sua história. Data do final do século passado o grito feminino: PROCRIAÇÃO CONSCIENTE!

Uma das pioneiras de direito e de fato, que deu expressão ao feminismo no Brasil, responde pelo nome de ERCÍLIA NOGUEIRA COBRA,

autora do livro *Virgindade Inútil e Anti-Higiênica* (novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens, 212 p.) que só por si é uma declaração de guerra à virgindade e ao “machismo”, uma proclamação de liberdade sexual e dos direitos iguais ao uso do corpo, tanto dos homens quanto das mulheres.

Outra pioneira dos anos 20, foi a professora e escritora anarquista MARIA LACERDA DE MOURA. Mineira, passou parte da sua vida em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1945.

Sua primeira obra data de 1918. Em 1919, já publicava seu terceiro livro, *Renovação*, e fazia, ao abri-lo, a seguinte advertência:

“Moças do meu país: se alguém vos disser que este livro não pode ser folheado por uma menina – não acrediteis. É possível que o classifiquem de mil modos segundo o espírito conservador, tradicional e reacionário. O que é certo é que eu o escrevi para vós e nada há, aqui, indigno da donzela mais ingênua ou da mulher mais casta. O que há é a verdade e muita gente se empenha em no-lo esconder”.

Depois publicava sucessivamente: *A Fraternidade na Escola; A Mulher e a Maçonaria; A Mulher Hodierna e e seu Papel na Sociedade Atual e na Formação da Civilização Futura*, e em 1924, *A Mulher É uma Degenerada?*, réplica ao cientista Miguel Bombarda¹⁰. São 150 páginas admiráveis em defesa da mulher!

Entre a sua dúzia e meia de livros publicados e traduzidos para o castelhano, todos em defesa da liberdade e da mulher, destacam-se: *Religião do Amor e da Beleza* (1931); *Amai e... não vos Multipliqueis* (1932); *Han Hyner e o Amor no Plural* (1933).

“Esquecida” pelas feministas modernas, certamente por ser anarquista individualista, a professora Maria Lacerda de Moura reclamava uma liberdade plena que via como um todo, e defendia:

“E, um dia, todos os homens e mulheres da Terra, sem distinção de raça, de casta, de cor, de sexo ou de nacionalidade, serão irmãos no auxílio mútuo e no respeito à dignidade da consciência livre – para mais alta evolução, através do tempo e para além do espaço...

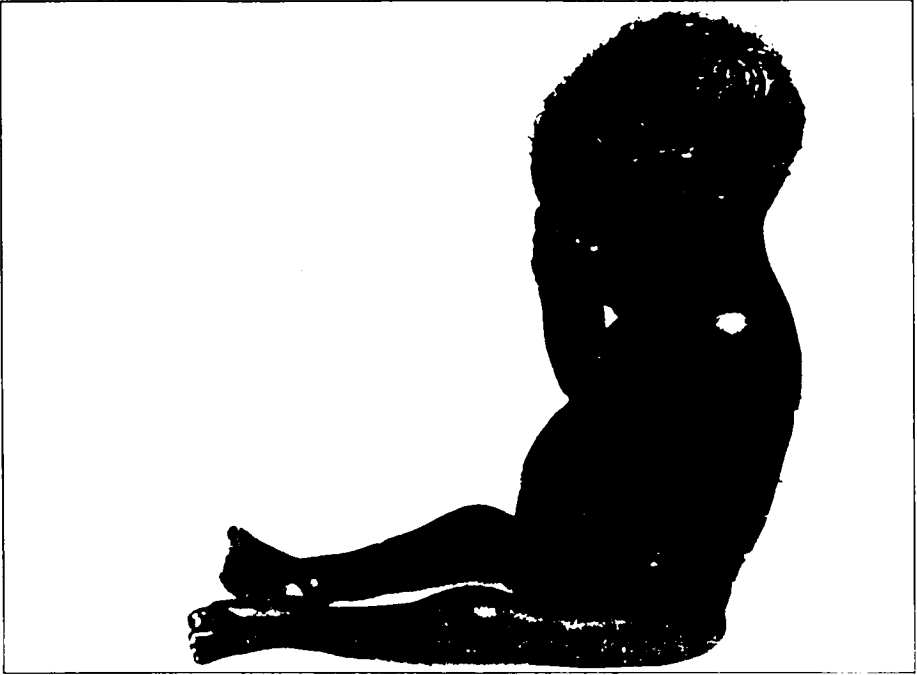
“Só nesse dia, só no dia da festa da realização interior de cada ser humano, só no dia da consagração do culto à liberdade do semelhante (porque, hoje, todos sabem reivindicar a liberdade, mas deslizando por sobre a liberdade do que está mais próximo...) só no dia em que cada ser realizar, sentir e gozar a alegria no coração dos outros seres, na comunhão dos sonhos e do labor, só nesse dia saberemos cantar a Paz e a Liberdade,

10. Miguel Bombarda nasceu em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Filho de pais portugueses, retornou com os pais, estudou e formou-se em Portugal.

e, por sobre as ruínas bárbaras dos troféus do direito da força – plantaremos a bandeira universal do Direito Humano” (1933).

Tal como a escritora-pioneira Maria Lacerda de Moura, há quem conteste o feminismo de alcance sexual com o argumento de que para além dessa conquista, é necessário pleitear uma educação nova que proceda à demolição do reacionário que cada ser humano carrega dentro de si, até tornar homens e mulheres plenamente livres, irmãos emancipados, capazes de construir uma sociedade de iguais. Então sim, todos seremos plenamente livres.

(Jornal da Província, 01 a 15/02/1981).



Criança doente, abandonada por falta de recursos



Cegonha.



Miseria, e a idade infantil - prostituição infantil



Retrato do atraso, da pobreza e da prostituição infantil.

SEXTA PARTE

A MULHER, O HOMEM, A HUMANIDADE

Em setembro de 1994, as agências de notícias da "multiplicidade dos valores éticos, religiosos e culturais", sentaram-se na mesma mesa para reduzirem o tamanho da população mundial durante a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento no Cairo.

A discussão girou em torno de conceitos avançados como os da Noruega e os retardados como os da Santa Sé e do Corão, objetivando conseguir consenso para "travar" os nascimentos na África, na Ásia e na América Latina, onde a pobreza se mistura com os 93% dos 94 milhões de crianças que vêm ao mundo a cada ano.

Lícito é reconhecer que, se não pensarem em emancipar a mulher, o homem e/ou acabar com a fome e a fabricação de armas atômicas armazenadas, e nem com a intolerância da Santa Sé e do Corão, no mínimo, espera-se que tenham percebido o perigo que a Humanidade está correndo às portas do século 21. Milhões de seres humanos como nós, se não morrerem de explosões nucleares provocadas por acidente e/ou pela perversidade e a delinqüência embutidas nas cabeças doentias de alguns governantes, serão fatalmente vitimados pela ignorância que começou com as leis CANÔNICAS¹¹ piorou em nossos dias, com as do Corão, e vão perecer, em breve, vítimas da fome, da sede, por falta de espaço habitável e de oxigênio renovado, se ninguém fizer nada por esse quase UM BILHÃO de famintos.

Nossas reflexões fizeram-nos recuar até meados do século 19, quando teve início a luta pela emancipação do ser humano e a *programação da família* em nosso planeta. A idéia revolucionária começou com a contestação dos valores da velha sociedade sacudida pelo livro de Proudhon *A Propriedade é um Roubo*, publicado no ano de 1840 na França e foi tal o estrondo que logo atingia toda a Europa e a América.

Três anos mais tarde (1843), Flora Tristán desencadeia campanha, pela primeira vez, para ajuntar homens e mulheres em torno de uma

11. A título de curiosidade, registro: São Paulo dizia: "A mulher não tem alma" e Santo Agostinho: "A mulher é o único animal que não está ENJAULADO"

Associação Internacional de Trabalhadores. Idéia ampliada em 1864 pelos operários franceses. Henrique Tolsin, Persechen e Limossin, país do embrião da AIT, fundada em Londres no mesmo ano. Nos seus congressos a seguir, ganhou velocidade, cresceu com a Comuna de Paris (1871) e a Tragédia de Chicago (1886-1887), tornando-se amplamente discutida pelas libertárias Louise Michel, Voltairine de Cleyre, Emma Goldman, da socialista Joana Grey e centenas de mulheres e homens contestando os fuzilamentos dos comuneiros na França e os cinco anarquistas enforcados na América do Norte.

Impulsionado pelo vento revolucionário, nasceu na França, o movimento em favor da *Família Programada*, que expunha suas idéias em discursos e no jornal lançado com esse fim: *A Procriação Consciente*, mais tarde proibido e presos seus responsáveis, todos libertários.

Em pouco tempo (ainda no século 19), a proposta então revolucionária chega ao Brasil. Depois, ouviu-se a socialista italiana Ernestina Lesina, que chegou a publicar um pequeno jornal *Anima e Vita* em São Paulo. Ainda da Itália, chegaram Argia Fagoni Gattai (avó de Zelia Gattai), Matilde Magrassi e Italia Fausta, Carmen Ferrer (Espanha), Sofia Garrido e Maria Silva (Uruguai), filhas de imigrantes, Isabel Cerruti, Ercília Nogueira Cobra, Emma Ballerini, Maria de Oliveira, Elvira Boni, Angelina e Maria Soares, Maria Rodrigues, Maria Valverde, Tomasani Montsanto, a russa Paulete Lisenco, Vitória Guerreiro, Sofia Krup, Aurora Nevoa, Luisa Nevoa, Clotilde Fraga, Dolores Ribas, Adelaide Diz, Alzira Werkauser e Maria Lacerda de Moura, foram algumas das centenas de mulheres que, desde as últimas décadas do século 19 e nas primeiras do século 20, fizeram greves, discursaram nas praças, nos congressos, nos salões das associações operárias, ajudaram a fundar sindicatos, grupos de teatro social, o Centro Comunista Libertário (1919), escreveram nos jornais, carregaram bombas caseiras em Santos, distribuíram panfletos juntamente com os homens de idéias avançadas, sempre em defesa do *ser humano*.

A italiana Matilde Magrassi, no ano de 1904, fazia discursos vibrantes no Rio de Janeiro em defesa da mulher. Sofia Garrido (Uruguai), num discurso em frente à prisão de Santos, falou em cima de um caixote, desafiou o poderoso chefe de polícia Bias Bueno: foi expulsa do Brasil. Maria Rodrigues carregou bombas feitas em casa para decidir a greve pelas oito horas em Santos, no ano de 1920, e a anarquista individualista Maria Lacerda de Moura fez discursos, publicou em São Paulo a revista *Renascença*, ilustrada, e mais de uma dúzia de livros, inclusive um intitulado *Amai... e não vos Multipliqueis*.

Foram centenas e centenas de mulher operárias associadas a seus companheiros desde o final do século 19, que iniciaram uma luta, que

está longe da terminar: pelas oito horas de trabalho, salários justos, pagamento em dia certo (nessa época, só quando os patrões queriam, e muitos só pagavam em vales para retirarem alimentos em seus armazéns), higiene e seguro de acidentes, local para mudar de roupa, comer e tomar banho, abolição de multas e de agressões às crianças e mulheres pelos mestres, ficar em casa uns dias antes e depois do parto e até pelo direito de se filiar aos sindicatos.

Hoje, recordando uma estatísticas de 1990, em que o Brasil tinha 144.293.110, de habitantes, sendo 73.481.174 mulheres e 70.811.936 homens (na época 35% da força de trabalho era feminina), onde se afirma que o "movimento feminista" "marcou presença no Brasil a partir dos anos 70 graças às mulheres intelectuais". NÃO SEI SE RIO OU SE CHORO DA IGNORÂNCIA dos autores e outros...

Imaginar-se que o movimento feminista começou na década de 70 e/ou é produto da sua intervenção na música, no canto, na natação, na competição, na política, na polícia, nas forças militares, mostrar a barriguinha em público, aparecer nua nos calendários comerciais a troco de dinheiro, fumar, correr, apitar partidas de futebol, ser capataz, chefe, escrever livros, artigos, poder evitar filhos e ganhar salários iguais em cargos iguais: um grande avanço, diga-se. Mas, mais uma vez é ignorada a história!!! Isso não é tudo e nunca foi o começo do Movimento Feminista no Brasil. Decorrido *um século* que libertários franceses lançaram o jornal *Procriação Consciente* e desencadearam o movimento em defesa da *família programada* aparece uns poucos "figurões" no Brasil e na Conferência do Cairo a falar de uma coisa velha como se fosse nova.

É verdade que os libertários, que na França e no Brasil, iniciaram o movimento, não pensavam apenas em salários iguais para trabalhos iguais: pensavam na emancipação do homem e da mulher (não em tornar a mulher escrava igual ao homem...), numa *educação racionalista capaz de tornar o ser humano irmão do ser humano independente do sexo*. Eles sabiam que Napoleão, Hitler, Mussolini, Salazar, Stalin, Getúlio Vargas, Felinto Müller, militares e policiais (de general a soldado) torturadores e assassinos brasileiros e outros... todos tiveram UMA MULHER COMO MÃE e quase todos professoras MULHERES.

Filhos educados por mulheres foram Torquemada, São Domingos e outros inquisidores. Goering, Hiemeler, Keidrick, J. Kaner, Rudolf Franz e médicos alemães, brasileiros, portugueses e outros diplomados delinqüentes, todos gerados, acarinhados e educados também por mulheres. Mulheres foram mães de Lucrécia Borgia; Catarina, a Grande; La Passionária, a Papisa Joana, Ilse Kock (a Cadela de Buchewald) que mandava matar e *esfolar* prisioneiros para fazer de suas *peles abajures*.

durante a guerra de 1939-1945. Mulheres foram criminosas: a médica Marta Herta Oberheuser, Léia Cabral, Dorinha Durval Gonçalves da Costa e centenas mais que roubaram e traficaram crianças, drogas, roubaram (roubam) dinheiro dos velhinhos aposentados do INSS etc., todas filhas de mulheres e de homens como nós.

Para os idealistas que lançaram o jornal *Procriação Consciente* na França, trabalhadores do braço e do cérebro (milhares de homens e mulheres) e para os que antes e depois destes (inclusive no Brasil), continuaram sua luta porque o sexo não é responsável pela desigualdade, esta é produto da imaginação de figurões que para além de leis, tornaram homens escravos de homens e mulheres escravas de mulheres, uns dos outros, tudo garantido pelo Estado e abençoado pela Igreja. Por isso, os anarquistas advogavam e ainda advogam que é o SER HUMANO como um todo que precisa melhorar, ser conscientizado de que homens e mulheres são iguais. Com esse objetivo, fundaram e defendem um ENSINO E UMA EDUCAÇÃO RACIONALISTA, capaz de dar ao ser humano uma visão da vida livre dos antolhos que nos colocam desde que nascemos.

Para frustrar essas idéias libertadoras e emancipadoras, os governantes mandaram fechar as ESCOLAS RACIONALISTAS, prender, deportar e fuzilar Francisco Ferrer y Guardia, seu fundador na Espanha. No Brasil e noutros países, as punições foram mais brandas, mas não puderam continuar.

Enquanto houver hierarquias profissionais, intelectuais e sociais, teremos uma SOCIEDADE de desiguais, de pobres e ricos, de exploradores e explorados. Não basta conquistar apenas direitos iguais para trabalhos iguais, é preciso alargar esse direito para todos!

É uma ingenuidade pensar que o movimento feminista atual descobriu a luta por seus direitos COM MAIS DE UM SÉCULO DE ATRASO e que, antes, nada aconteceu para libertar mulheres e homens da ESCRAVIDÃO. Discursar nas assembléias enquanto a mulher, empregada doméstica, toma conta dos seus filhos e o marido ou outros, pagam-lhes salário de fome, é perpetuar a DESIGUALDADE.

(*A Vanguarda*, Portugal, 13/11/1994)

EU VI

Foi ali mesmo, numa tarde de agosto, no antigo Cais da Carqueja, na margem do Rio Douro que a memória me fez recuar no tempo meio século e rever um drama pungente e triste. Diria até, uma escravatura moderna, branca, digna de ilustrar telas de famosos pintores lusitanos, a exemplo de Debret, para que ninguém esqueça.

Vi a calçada da Corticeira e por um instante veio-me à retina mulheres enfiadas em enormes feixes de carqueja só com os pés e um pouco do rosto visível à curiosidade dos transeuntes. Descalças, ou com umas alpargatas, escondendo os pés, pisando firme nos paralelepípedos, fortemente inclinadas sobre o estômago para vencer a subida íngreme até às Fontainhas e não escorregar, as carquejeiras mais pareciam ouriços-cacheiros do que pessoas humanas como nós. Calcorreando as ruas da cidade para sobreviver, com uma rodilha de pano na cabeça que sustentava a corda com a qual amarravam os molhos de carqueja, tão negra e tão suja quanto a sua “alma” sofrida e expoliada, pouco de ser humano se via nessas mulheres trabalhadoras: apenas os pés estavam “livres” para vencer grandes distâncias e os olhos para ver em linha reta (para os lados era impossível!).

Dava pena vê-las tão curvadas. E não se pense que andavam praticando contorcionismo ou imitando a Rosa Mota (que não existiam tão valorizadas na época!), “corriam” por necessidade atrás de uns tostões que lhes sobravam depois de vender toda a carga nas padarias, nas carvoarias e nos restaurantes da cidade. As mais ligeiras apanhavam os fregueses mais perto e as outras tinham de sair da cidade, andar por quilômetros de distância em busca de compradores para uma mercadoria que em última instância era o seu penoso ganha-pão.

O cérebro humano é fértil em recordações... Meu pensamento saiu dos dias quentes do verão e vi-me nos meses frios do inverno, chuvosos, pouco mais do que adolescente na cidade do Porto, cheio de frio e olhando as carquejeiras caminhando pesadamente num chão escorregadio, apregoando a sua mercadoria, com uma voz roufenha que mal se entendia o que vendiam.

Dir-se-ia que lhes faltava força para se fazer ouvir com nitidez, que a sua voz saía sufocada pelo frio e a chuva miúda que caía por sobre a carqueja como um castigo. Só os olhos se mantinham vivos, melancólicos, “transpirando” dor, uma dor contida, interior, que se percebia prestes a explodir de tanta revolta.

Já fez meio século e ainda não se apagou essa imagem peregrina, sofrida do nosso consciente, nem a pergunta humanista e revolucionária

que então fiz a mim mesmo: – Por que existem mulheres carquejeiras? Quanto sacrifício e miséria juntas num mundo de gente ociosa, parasitando, farta, que se dá ao luxo de esbanjar em poucos minutos, mais do que aquela mulher trabalhadora, aquele SER HUMANO como nós, ganhava num dia enfiada num imenso feixe de carqueja, para sobreviver? E continuam tentando convencer-nos que somos civilizados, mas insensíveis diante de um trabalho tão ultrajante quanto penoso e mal pago. Como a memória nos fez voltar ao passado para conferir o presente?!

E não foi só o drama das carquejeiras que me veio à retina durante a curta estadia no cais do Douro: fiz uma incursão beira-rio abaixo, lembrei-me das mulheres carregando gigas de carvão à cabeça, atravessando a rua, subindo e descendo numa prancha até aos porões dos navios cargueiros ancorados no cais da Ribeira, junto de Lordelo do Ouro. E que mulheres eram essas, perguntava a minha consciência? Só se viam os dentes e os olhos, tudo o mais era preto!?! Rosto, braços, pernas, roupa... Tudo se misturava e confundia no meio do pó negro e doentio!

Correndo ligeirinhas, para não serem colhidas pelos carros elétricos que passavam, e o cuidado de não escorregar no paralelepípedo umedecido pela neblina da noite, as carregadoras do carvão chegavam a “reduzir” o tamanho do pescoço que o peso empurrava por entre os ombros...

Fantasmas ou gente, aquelas mulheres carregadoras de carvão cujo pó já se entranhara nos pulmões e fazia cuspir preto? É difícil ajeitar frases que retratem o trabalho escravo das mulheres que eu vi em Lordelo do Ouro com uns panos velhos e negros na cabeça (rodilhas), com enormes gigas de vime e de bambu deixando passar pelas pequenas juntas o pozinho fino do carvão que descia pelo rosto abaixo ou o vento jogava na hora de despejar as gigas e as narinas e a boca aspiravam e o suor e a saliva transformavam em lama negra, tão negra quanto a tristeza de fazer aquele “transporte” um meio de sobrevivência.

Com um salário e uma vida curta, a mulher carvoeira e a carquejeira viviam diariamente o seu inferno aqui mesmo na Terra: violento, faminto, frio e abrasador ao mesmo tempo.

Não há maior pesadelo, temor tão grande, convicção mais assustadora do que a desgraça vivida minuto a minuto pelas pobres mulheres carregadoras da Ribeira!

Só a tecnologia moderna – dizia-se! – pode substituir a carqueja e o carvão pela eletricidade, resultado da imaginação e da visão humana.

Não basta só fé, é preciso honestidade, inteligência humanizadora para que o trabalho produtivo deixe de ser um estigma da escravidão, um castigo e um martírio e ganhe forma de condecoração.

A eletricidade veio para tornar desnecessária a carqueja nas padarias e nos restaurantes e as bolinhas de carvão nas residências do assalariado.

É o progresso, a tecnologia, mudando a vida das pessoas, tornando-a suportável. Foi uma pena que Júlio Pomar na sua primeira fase não se inspirasse em Debret¹² para pintar quadros das escravas brancas: as carquejeiras e as carvoeiras lusitanas, que eu vi em pleno século 20!

(Jornal da Almada, 17/11/1989)

12. Jean Baptista Debret, pintor francês, viveu em terras brasileiras de 1816 a 1831 e retratou em dezenas de telas e gravuras a escravidão negra no Brasil.



Mantendo o ritmo da tarefa



No albergue com o filho

SÉTIMA PARTE

AS MULHERES E A QUESTÃO SOCIAL NO BRASIL

Salvo algumas mulheres que por si mesmas se destacaram, escrevendo na imprensa libertária, falando em comícios, pronunciando conferências, a maioria do elemento feminino passa despercebido à pena de jornalistas e escritores, inclusive anarquistas.

Diria até que é um comportamento incompreensível para com a mulher que lutou ao lado do homem nas fábricas, nas associações operárias, que participou dos grupos de teatro social, dos congressos operários, dos centros de cultura social, dos comícios e passeatas, tomou parte em greves, foi presa também, sofreu humilhações e por último administrava a casa, educava (como sabia) os filhos e não permitia a desagregação da célula familiar quando seu companheiro era preso por delitos de opinião.

De uma forma nem sempre notada, a mulher participa desde a primeira hora na questão social.

Começou apoiando e solidarizando-se com o companheiro na sua caminhada em prol das idéias. Sacrifica-se economicamente (ignoro as deformações psicológicas na (?) sociedade) para que o companheiro pudesse contribuir com dinheiro para publicações de manifestos, folhetos, jornais ou pagar a contribuição sindical, a mensalidade para o centro de cultura e ajudar a família de companheiros presos, desempregados ou doentes. Privava-se de muita coisa dentro do lar, e criava os filhos quase sozinha enquanto o companheiro gastava uma parcela de seu magro salário na propaganda ou ficava desempregado por suas idéias.

No Brasil, a mulher não fez só isso!

Começou a ajudar na propaganda, no teatro social em 1903, no Rio de Janeiro e São Paulo.

Clotilde Duarte, Davina Praga, Carolina Barbosa, Maria Monteiro, Carmen Ferrer, Dolores Ribas, Francisca Morais, as meninas Pillar Tata, Elvira Boni, Nair Matera, Homérica Matera, Matilde Soares, Maria da Luz Abrantes, Corina Licurgo, Elisa de Oliveira, Sra. Belarmino Fernandes, Maria Rezende, Amélia Garrido, Anita Figueiredo; em Santos

Aurora Novoa, Luiza Novoa, as irmãs Odete e Isaura; em São Paulo Maria Antônia Soares, Angelina Soares, Maria Valverde, Olga Biasi, Carolina Boni, Maria Garcia e Angelina Valverde; e no sul, Maria Silva Franco, fazem parte de mais de uma centena de colaboradoras na propaganda libertária através do teatro social, destacando-se as duas primeiras – Clotilde Duarte e Davina Fraga – que passaram de costureiras a atrizes profissionais e dos palcos toscos das associações operárias ao Teatro Nacional.

Saindo da colaboração dos palcos para a luta de ação direta encontramos na cidade de Santos Maria Rodriguez, destacando-se pela coragem no transporte de “explosivos” durante a greve nas Docas de Santos, no ano de 1920.

Usando a pena e a palavra, para falar ou divulgar o anarquismo Sofia Garrido, Maria Silva Franco, Angelina Soares, Maria Antônia Soares, Noêmia Lopes, Elvira Boni, Sônia Martins, Emma Ballerini, Mari Fabri, Tomasina Montsanto, Isabel Cerruti, Maria Lacerda de Moura, Teresa Maria Carini (Terezinha), Maria Valverde, Maria da Luz Abrantes, Anarquia de Caria, Esther Redes, Maria Iêda de Moraes, Isa Ruti, Carolina Peres, entre outras. Como resultado do trabalho feminino registramos: o Centro Feminino Jovens Idealistas (São Paulo), tendo como secretária Maria Antônia Soares; Centro Feminino de Estudos Sociais (Pelotas/RS), com Elisa de Oliveira; a União das Costureiras e Classes Anexas (Rio de Janeiro), com Noêmia Lopes e Elvira Boni; Grupo pela Emancipação Feminina, com sede no Rio de Janeiro, à rua Senhor dos Passos, nº 8; a União das Costureiras de Sacos (São Paulo), com Tecla Fabri e Teresa Cori; Grupo Feminino de Estudos Sociais (Rio de Janeiro, 1920); Comitê Feminino Contra a Guerra (São Paulo), secretariado pela professora, escritora e jornalista Maria Lacerda de Moura e a Federação Internacional Feminina (São Paulo).

Trazendo como aval o nome de Maria Lacerda de Moura, a Federação Internacional propunha-se “a reunir energias femininas dispersas no sentido da cultura filosófica, sociológica, psicológica, ética, estética e humana para o advento de uma sociedade melhor”.

Trabalhando no campo da educação e da cultura social, a mulher libertária do Rio de Janeiro lança o “Manifesto à Mulher Brasileira”, sob a responsabilidade do Grupo Feminino de Cultura Social, em fevereiro de 1920: “Propomo-nos a agremiar todas as mulheres emancipadas do Brasil, a fim de combater sistematicamente e com eficácia a escravidão clerical, econômica, moral, jurídica, que asfixiam, degradam e aviltam o sexo feminino”.

E finalizava, “Professoras, funcionárias, floristas, operárias em fábricas e ateliês, trabalhadoras em artes domésticas: vinde, vinde até nós, que sereis jubilosa e fraternalmente acolhidas, para todas juntas ajudarmos na construção da nova sociedade”.

Em 15 de abril de 1920, o diário anarquista do Rio de Janeiro *Voz do Povo*, exaltava a atividade do elemento feminino em São Paulo e denunciava a prisão de Maria Antônia Soares, Maria Nandes, Tomasina Montsanto, Gemma Bernardini, Giulia Bernardini e mais 10 militantes anarquistas.

No ano de 1922, *A Plebe*, semanário anarquista, anunciava a fundação do Centro Feminino de Educação inaugurado por Isabel Cerruti, na rua Brigadeiro Machado (São Paulo).

“A emancipação da mulher não está na igualdade – proclamou na oportunidade a conferencista – perante o homem, nas prerrogativas políticas e de mando, mas sim na emancipação da humanidade da tutela política e na igualdade econômica e social de todo o gênero humano”.

“A mulher não é escrava do homem (salvo em casos anormais), mas sim escrava juntamente com o homem de mil preconceitos, e vítima, como ele, da exploração exercida pelos potentados de ambos os sexos, tanto sobre o homem como sobre a mulher.

Igualá-la aos homens é ficar onde estamos! Nós devemos é lutar ao seu lado e junto aos homens para que a emancipação seja um fato, não para a mulher, ou para o homem, mas para todas as pessoas (inclusive crianças e adolescentes), para a Humanidade, porque os dois sexos se integram e se completam”.

No Rio de Janeiro, a União das Costureiras e Classes Anexas, também lança o seu grito de emancipação da mulher dirigido aos homens: “Vós que sois os precursores de uma era onde possa reinar a igualdade para todos escutai: Tudo que fazeis em prol do progresso, militando no seio das vossas associações de classe, não basta.

Falta ainda alguma coisa, absolutamente necessária e que concorrerá mais eficazmente para o fim desejado por todos os sofredores. É a emancipação da mulher!

Homens conscientes!

Se refletires um momento vereis quão dolorosa é a situação da mulher, nas fábricas, nas oficinas, constantemente amesquinhas por seres repelentes e vis.

Trabalhadores!

A obra da União das Costureiras e Classes Anexas, é uma iniciativa da emancipação da mulher”.

A visão da mulher – militante no Brasil desses anos distantes não cabia nos limites da liberdade sexual ou da igualdade perante as leis políticas e salariais que as mulheres pleiteiam hoje, abrangia a igualdade econômica, a liberdade para homens e mulheres, a emancipação social e humana para todos!

Seus objetivos eram libertários!

É exemplo disso a união livre (casamento) celebrado em 1924¹³.

(*Voz Anarquista*, Almada/Portugal, junho de 1982)

QUEM SÃO OS INIMIGOS DAS MULHERES?

Muita gente sabe que Cuba, 25 anos após a derrubada de Fulgêncio Baptista, é tão pobre como antes, o que lhe vale são os “três milhões de dólares anuais que a Rússia lhe envia”. Mas o que poucos sabem é que cerca de “1.000.000 de mulheres” (inclusive crianças e adolescentes) integram as milícias das províncias e que “300.000 mulheres cubanas” fazem parte das milícias territoriais convocadas pela “Federação das Mulheres Cubanas” que tem como escudo a “*arma ao ombro e o bebê ao colo*”.

Na “ilha da liberdade” as mulheres defendem a pátria dos irmãos Castro e ajuda a soviética; em Moscou as mulheres soviéticas e os dólares dos turistas; em Bangkok, na América do Norte e no Brasil o direito de comercializar sua anatomia e vender seu sexo aos executivos!

Mas nem todas as feministas postulam direitos e deveres iguais para todos: homens e mulheres.

O livro *Deus, Pátria e Família*, de Solange de Deus Simões é bem explícito a respeito da diferenciação da mulher dona-de-casa dos anos 60 e da mulher feminista “libertaça” dos anos 80.

São 180 páginas falando das mulheres que ajudaram a fazer a “revolução” de 1º de abril de 1964, a implantar a ditadura militar e a endurcê-la em nome de “Deus, Pátria e Família”. A autora levanta o dia-a-dia desde a formação da CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia), LIMDE (Liga da Mulher Democrata), MAF (Movimento de Arregimentação Feminina), UCF (União Cívica Feminina), ADFG (Ação Democrata Feminina Gaúcha) organismos de mulheres da classe média para cima, com o apoio de 119 associações de origem católicas.

13. Este documento sobre a união livre (casamento) aparece na última parte deste livro; “*A Mulher no Anarquismo*”.

São da responsabilidade dessas mulheres, de acordo com o livro de Solange de Deus Simões, as seguintes passeatas e manifestações públicas: “Em São Paulo compareceram 500.000 pessoas no dia 19 de março de 1964; no Rio de Janeiro, 1.000.000, em 2 de abril de 1964, na chamada “Marcha da Vitória”; em Belo Horizonte, 200.000 no dia 13 de maio de 1964; em Goiânia, 25.000, em 13 de maio de 1964; no Recife, 200 mil, no dia 10 de abril de 1964; em Niterói, 50.000, no dia 15 de maio de 1964; em Fortaleza, compareceram 200.000; em Florianópolis, 50.000, no mês de abril de 1964 e em Maceió, 10.000”. Em mais de 34 cidades de vários estados repetiram-se as manifestações de donas-de-casa brasileiras em apoio da ditadura militar, chegando a desafiar homens e maridos militares com discursos como este: “Há dois anos lutávamos com todos os nossos meios e estávamos cansadas de usufruir apenas para ‘cobertura’; achávamos que o momento (do golpe) havia chegado e que nós mulheres tínhamos cumprido nossa parte e que não continuaríamos ao lado de homens militares ou civis escondidos em baixo de nossas saias”.

No movimento das mulheres nazifascistas engajou-se desde a primeira hora o clero dando-lhe sua colaboração material e tática. As igrejas não foram só locais de reuniões das mulheres ao ceder-lhes os salões paroquiais. Os padres ofereciam aos grupos femininos o seu maior apoio público e possibilitavam que elas atingissem os segmentos mais pobres da população, além da classe média.

Depois do 1º de abril para legalizar e justificar o golpe, as mulheres iniciaram, de “rosário na mão”, pelas ruas da cidade, uma campanha contra os discordantes, contribuindo diretamente para a prisão, a tortura e desaparecimento de muitos opositores nos antros da polícia, do exército e em suas “casas de campo”, emprestadas aos carrascos civis e militares por seus maridos.

Alguns dos artificios para justificar a caçada e a tortura foram “El Paredón de Castro” e fotografias da “estátua de um menino russo. Pavilik Morosov” intitulada: “um herói soviético”. Segundo as mulheres, a “estátua simbolizava a premiação de uma criança que denunciara o pai às autoridades do que resultara a sua condenação a 10 anos de trabalhos forçados”. Mussolini, Juanita Castro (irmã do ditador cubano) também foram evocados para justificar os crimes que ensanguentaram o Brasil ao longo de 20 anos.

O livro *Deus, Pátria e Família* divide-se em quatro capítulos: a) Das colunas sociais ao noticiário político; b) Guerrilheiras perfumadas; c) As rainhas do lar conquistam as ruas e d) Piedosas mães, impiedosos castigos, e 39 subcapítulos.

A autora demonstrou em *Deus, Pátria e Família* que as mulheres também são inimigas das mulheres, dos homens, da liberdade, do respeito mútuo e dos direitos humanos! Que via confessionalista influi ao longo dos séculos nos rumos das nações pela insuflação das influências negativas em seus filhos e maridos. A “revolução” das mulheres de 1º de abril de 1964, é sem dúvida o lado negro das manifestações de “las locas de la Plaza de Mayo” da Argentina!!!

Mas nem todas as mulheres brasileiras se reúnem para discutir “seus corpos”, “seus desejos”, “seus lesbianismos” e/ou para impulsionar golpes de Estado e apontar gente para torturar.

Recentemente mulheres da CONCLAT realizaram um “Encontro”, com fins reivindicativos e humanitaristas.

Dir-se-ia que é a outra face do feminismo, aquela que não é contra mulheres e/ou contra homens, mas para que todos os seres humanos possam viver dignamente com liberdade e têm razão: só a demolição do putreficado edifício social pode dar lugar à nova construção de uma sociedade onde homens não mais sejam inimigos de homens e mulheres inimigas e exploradoras de mulheres, todos possam ser irmãos, iguais dentro da grande obra arquitetônica, humanista, libertária!

(*Gazeta do Sul*, Montijo/Portugal, 31/05/1986)

CAMINHANDO PELO ANTIGAMENTE...

Os sacerdotes (brâmanes) tornaram-se semideuses, e as decisões tomadas pelo rei e seus ministros deviam sempre obter a sua sanção.

O Brâmane, mediante uma purificação de três dias, podia gerar um filho adúltero, mas se sua mulher ousasse lhe ser infiel, o rei mandava que fosse devorada por cães numa praça pública e que o seu cúmplice fosse queimado sobre uma cama de ferro aquecido ao rubro.

Podia roubar o sudra com toda a tranqüilidade e tinha o direito de obrigá-lo a servi-lo.

Conquistando a Índia, os arianos védicos degeneraram. Fundaram vastos impérios, mas fizeram desaparecer a liberdade relativa nos seus clãs primitivos.

Os gregos que visitaram a Índia depois das invasões dos macedônios, admiraram-se de ver o lavrador dirigir tranqüilamente o arado, quando perto dele dois exércitos inimigos se dilaceravam.

Homens de casta inferior, finalmente estrangeiros para todos, eram igualmente para eles inimigos todos os que viam lutar pela posse do solo.

Em nenhum outro país da Terra se produziu tão nitidamente a divisão dos homens em classes artificialmente distintas.

As origens das castas são múltiplas pelo que se deduz. A sua causa primitiva foi certamente a conquista e a opressão dos senhores: contínua, foi acentuando no correr dos séculos.

Para os estudiosos de antropologia, a sociedade indiana divide-se desde os seus primórdios em quatro castas bem determinadas: os brâmanes (sacerdotes), os kchatrias (guerreiros), os vaicias (pastores ou agricultores), e os sudras, que se ocupam de diversos ofícios considerados sem nobreza. Estas castas eram “puras”, porque todas “tinham saído de várias partes do corpo de Brahma”. Abaixo deles havia ainda a multidão dos “impuros”, dos párias que nem mereciam ser classificados entre os homens.

Da teoria à prática iam outras castas que os teóricos não levavam em conta e variavam de província para província.

Para se ter uma idéia, em Bengala, uma província muito conservadora, foram encontradas, em documentos oficiais, mais de 1.000 castas, o que certamente, com as subdivisões, chegariam a alguns milhares.

Parece ter sido o “CANTO DOS PÁRIAS” o primeiro protesto conhecido contra os responsáveis pelos tantos desgraçados humanos colocados à margem da sociedade, o que não chegava a atacar os “nobres”, os exércitos e os brâmanes. (As mulheres onde ficavam?)

Mas o isolamento absoluto dos brâmanes, adquirido pelo nascimento, pelo estudo, pela obediência aos professores e às fórmulas, não os tornaram felizes, e por isso tiveram que procurar a felicidade que deles tinha fugido.

Esta “felicidade” talvez explique o nascimento do budismo, na época uma grande revolução religiosa. Ordinariamente, não se estuda neste acontecimento capital senão a personagem lendária e/ou completamente mítica do seu fundador, a significação dos dogmas e uma ou outra palavra empregada pelos seus comentadores.

O budismo, como revolução moral e social tem muita importância e para se compreender é necessário estudar as épocas que o precederam, os elementos que então existiam.

Sabe-se hoje que as populações conquistadas tinham níveis muito inferiores e que as classes dominantes impunham-se aos vencidos para sujeitá-los à escravidão. Mas houve algumas rebeldias dos que passaram da independência à servidão.

O ponto de origem da religião budista foi precisamente na comarca situada ao oriente do rio Sadanira, infranqueável durante muito tempo às invasões árias. Depois de ter resistido, primeiramente, pelas armas contra a servidão, os habitantes dessas regiões continuaram a luta no terreno do pensamento e da vontade.

Foi esta a gênese da revolução budista que tendia para a igualdade e a supressão das odiosas castas.

Na realidade, as supressões não acabaram... Homens e mulheres continuam submissos até nossos dias.

(Nova Gazeta, Montijo/Portugal, 22/09/2000)

No Rio o Casal Cearense Comprado por Cr\$ 4 Mil



PROCEDENTES de Belo Horizonte chegaram hoje, ao Rio. Manuel Costa Santos e Francisca Barbosa Santos, o casal cearense adquirido por dois repórteres do semanário «Binômios», de Belo Horizonte, por Cr\$ 4 mil, na cidade mineira de Montes Claros, um dos grandes centros do comércio de seres humanos que se estende ao longo da estrada Rio-Bahia.

Depois de proprietários de uma fazenda de leite nas proximidades de Belo Horizonte, os repórteres Roberto Drummond e Antônio Cocenza compraram Manuel e Francisca. Os vendedores, José Alves

Cardoso Sobrinho, natural de São Paulo, e sua esposa, Francisca, também de São Paulo, foram vendidos pelo jornalista Drummond, de Montes Claros.

MAIS CARO NO SILE

Os repórteres trouxeram consigo na sua posse, assinado por José Alvarado Sobrinho. Escreveram os jornais em várias cidades ao longo da estrada e apuraram que a

preço dos dois indivíduos foi vendido por Cr\$ 4 mil, e outros indivíduos foram vendidos por Cr\$ 2 mil, sendo que os dois primeiros foram vendidos por Cr\$ 4 mil, e os outros por Cr\$ 2 mil.

Estudo do Intelecto e Juízo de Gêneros, de Klieze. Proclamação no "Diário de Notícias" que os estudantes de medicina foram expulsos das faculdades de medicina por causa de sua conduta.

No Caminhão Não Tem Disso Não



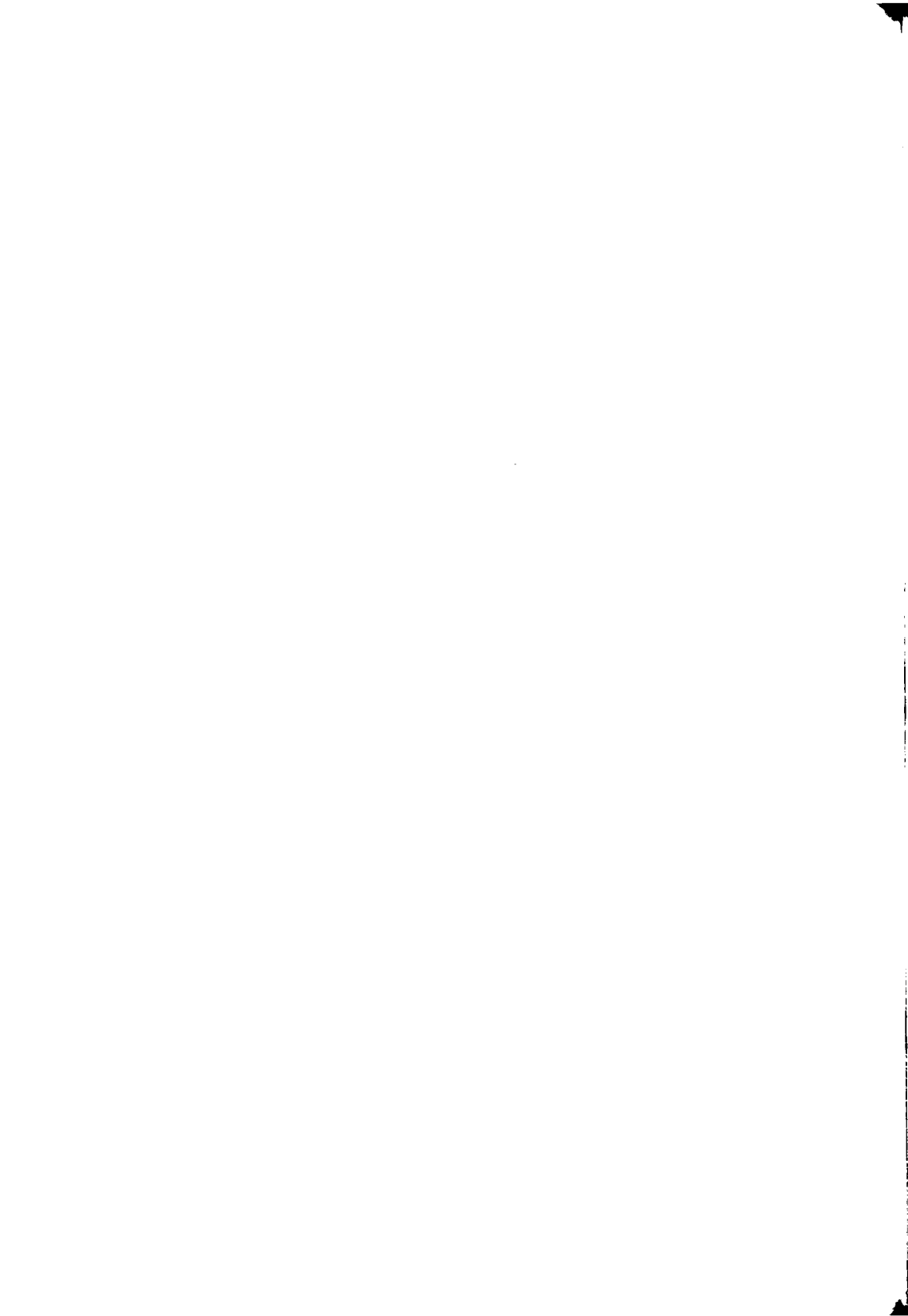
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 07/03 1959.

EM BRASÍLIA O TIPO

M. de S. P. (1) - (2) - (3) - (4) - (5) - (6) - (7) - (8) - (9) - (10) - (11) - (12) - (13) - (14) - (15) - (16) - (17) - (18) - (19) - (20) - (21) - (22) - (23) - (24) - (25) - (26) - (27) - (28) - (29) - (30) - (31) - (32) - (33) - (34) - (35) - (36) - (37) - (38) - (39) - (40) - (41) - (42) - (43) - (44) - (45) - (46) - (47) - (48) - (49) - (50) - (51) - (52) - (53) - (54) - (55) - (56) - (57) - (58) - (59) - (60) - (61) - (62) - (63) - (64) - (65) - (66) - (67) - (68) - (69) - (70) - (71) - (72) - (73) - (74) - (75) - (76) - (77) - (78) - (79) - (80) - (81) - (82) - (83) - (84) - (85) - (86) - (87) - (88) - (89) - (90) - (91) - (92) - (93) - (94) - (95) - (96) - (97) - (98) - (99) - (100)



Mãe guerrineira com o filho no colo



OITAVA PARTE

A MULHER HOJE

I

Foi necessário que nascessem mulheres como Louise Michel (França), Emma Goldman (Rússia), Voltairine de Cleyre (EUA), Federica Montseny (Espanha), Angelina Vidal (Portugal), Maria Lacerda de Moura (Brasil), e tantas outras heroínas libertárias, para que a voz feminina ganhasse eco, conquistasse direitos usurpados por uma “elite” de reacionários legisladores, autores de leis, capazes de bloquear a liberdade humana e converter em costumes, medidas deformadoras, com poderes de transformar o homem em inimigo do seu semelhante, e a mulher na sua maior vítima.

Considerado o sexo frágil, para algum – quando esta denominação convinha – incapaz de prestar serviços relevantes, segundo outros, o certo é que o machismo comandou a exploração da mulher em detrimento do progresso da humanidade.

Procurando romper o cerco, a mulher começou a reagir!

Na Inglaterra “As Mulheres Jardineiras” manifestam-se contra os horários de trabalho de sol-a-sol, aderindo à greve de 1833, promovida pelos operários de Manchester.

Na América do Norte, em 1857, operárias têxteis revoltaram-se contra a jornada de 16 horas diárias. No dia 1º de Maio de 1886, a mulher operária também saiu às ruas de Chicago pelas oito horas.

Vinte e dois anos mais tarde, a 8 de março, 129 operárias morrem queimadas numa fábrica têxtil de Nova Iorque, elevando o grito da mulher em nível mundial.

Em razão desta tragédia, a “Conferência Internacional Feminina promulgou em 1912 – 8 de março – Dia Internacional da Mulher”¹⁴.

14. Nos distantes anos de 1857, a jornada de trabalho na fábrica Cotton de Nova Iorque era de 16 horas diárias. Dispostas a conquistar uma redução, as mulheres operárias declararam-se em greve e mantiveram-se dentro da fábrica. No *dia 8 de março de 1857*, os patrões, com a aprovação das autoridades, provocaram um incêndio, matando, por asfixia e carbonizadas, 129 mulheres trabalhadoras. Anos

Hoje, a mulher associa-se, realiza congressos feministas, manifesta-se contra a violência, a poluição, a guerra, combate a exploração e o machismo.

Recentemente, em Portugal, “Mulheres Socialistas” realizaram congresso para traçar e aprovar planos de luta e ligar-se à Internacional Socialista das Mulheres, discutindo ainda “Os Direitos das Mulheres”, “O Desarmamento” e “As Mulheres e o Poder”.

Na Rússia, as mulheres das minas “Lenin” e “Marchálski”, “pedem pagamentos em dia, refeições e banho em tempo hábil”. E pela voz de diário *Komsomól'skaia Pravda*, órgão da juventude comunista, “sabe-se ainda que “nos tempos que correm – segundo Liuba Sossúlina, aluna da sexta classe, de Tchelisbiski – as aeronaves alcançam o Cosmo e nós dificilmente podemos alcançar a escola”. Esta é também uma reivindicação feminina da maior importância.

No Brasil, mulheres disputam com os machistas lugares na marinha, na aeronáutica e na polícia militar.

Nos últimos 10 anos, a força de trabalho feminino dobrou e nos últimos 20 anos triplicou o número de mulheres assalariadas.

No início de 1980, para um total de 31.000.000, 732.000 homens trabalhando, a força de trabalho feminino era de 12.050.000.

O maior aumento de mulheres trabalhadoras situa-se nas zonas urbanas, no comércio e nos bancos. Nesta área em 1970 trabalhavam 4.907.788 mulheres e em 1980 atingiu a 10.022.000.

As empregadas domésticas, faxineiras, lavadeiras, costureiras, empregadas nas indústrias, motoristas de táxi e caminhões, também aumentaram em quantidade. Aumentos consideráveis fizeram-se sentir nas profissões liberais: advocacia, medicina, engenharia, arquitetura, digitação e contabilidade. O mesmo pode dizer-se das professoras, juízas, escritoras, jornalistas, psicólogas, nutricionistas e locutoras de rádio e TV etc... Cinquenta por cento dos estudantes universitários são mulheres.

As mulheres também entraram na política, integram quadrilhas de assaltantes, tomam parte no mundo das drogas e ilustram nossos calendários completamente nuas.

Estudo recente, atreve-se a concluir que o aumento do trabalho da mulher desta década provém mais das transformações culturais e da pobreza do que do desejo de disputar com os homens lugares iguais para competências iguais.

mais tarde, algumas “feministas” começaram a falar do Dia Internacional da Mulher como bandeira de uma causa que não engrandece as mulheres-mártires de Nova Iorque. *É preciso dizer-se que 8 de março de 1857, não é um dia de festa ou de comemorações: É um dia de protesto contra um dos crimes mais cruéis cometidos contra as mulheres trabalhadoras!!!*

II

O "progresso" feminino foi declarado pelo ministro do Trabalho do Brasil no Encontro Nacional sobre a Dignidade e Valor da Vida Humana, no Rio Othon Palace, em Copacabana, promovido pelo Centro Nacional de Educação Familiar, a Associação Brasileira de Mulheres Universitárias, Conselho Nacional de Mulheres do Brasil e o Departamento Feminino do Clube de Engenharia.

Estes grupos de vanguarda pleitearam do ministro Murilo Macedo leis mais condescendentes para a mulher trabalhadora.

A exploração da mulher como símbolo sexual, "comprada e vendida" como objeto de propaganda comercial em todos os níveis, não parece incomodar as feministas. Em seus congressos antimachistas, as mulheres não debatem nem reprovam o comércio do nu feminino. Não parecem perceber a duração da beleza externa, o vazio interior que existe em cada garota-propaganda, o seu despreparo para uma subida vertiginosa e a queda vertical quando a sua beleza deixa de ter interesse diante da beleza da concorrente. E, no entanto, a "compra e venda" de jovens para aparecer nuas, ou seminuas, ilustrando calendários, cartazes, jornais e revistas sexuais, é mais do que um acinte à mulher, é mais do que uma deformação por dinheiro, porque corrompe a dignidade humana, e ninguém contesta! "Constrói" padrões sociais fictícios na juventude e realidades duras quando a beleza acaba.

Vale dizer que mais alienante de que o machismo são as revistas "especializadas" em temas eróticos, onde a mulher-objeto, nua, "convida" os compradores ajudando a enriquecer empresários e fotógrafos inescrupulosos, exploradores de jovens de vaidades incontidas e de feministas que se deixam usar em troca de dinheiro.

Este comércio alienante não é comentado nos comícios feministas. Tampouco é lembrada a mulher-empregada das feministas que fazem todos os seus serviços domésticos e lhe tomam conta dos filhos em troca de um salário irrisório, enquanto combatem os machões chauvinistas.

Atualmente, o comércio de fotografias de mulheres nuas, em posições eróticas e práticas sexuais faz concorrência ao tráfico de drogas tão lucrativo quanto alienante.

Em postais ou em revistas, a mulher é comprada e vendida pelos machistas. É propaganda comercial de todos os produtos por mais prejudiciais que sejam para a humanidade.

Como ilustração, vale relacionar algumas revistas onde a mulher entra como objeto-sexual, é vendida e comprada às centenas de milhares para

enriquecimento de machões: 1. *Playboy*; 2. *Status*; 3. *Ele e Ela*; 4. *Fiesta*; 5. *Minifiesta*; 6. *Club*; 8. *Sarro*; 9. *Sex-Appel*; 10. *Homem*; 11. *Sex-Play*; 12. *Naturismo*; 13. *Privê*; 14. *Vida Íntima*; 15. *Fotos Eróticas*; 16. *Contos Eróticos* e 17. *Vida Sexual*.

III

Ser mulher também é ser mãe, é ter o privilégio de garantir a preservação e a continuidade da raça humana! É responder pela procriação em nome do *Amor* que há-de redimir a humanidade!

Existem exceções, é verdade, mas a regra prova que a mulher é razão maior de todos os grandes feitos do homem que a história registra, e até mesmo daqueles que o seu machismo impediu de confessar.

A mulher forma uma legião de heroínas que fizeram de cada vivenda um lugar onde o homem busca aconchego, carinho, tolerância, compreensão, apoio e *Amor*!

Ser mãe reflete grandeza, desprendimentos para dar carinho em doses sem fim!

É ter um sexto sentido para entender o que os filhos precisam, mesmo quando eles só sabem chorar. É perceber quando o companheiro sofre e manter-se serena, vigilante, discreta, amiga solidária em todos os instantes, dar sempre e sempre o melhor de si, mesmo quando o momento não o aconselha.

Ser mãe é também ser companheira, amiga, mulher e amante, com direitos e necessidades biológicas e psicológicas, físicas e ambientais, emocionais e efetivas, dar amor até mesmo quando não tem a certeza de que o seu amor impõem respeito e significa solidariedade humana.

A luta não é de macho e fêmea, é entre seres humanos e direitos humanos, entre governantes e governados!

Homens e mulheres, pais e filhos, irmãos e irmã, são todos iguais e todos vítimas de costumes e sistemas que precisam ser demolidos!

A desigualdade existe entre homens e mulheres porque existe também entre homens e homens e entre mulheres e mulheres!

A desigualdade existe em razão das hierarquias financeiras e sociais, profissionais, militares, religiosas (veja-se o Direito Canônico da mulher), políticas, culturais e estruturais!

E sem que estas desapareçam e os homens se convertam em irmãos, sem distinção de sexo, raça, idade ou cor, o machismo vai continuar!

Não basta dar à mulher e ao homem direitos, deveres e salários iguais para trabalhos semelhantes. É preciso instituir uma *Nova Educação da Igualdade com Liberdade*, ensinada, praticada e respeitada como patri-

mônio universal, de todos e de cada um. construir uma *Sociedade Nova* onde possam integrar-se homens e mulheres, voluntariamente solidários até alcançar a igualdade e a liberdade plenamente consciente para todos.

(*Correio de Gaia*. Portugal, 31/12/1992)

MULHERES QUE DIGNIFICAM GERAÇÕES

Na virada do ano de 1992, entre catástrofes, fome na Somália e no Brasil, guerras políticas e religiosas na Iugoslávia e na Índia, o que mais ocupou o meu raciocínio foram os movimentos feministas, o seu alcance ecológico, educacional, cultural, social, humano, e principalmente, pela sua pobreza de objetivos emancipadores.

As voltas com estas reflexões abri um dos volumes publicados pela Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista após 1974 e li na página 68, livros proibidos de entrar em Portugal: *Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores, Fascismo e Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*, três obras da escritora brasileira Maria Lacerda de Moura, falecida no Rio de Janeiro em 1945.

As idéias universais desta professora, nascida em Minas Gerais, autora de uma dúzia de obras libertárias, estão mais de um século à frente das atuais feministas brasileiras que reivindicam o direito de ser iguais aos homens, escravas como a maioria deles.

Em *Clero e Estado* (1931) sobre “direitos civis e políticos da mulher”, Maria Lacerda de Moura escreveu:

“A reação percebeu que a mulher vem despertando para a vida social.

Tudo faliu: a Igreja, o Parlamentarismo, a Academia, a instituição legal do casamento, o ensino universitário, patriotismo.

Descobriram agora a energia feminina. Notável descobrimento nos arraiais da polícia... E a mulher está ao serviço do passado, repetindo os erros e os crimes de lesa-felicidade humana...”

“E a mulher não percebe a cilada e se alista nas fileiras dos reacionários de todos os séculos. E vai votar, quando a representação parlamentar é circo de cavalinhos e o sufrágio universal, uma mentira”. (O que escreveria hoje esta mulher libertária?)

Em 1931-1933, Maria Lacerda de Moura volta a atacar o fascismo e o Estado: “Sem pátria, sem Fronteiras, sem Família e sem Religião... “Afirmado a Humanidade, tenho que negar a Cidade...” Fora da Lei: recuso os direitos de Cidadania. O Estado, como a Igreja, são de origem divina...”

Patriotismo, nacionalismo, fronteiras, pavilhão nacional são corolários.
A minha família sou eu quem a escolhe!

A Lei impede o direito da escolha e os costumes solidificam as leis.

A Lei nada tem a ver com as minhas predileções afetivas”¹⁵.

(*Serviço Militar Obrigatório para a Mulher? Recuso-me! Denúncia!*)¹⁶

Corajosa idealista, defensora da liberdade plena, de uma *educação nova*, emancipadora, universalista, igual para homens e mulheres.

Desde o início do século 20, estiveram no Brasil Matilde Magrassi e Ernestina Lesina, italianas, defendendo a emancipação da mulher.

São continuadoras da pregação revolucionária destas mulheres nascidas na Itália: Ercília Nogueira Cobra, Isabel Cerruti, Angelina Soares; Sofia Garrido, Maria Valverde, Elvira Boni, Alzira Werkauser e um punhado de lutadoras que não se limitaram a escrever livros, a discursar nas assembléias, nos comícios em praça pública, gastando o melhor de suas vidas devotadas a conscientizar e a educar homens e mulheres para que todos juntos construíssem uma sociedade com direitos, deveres e possibilidades iguais para todos, e a liberdade física e psíquica (econômica, religiosa, profissional etc.) fosse ensinada e praticada como um bem da sociedade nova defendida e preservada como o oxigênio indispensável à vida.

Marcou também sua presença e faleceu em São Paulo, Brasil, uma mulher extraordinária: Maria Archer! Nascida em Portugal, escritora de reconhecido mérito, opôs-se aos costumes, ao sectarismo machista, ao racismo, ao fascismo lusitano e teve de fugir.

15. A desenvoltura libertária de Maria Lacerda de Moura deixa claro que recusaria peremptoriamente a outorga da “Ordem da Liberdade” com que os políticos lusitanos condecoraram gente que lutou contra o fascismo e gente que o defendeu e justificou.

16. São de Maria Lacerda de Moura as obras: *Em Torno da Educação: Porque Vence o Porvir; Renovação: A Mulher e a Maçonaria; A Fraternidade e a Escola; A Mulher Hodierna e seu Papel na Sociedade Atual e na Formação da Civilização Futura; A Mulher É Uma Degenerada?* (réplica ao cientista Miguel Bombarda); *Lições de Pedagogia; Religião do Amor e da Beleza, De Amundsen a Del Prete; Clero e Estado, Civilização – Tronco de Escravos, Amai e... Não Vos Mutipliqueis; Han Ryner e o Amor Plural; Serviço Militar Obrigatório para a Mulher – Recuso-me e Renúncia; Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica; Português para os Cursos Comerciais; O Silêncio* (obra póstuma).

No Rio de Janeiro a mulher libertária começou a lutar pela sua emancipação social e humana destacando-se Maria de Oliveira a partir de 1903 tomando parte no corpo de redação de *O Trabalhador*, *Novos Rumos* e outros jornais. Clotilde Duarte, Davina Fraga, Carolina Barbosa, Maria Monteiro, Maria Resende, Amélia Garrido, Anita Figueiredo, Corina Licínio, Eliza de Oliveira, Carmen Ferrer, Dolores Ribas, Francisca Morais, a imigrante italiana Matilde Magrassi e dezenas de mulheres idealistas.

Em 14 de julho de 1957, de São Paulo, escreveu ao autor deste artigo:

“Meu ilustre camarada.

Venho agradecer-lhe o impressionante monumento que é o seu livro *Na Inquisição de Salazar* que tão gentilmente me enviou. Julgo que seja livro único na literatura portuguesa e por isso mais valioso, extremamente valioso, bom histórico para trabalho de quem, um dia, fizer o levantamento documental da luta pela liberdade portuguesa.

Não tive ainda tempo para o ler demoradamente, como farei num dia de repouso, e para onde parto brevemente. Gostaria de lhe mandar o meu último livro, mas está esgotado e o editor espera a 2ª edição para me fornecer mais exemplares.

Com os melhores cumprimentos, de Maria Archer”.

Maria Archer foi uma das grandes vítimas do fascismo lusitano, das portuguesas mais injustiçadas também da “nova” república.

Em terra lusa, antes da escritora Maria Archer; as socialistas Angelina Vidal e Júlia Adelaide Pinto destacaram-se das mulheres do seu tempo na defesa da emancipação social.

Nas primeiras décadas do século 20 marcaram posição inconfundivelmente emancipadora as professoras de ensino livre Miquelina Sardinha do Quintal, Lucinda D. Castelhana, Suzana Quitanilha, Deolinda Lopes Vieira Quartim, Júlia Cruz, Eugênia Silva, Lucinda Tavares Manaça, Rosalina Ferreira, Margarida Paula, Rosalina Correia da Silva, Elvira Lopes, Maria Batista, Maria Amélia Xavier Sobral de Campos, Lígia de Oliveira, Elisa Adão, Sabina Lopes Condeça Franco, Margarida Barros, Virgínia Dantas e outras mulheres portuguesas. Algumas chegaram a ser presas por suas idéias, outras escaparam ao faro da PIDE.

Os volumes 1 e 2 sobre presos políticos em Portugal, publicado depois de 25 de abril de 1974, registram dezenas e dezenas de mulheres cumprindo prisão nos calabouços da PIDE. A imprensa do Brasil divulgou as prisões das escritoras Natália Correia, Isabel Barreto, Teresa Horta, Maria Velho da Costa, e o escritor Ferreira de Castro denunciou na *Tribuna* de Santos, em 05/07/1964, a prisão, em Lisboa, de Maria da Piedade Gomes dos Santos em 05/12/1958.

Foram centenas e centenas as mulheres lutadoras contrariando autoridades irracionais em quase todos os países do nosso planeta, regidos pelos mais diferentes sistemas políticos (civis ou militares, religiosos, monárquicos, socialistas, “comunistas”, republicanos e outros), que

pagaram “seus pecados” nas cadeias, nos campos de trabalhos forçados, foram discriminadas e ou perderam o direito de trabalhar, por defender idéias em que acreditavam.

(*Nova Gazeta*. Portugal, 10/04/1993)

AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES

A imprensa deu destaque aos seguintes assuntos:

a) o psiquiatra e presidente da Associação Brasileira de Prevenção do Abuso e Negligência à Infância (ALPANI), José Raimundo da Silva Lippi, defende adoção de crianças por casal estrangeiro, durante Seminário Internacional sobre Maltrato Institucional, Adoção e Dignidade Humana da Criança, alegando que “na Europa a situação é inversa à do Brasil, existe dinheiro e poucas crianças”;

b) a falta de perspectiva do menor carente foi constatada pela professora Semira Adler Vaisencher, do Departamento de Educação da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e consta do livro *O Projeto de Vida do Menor Intitucionalizado*, que registra: um menor de 16 anos interno no Centro de Acolhimento Provisório foi preso por porte de maconha e depois de apanhar de palmatória, cipo-de-boi, e ser chutado, foi levado pelos policiais ao Cemitério de Santo Amaro à noite para lavar um morto;

c) em 80.000.000 de jovens com menos de 18 anos, 45.000.000 vivem em situação subumana. E desses, 12.000.000 estão abandonados e desassistidos;

d) o Juiz de Menores do Rio de Janeiro, Liborni Siqueira, desabafou: “Falsos profetas, que só agora aparecem como salvadores da pátria, pois viviam passeando no exterior, estão querendo negociar os direitos fundamentais e inalienáveis da criança em troca de verdadeiro carnaval na administração pública – federal, estadual e municipal. Ao que parece, os nobres congressistas pretendem aprovar o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (e aprovaram, dizemos nós!) que se presta a grandes negociatas. Há muito que determinados grupos usam o menor e hoje criança e adolescente como escudo, forjando mudanças e trocando nomes para justificar as corruptelas das distorções administrativas”;

Para o magistrado “o número de menores aumentou de 25.000.000 em 1975, para 37.000.000, sendo que destes, 8.000.000 são abandonados, correspondendo duas vezes à população do Uruguai, e os políticos ainda vão tirar vantagens dessa desgraça legalizada. O município do Rio de

Janeiro, para cumprir esse estatuto, vai criar 35 Conselhos Tutelares e 35 Varas Especializadas”, mais uma despesa para o trabalhador pagar em forma de impostos cobrados sobre a produção do seu trabalho, dizem nós!

Mudam os governantes! Mudam os deputados! Aumenta o número de instituições para “defender e orientar” a criança e o adolescente e o presidente Collor diz que gastou um bilhão na colônia de férias para menores de rua, e o menor nem escolas tem!!!

Mulheres no governo, no parlamento e fora dele, gritam contra os machistas e pedem mais leis sem que ninguém cumpra a mais simples de todas: Dar de comer a quem tem fome! Vestir os nus. Abrigar os sem-casa!

Ecologistas e defensores dos direitos humanos gritam contra os responsáveis pela tragédia vivida por parte da população brasileira e só meia-dúzia ouvem!

Numa pesquisa feita no Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, das 450 crianças assassinadas, apenas 38 tinham algum tipo de envolvimento com drogas (*Jornal do Brasil*).

Isso explica a revolta na criança marginalizada – os homens de amanhã. Cresce e só pensa em tirar desforra. A maioria escolhe as profissões de policial, segurança para carregar arma, torturar e de motorista e mecânica para lidar com máquinas, acelerando motores, descarregando suas frustrações. Vítima da sociedade, vinga-se nos seus semelhantes. (Não é por acaso que nos últimos anos centenas de policiais e seguranças foram presos por roubar, seqüestrar e matar!)

Para o Coordenador do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua do Rio de Janeiro, Volmer do Nascimento, “está havendo no Brasil, na verdade, uma política de genocídio. Quando saiu num jornal de Londres que o Brasil achou a maneira de resolver o problema da criança e do adolescente matando, o presidente Collor ficou estarecido e disse que não era verdade, que no Brasil não havia infanticídio. Mas a gente vê que é isso mesmo que está acontecendo”.

Para o Coordenador, as crianças precisavam de ficar na escola o dia todo: estudar, comer, aprender profissões para que os pais possam trabalhar, regressando à noite para casa. E acusa o Juiz Rubens Medeiros “de envolvimento direto no extermínio das crianças, dando proteção a quem participar de grupos de extermínio”. “Armou e forneceu carteira de Oficial de Justiça a Pedro Capeta, matador comprovado de crianças e estuprador” (*Jornal do Brasil*, 02/12/90).

Quando se ouvem “patriotas”, homens e mulheres pleiteando melhorias sem levar em conta esta calamidade social, ficamos surpresos e nos perguntamos: onde ficou a sensibilidade humana?

Cada um vive o agora e os outros que se danem!!!

Não há religião e/ou laços familiares e patrióticos que atinja o cérebro humano para sensibilizá-lo, levando cada indivíduo (masculino e feminino) a lembrar-se de si, lembrando-se dos seus semelhantes.

Tem razão o psiquiatra José Raimundo da Silva Lippi ao juntar a história e o meio, para concluir: “O usual é o filho *difícil* nascer numa família *difícil*. Essas são mal estruturadas, sem organização, liderança, limites... A autoridade (?) inexistente ou é mal praticada.

A conduta do filho tem uma ligação com a conduta da família, embora a família não possa ser responsável por todas as condutas do filho”.

“A conduta de filhos guarda uma relação estreita com as etapas críticas do seu desenvolvimento e da maturidade dos pais.

O bebê traz consigo um modelo de ser do mundo que, colocado em contato com um mundo externo, construirá um modo de estar nesse mundo. A relação do temperamento com o ambiente forjará o caráter da pessoa”.

Resumindo, a colocação do ilustre psiquiatra mineiro encaminha-nos para o entendimento de que os milhões de crianças, filhos de favelados, criados nos morros, carregam marcas subjetivas, deformações psicológicas que influirão em tudo que façam no curso de suas vidas.

Pais e filhos serão vítimas e não réus da sociedade em que vivem!!!

Para corrigir estas anomalias psíquicas, só mudando a sociedade, começando tudo de novo para ao fim de algumas gerações nascidas, educadas e criadas num ambiente sadio se possa ver no homem um irmão do Homem. Na mulher, uma irmã da Mulher!

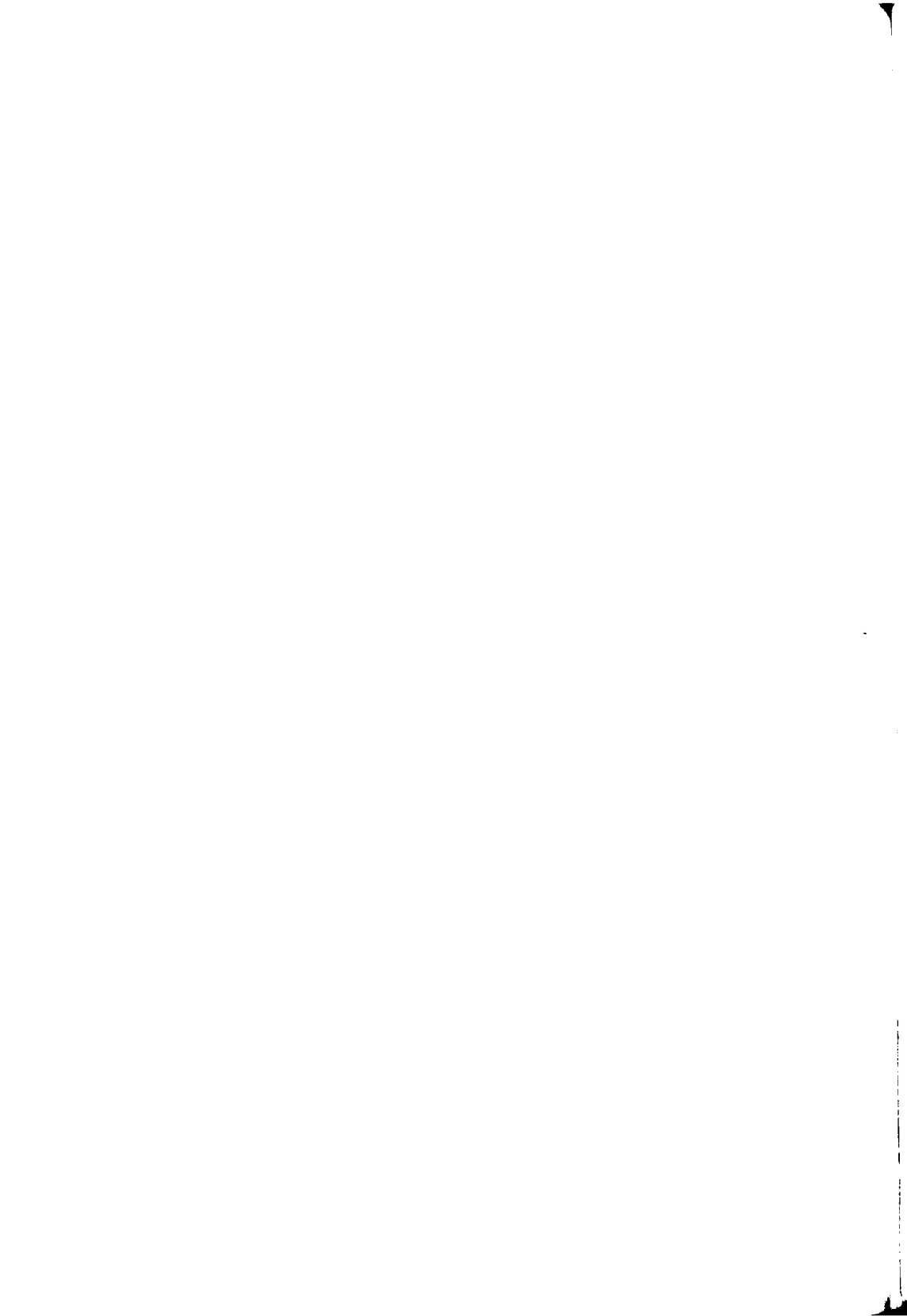
(*Nova Gazeta*. Portugal, 05/1991)



Mulheres assassinas. Seis mulheres organizaram e participaram da chacina em Petrópolis, na última terça-feira, na qual morreram quatro pessoas da mesma família. Elas foram presas na sexta-feira. A mentora do crime, Ana Maria Queiroz, 33 anos, era conhecida da família há 15 anos e devia R\$ 4 000,00. (*Journal do Brasil*, 13/05/2001).



Simone Cassiano da Silva, presa por tentar afogar sua filha na Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte, MG, em 21/01/2007.



NONA PARTE

A MULHER NO ANARQUISMO

Este item pretende lembrar a participação da mulher no movimento anarquista e/ou na divulgação do Anarquismo.

Tem razão Maria Lacerda de Moura quando se insurge contra Afonso Schmidt, escritor boêmio que nunca esteve por inteiro comprometido com os anarquistas nem com os comunistas:

“Meu bom amigo Rodolfo Felipe.

Hoje venho agradecer-lhe o livro de Afonso Schmidt, *Colônia Cecília*¹⁷. Gostei muito como documento histórico, e fiquei encantada com a liberalidade do nosso Pedro II. Mas, acho que o Schmidt fez uma coisa apressada, embora tenha sempre valor o que ele escreve. Com o seu talento e sua arte, podia ter feito uma obra-prima de beleza. Perdeu ou deixou perder, com a pressa com que se tem de fazer tudo hoje, muito motivo interessante que ele poderia ter aproveitado.

Por exemplo, *com o natural egoísmo de homem próprio do sexo, não teve uma palavra para aquela que foi a ‘criada’ dos anarquistas, dos homens que não queriam explorar ninguém..., para a única mulher que veio com os primeiros colonos ou fundadores da Colônia, a lavadeira, cozinheira, a tábua de bater roupa de todos... Não perdoei essa falha! Livro de homem, mesmo que fosse anarquista...*”

E continua:

“A segunda grande falha; proposital, talvez, porque é a unhazinha do comunista que saltou, sem querer... é a da página 28, quando cita o ‘nihilismo’ de Bakunin, aliás isso não é nada. O principal é citar Max Stirner como ‘pai de Sorel’ (evidentemente má-fé), ‘avô de fascistas, nazistas e

17. A carta que reproduzimos nunca foi publicada. Tem a data de 16/05/1942, foi enviada da Ilha do Governador, Rio de Janeiro, por Maria Lacerda de Moura ao anarquista Rodolfo Felipe cerca de três anos antes de falecer (Arq. do A.).

tutti quanti'. Se o Schmidt lesse hoje Stirner, como artista e individualista que é (não há ninguém mais individualista), se ainda fosse livre para ler aquele grande anarquista, ficaria encantado, maravilhado. Mas não pode porque os comunistas do tempo de Brandão decretaram que ser anarquista e individualista é a maior vergonha do mundo”.

Tece outras considerações e conclui seu protesto:

“Gosto do Schmidt muito, mas gostaria mais dele se fosse mais sincero com a sua própria consciência e ficasse só no artista e... olhe lá...”

O descuido com a mulher participante da experiência anarquista no Paraná não foi um comportamento exclusivista de Afonso Schmidt, outros escritores, jornalistas e até mesmo elementos anarquistas com participação na Colônia Cecília esqueceram os nomes das colaboradoras femininas. E no entanto o trabalho físico das mulheres na Comunidade, sua presença nas reuniões coletivas e o seu desprendimento não podem ser ignorados. Sabe-se que renunciaram ao conforto das cidades; algumas doaram jóias para comprar sementes e ferramentas, realizavam tarefas valiosas, além dos serviços de cozinha, higiene nas habitações enquanto apoiavam os companheiros incentivando-os a continuar depois de trabalho mal-sucedido.

Outras tiveram seus filhos atacados e mortos pelo crupe, inclusive Adela, companheira de Rossi, viu morrer três das suas cinco filhas¹⁸ nascidas no Brasil.

Zélia Gattai, em sua fantasia, *Anarquistas, Graças a Deus*, comete a mesma injustiça. Fala da passagem de sua avó, Argia Fagnoni Gattai¹⁹ sem dar a devida importância à sua firmeza ideológica e participação na Colônia, nem mesmo levando em conta a perda de um filho logo ao chegar ao Brasil.

Até Rossi – em que pese sua tese sobre *Amor e Família*²⁰ – cometeu injustiça deixando no esquecimento os nomes das colaboradoras femininas na experiência anarquista do Paraná.

18. As duas filhas sobreviventes de Adela – Ebede e Pierina Rossi foram mais tarde para a Itália e a segunda doutorou-se em Ciências Matemáticas no ano de 1919.

19. Sobre seu avô Francisco Gattai, fundador da *Colônia Cecília* e pioneiro do Anarquismo no Brasil, idéia que defendeu até a morte, Zélia revela-se igualmente injusta.

20. O trabalho de Rossi tinha por título *Un Episodio d'Amore nella Colonia Cecília*. No livro *Trabalhadores Italianos no Brasil*, inclui parte convertida ao idioma português. *Le Revolte*, ano 6, n° 25, de 04/10/1893, também

Em defesa da mulher, Maria Lacerda de Moura não mediu esforços, investiu contra instituições clericais, burguesas, políticas e contra o Estado, com argumentos firmes como:

“E querem convencer-nos de que – sem a força, a lei, o Governo – a mulher se entregará ao primeiro que passar! Nunca!

“Eduquem a mulher, despertem a sua consciência, iluminem a sua clarividência moral e ela reformará o mundo, fará da humanidade em luta a alavanca formidável no caminho de um mundo novo.

“E veremos a cooperação de todas as forças para a felicidade coletiva.

“O amor livre pregado pelos grandes idealistas não é a imoralidade, a dissolução da família e do lar, o mercado de prostituição, a libertinagem que sem o amor livre campeia desenfreada neste triste século parecendo querer reviver a degradação de tempos imemoriais”²¹.

Salvo algumas mulheres que se destacaram – como Maria Lacerda de Moura – pelo que escreveram na imprensa e/ou falaram nos comícios e proferiram conferências, a maioria do elemento feminino tem passado despercebido à pena de jornalistas e escritores. É um comportamento machista, injusto para com a mulher que lutou ao lado do homem nas fábricas, nas associações operárias, colaborou nos Grupos de Teatro Social, participou de Congressos Operários, nos Centros de Cultura Social, em comícios, passeatas, greves, foi presa e sofreu humilhações.

Iniciou, apoiando o companheiro na sua caminhada ideológica. Teve seu lar invadido pela polícia, foi ofendida pelos patrões e respondeu pela educação dos filhos enquanto o marido propagava o Anarquismo. Quanta abnegação e esforço anônimo despendidos pelas “cozinheiras” durante os “Encontros Libertários” e reuniões em “Nossa Chácara” e em “Nosso Sítio”! Isto é sem dúvida prestação de serviços ao Anarquismo!!!!

O DESABROCHAR

A mulher – como já se disse na introdução – participou desde a primeira hora na luta pela emancipação social e humana sem ser notada

publicou um artigo de Piotr Kropotkin, intitulado *Colonisation Anarchiste*, contestando Coppés, crítico da Colônia Cecília: “Ainda que lhe desagrade, o ideal anarquista não é pôr as mulheres em comum; a Anarquia proclama a igualdade da mulher e do homem, reconhece sua independência, sua total autonomia, inclusive nos atos de amor”.

21. *Renovação*, 1919. Nestes anos distantes a mulher-objeto sexual não tinha a dimensão dos nossos dias; nem a sua comercialização ilustrando calendários, revistas eróticas e propaganda comercial apoiada na mulher nua, nem havia ganhado proporções tão lucrativas, deformadoras e alienantes, como em nossos dias.

em toda a sua grandeza. Só umas poucas saíram do anonimato deixando marcas na imprensa anarquista.

Na última década do século 19 começaram a ser publicados os jornais anarquistas *O Despertar*, sob a direção do operário chapeleiro José Sarmiento Marques, e *O Protesto*, redigido por Joaquim Mota Assunção, ambos no Rio de Janeiro.

Nos primeiros anos do século 20 aparece *A Greve* por iniciativa de Elísio de Carvalho, passando em seguida a ser dirigido por Francisco Pausilipe da Fonseca e *O Trabalho*, tendo como colaboradores Maria de Oliveira, Elísio de Carvalho, Erasmo Vieira, e o português Joaquim Mota Assunção.

Nos anos de 1904/5 publicou-se a revista *Kultur*, nasceram a *Universidade Popular* e o jornal *Novo Rumo*. Foram seus fundadores os anarquistas Maria de Oliveira, Luiz Magrassi, Joel de Oliveira, José Romero, Alfredo Vasquez, Salvador Alacid, Carlos Lobagele, José Rodrigues, Antônio Murtinho e João Benevenuto. Sua redação ficou a cargo do casal Joel e Maria de Oliveira.

Outra mulher que começou escrevendo nos primeiros anos do nosso século na imprensa anarquista, foi a italiana Matilde Magrassi. Colaborou inclusive no jornal *A Terra Livre*, de São Paulo. Anticlerical, anarquista, Matilde Magrassi também falava nas assembléias. Foi, sem dúvida, uma militante ativa, consciente, integral, das primeiras mulheres a defender a igualdade homem-mulher na imprensa libertária.

No Sul, despontaram Maria Silva²² e Catalice Silva. A primeira veio do Uruguai criança ainda. Participou da luta de classes e do teatro anarquista, convertendo-se numa das mais coerentes militantes femininas que o Anarquismo teve no Sul.

Catalice Silva²³ falava nas assembléias, defendia nos congressos idéias libertárias e a igualdade da mulher-homem afrontando o machismo da época.

Em São Paulo e Santos, empunhando a pena ou fazendo uso da palavra, Ernestina Lesina (socialista), Elisabella Valentini, Teresa Maria Carini, Isabel Cerruti, Maria Antônia Soares, Maria Angelina Soares²⁴, Emma Ballerini, Tomasina Montsanto, Sofia Garrido e Maria Lacerda

22. Maria Silva no final de 1983 ainda vivia fiel ao anarquismo. Segundo Rafael Fernandez, contava então cerca de 90 anos e gozava de perfeita lucidez e boa memória. (Dados no arq. do Autor).

23. Catalice Silva era costureira.

24. Maria Angelina Soares ainda vive (1986) e continua acreditando que o Anarquismo é capaz de promover a felicidade humana.

de Moura deixaram marcas inapagáveis na imprensa e no movimento anarquista, ao longo de meio século.

NO TEATRO E NA ESCOLA

Os anarquistas não se limitaram a fazer propaganda de suas idéias nos comícios o pela imprensa: Fundaram também grupos de teatro amador para divulgar o Anarquismo entre as famílias operárias enquanto lhes ofereciam divertimento ao alcance de suas possibilidades econômicas, contando desde o início com a participação valiosa da mulher.

No Sul, ainda no século 19, formou-se o Grupo Dramático para levar à cena as peças libertárias *Gaspar – O Serralheiro*, de Batista Machado, e a comédia *Os Apuros de um Noivo*. Foram representadas várias vezes com grande sucesso em 1897 e contaram com a participação do elemento feminino.

A partir da primeira década do século 20, o teatro anarquista evoluiu, aumentou suas representações com a colaboração de Maria Silva.

Em São Paulo, a participação da mulher na propaganda anarquista – através do teatro amador – foi imensa.

É inteiramente impossível, hoje, levantar todos os nomes, mesmo contando com a ajuda de três sobreviventes dessa época. Vamos, portanto, lembrar Maria Antônia Soares, Maria Angelina Soares, Olga Biasi, Maria Garcia, Carolina Boni, Helena Santini, Lúcia Santini, Vitória Guerreiro, E. Camillis, Matilde Cruz, Esmeralda Barrios, Nena Valverde, Candida Alarcón, Mercedes Solé, Nieves Simon, Margarida Sales, Adelina Santos, Odessa Pavilla, Rosa Certi, Nilsa Molina, Nilsa Pires, Nair Pires, Ebe Madoglio, T. Amato, I. Italy, Angelina Valverde e Maria Valverde Dias – que juntamente com outras mulheres cujos nomes não conseguimos identificar – participaram em épocas diferentes da propaganda anarquista, representando mais de uma centena de dramas e comédias. O teatro foi, por cerca de 50 anos, um dos mais eficientes veículos de divulgação do Anarquismo pelas famílias.

A atividade teatral – com ajuda obrigatória do elemento feminino – também chegou a Campinas e Santos. Nesta última cidade, denominada a “Barcelona Brasileira”, “Sofia”²⁵ Krup, Elza Costa, Aurora Nevoa, Luiza Nevoa e as irmãs Odete e Isaura participaram nas peças *Gaspar* –

25. Este foi o nome pelo qual passou a ser chamada a filha do velho anarquista Krup, tal a sua identificação com personagem de igual nome na peça *Sangue Fecundo*, representada inúmeras vezes.

O Serralheiro, Sangue Fecundo, Primeiro de Maio, Amanhã, O Pecado de Simonia, Cristo Moderno, Infanticídio, em atos de variedades, recitais de poesias revolucionárias, sempre precedida de uma conferência proferida por conhecido militante ácrata.

No Rio de Janeiro, o teatro anarquista, fundado pelo libertário espanhol Mariano Ferrer, em 1903, continuado pelo ator formado na Universidade de Coimbra e anarquista, Romualdo de Figueiredo, depois por Carlos de Abreu, português das ilhas, contou com participação de Clotilde Duarte, Davina Fraga²⁶, Dolores Ribas, Francisca Moraes, as meninas Pilar e Tata, Carmen Ferrer, Vale e Tulia Burlini, Carmen Arau, Verônica e Ana Juleu, Rosa Neto, Clara Teles, Argentina Neiva, Edna, Carolina Barbosa, Maria Monteiro, Maria Rezende, Elvira Boni, Amélia Garrido, Anita Figueiredo²⁷, Corina Licínio, Elisa de Oliveira, Maria da Piedade, Antonieta Pires, Nair Matera, Homérica Matera, Corina Licurgo e, na última fase, Pilar Soares, Matilde Soares, Maria Antônia Soares, Maria Angelina Soares e Sra. Belarmino Fernandes, representaram *O Pecado de Simonia, Primeiro de Maio, Amanhã, Avatar, Sangue Fecundo, Infanticídio, A Ceia dos Pobres, Greve de Inquilinos, Fuzilamento de Ferrer* e mais de meia centena de dramas, comédias e paródias libertárias!

Paralelamente à atividade teatral, a mulher participou da divulgação do Anarquismo ensinando nas escolas operárias pelos métodos da Escola Moderna de Ferrer e ajudou a fazer jornais colaborando na imprensa libertária.

Angelina Soares conheceu o Anarquismo em Santos. Em 1914, transferindo-se para São Paulo começando a ajudar seu irmão – Florentino

26. Clotilde Duarte e Davina Fraga, operárias costureiras, com Isidoro Alacid, e os operários marmoristas Oscar Duarte e Augusto Aníbal acabaram contratados pela Companhia Nacional de Teatro e terminaram seus dias como atores profissionais.

27. Anita Figueiredo também colaborava na imprensa anarquista. Em 1921, publicou em *Renovação* uma série de artigos intitulados *A Mulher e a Religião* com o seguinte apelo:

“A anarquia é o ideal que reúne todos os elementos com que se poderá organizar uma sociedade onde os seus membros gozem a felicidade e o bem-estar compatíveis com os ditames da moral e da razão.

É pela Anarquia que a mulher, inteiramente consciente dos seus direitos, deve lutar, juntando os seus esforços ao do seu companheiro.

Em prol do elevado ideal da Anarquia, peço às mulheres em geral para se afastarem da influência nefasta da religião e para trabalharem para a organização de uma sociedade onde os deveres e os direitos sejam iguais para todos e onde não exista deus nem o diabo”. (Em apêndice, mais um texto de Anita Figueiredo).

José Oiticica escrevendo sobre “energia feminina” na revista *A Vida*, convoca a companheira do homem para lutar pela emancipação social e humana ao lado do homem.

de Carvalho – a fazer o jornal *La Barricata – Germinal* em português e italiano. Escreveu artigos, fez palestras, trabalhou no teatro anarquista (São Paulo e Rio de Janeiro) com suas irmãs, fundou e dirigiu grupos de cultura social enquanto exercia o magistério particular em escolas anarquistas, discursou e foi presa por suas idéias ácratas.

É da sua responsabilidade o convite que transcrevemos:

“*Centro Feminino de Educação*

Comp. Edgard Leuenroth.

Convidamos o companheiro e sua família para assistir à sessão de propaganda que se realizará no dia 17 do corrente às 20 horas, no salão sito à Rua Brigadeiro Machado, 47.

Farão uso da palavra a companheira Isabel Cerrutti e Ricardo Cipolla.

Certos do seu comparecimento, manifestam-se gratas.

Pelo Comitê

Angelina Soares”.

Isabel Cerrutti foi outra colaboradora muito produtiva escrevendo na imprensa, falando nas assembléias, proferindo conferências e ensinando nas escolas. Mas quem deixou mais trabalhos publicados foi sem dúvida Maria Lacerda de Moura. Suas obras, seus artigos, conferências e o lançamento da revista *Renascença* retratam a dimensão, a grandeza da feminista libertária, da educadora anarquista, integram e completam uma mulher ímpar!

Inteligente, cultíssima, de argumentação fácil, corajosa, desassombrada, anarquista, anticlerical, de convicções firmes e francas, pioneira do *Amor no Plural* e da *Procriação Consciente* não cabia dentro das dimensões geográficas e intelectuais do Brasil. Maria Lacerda de Moura desagradou a machistas e chauvinistas, a políticos e religiosos de todos os credos em que nunca acreditou. Por isso foi cercada, asfíxiada, silenciada, sua revista sabotada, suas obras e seu nome continuam “esquecidos” até hoje, inclusive pelas “nossas” feministas. E no entanto essa mulher libertária, vulcânica quando vergastava com sua pena e sua palavra a burguesia, o militarismo, a Igreja, o Estado e os manipuladores do ensino transpirava humanitarismo por todos os poros, suavidade e doçura quando escrevia ou falava sobre educação.

“Qualquer que seja a categoria do indivíduo, ele precisa aprender a amar a Natureza, a respeitar as idéias e os indivíduos, a dizer só a verdade, a reprimir suas paixões, suas más tendências, a cultivar em si sentimentos nobres, conhecer preceitos morais que devem ser observados numa sociedade futura, melhor que a atual.

A educação física, os preceitos higiênicos para a conservação da saúde; o desenvolvimento intelectual para alargar as concepções e os ideais, abrangendo em um golpe de vista a beleza e a majestade, esse, deve ser o ideal da educação nova”.

NAS GREVES, MANIFESTAÇÕES E PROTESTOS

Nas greves, nas comemorações de 1º de Maio, nas manifestações e protestos contra a ganância patronal e as violências governamentais a mulher esteve sempre presente, direta ou indiretamente.

Maria da Luz Abranches, Juana Bulla participavam de comícios no Rio de Janeiro, a primeira empunhando a bandeira do Sindicato da Construção Civil e a segunda discursando.

A União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, do Rio de Janeiro, solta o seguinte grito de emancipação sobre a mulher:

“Vós que sois os precursores de uma era onde possa reinar a igualdade para todos escutai: Tudo que fazeis em prol do progresso, militando no seio das vossas associações de classe, não basta.

Falta ainda alguma coisa, absolutamente necessária e que concorrerá mais eficazmente para o fim desejado por todos os sofredores. É a Emancipação da Mulher!

Homens Conscientes!

Se refletires um momento vereis quão dolorosa é a situação da mulher, nas fábricas, nas oficinas, constantemente amesquinhas por seres repelentes e vis.

Trabalhadores!

A obra da União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, é a obra iniciadora da emancipação da mulher”.

A mulher militante do Brasil desprezava o convencionalismo colocando-se francamente em oposição aos limites da igualdade perante as leis e o chauvinismo; pretendia a emancipação social e humana para todos, liberdade plena independente de sexo, idade, nacionalidade e/ou cor.

Na mesma direção as costureiras de São Paulo publicavam longo manifesto, assinado por Tecla Fabri, Teresa Cari e Maria Lopes; convocavam a mulher operária para lutar contra a jornada de 16 horas e o trabalho noturno, concluindo:

“Como se pode estudar ou ler um livro iniciando o trabalho às 7 horas e retornando às 11 da noite? Das 14 horas só ficam 8 para repousar, insuficientes para recuperar no sono as forças exaustas!

“Sim! Contamos com o vosso apoio de irmãs e de companheiras. e assim, a vitória será nossa.

Mãos à obra!

Por insubordinarem-se contra os salários baixos, as quilométricas jornadas de trabalho, fazer greves, promover manifestações públicas de apoio aos grevistas gráficos, metalúrgicos, têxteis e protestar contra as deportações muitas mulheres conheceram os porões da polícia paulista.

A *Voz do Povo*²⁸ em sua edição de 15 de abril de 1920, apóia o movimento feminino denunciando as prisões de Maria Antonia Soares, Maria Nandes, Teresa Nandes, Tomasina Monsanto, Gemma Bernardini, Giulia Bernardini e mais 10 militantes anarquistas.

No mês de fevereiro do mesmo ano, outro jornal libertário²⁹ registrava as prisões das operárias grevistas Anunziata Miranda, Angelina Ignácio, Emma Frizzoni e Maria.

*Spartacus*³⁰ também estampa longo documento com 63 assinaturas de anarquistas protestando contra as expulsões de operários. Entre os signatários nota-se os nomes de Isabel Cerrutti, de São Paulo, e Elisa de Oliveira, do Rio de Janeiro.

No Sul, Adelaide Diz apresenta-se à polícia e exige que a prenda ao lado do seu companheiro, detido por distribuir manifestos convocando para o comício de 1º de Maio. A revolucionária libertária Maria Rodrigues e a agitadora anarquista uruguaia Sofia Garrido tiravam o sono à polícia santista – Sofia fazia discursos em frente à delegacia, desafiando os secretas do delegado Bias Bueno a prendê-la para fazer companhia ao seu companheiro Miguel Garrido, a quase 100 dias incomunicável nos porões da polícia santista. Sofia Garrido, foi, sem dúvida, a maior oradora e agitadora aparecida no Brasil. Seus discursos vibrantes, tocavam a sensibilidade de gente de todas as camadas sociais. Para livrar-se dela, a polícia santista deportou-a para o Rio Grande do Sul com seu marido.

28. Diário Anarquista, Rio de Janeiro.

29. *O Grito Operário*, São Paulo, 18/02/1920.

30. Jornal Anarquista, Rio de Janeiro, 27/09/1919.

O trabalhador vivia, então, momento de grande agitação. As autoridades, desde 1918, prendiam e expulsavam quem protestasse, fizesse greves, publicasse jornais e representasse peças anarquistas, enquanto os patrões indiferentes à segurança dos seus operários, deixavam que seus “cães devorassem menino-operário na fábrica Penteadão” em São Paulo. Sua mãe não teve forças para protestar publicamente mas Umbellina Malhadas³¹ escreveu em seu nome, no nome de todas as mães:

“Protestemos, para que não mais uma mãe proletária passe pela dor cruciante de ver um filho que viria a ser seu amparo na velhice, devorado pelos cães de guarda da Canalha Dourada”.

Já às portas da ditadura fascista de Getúlio Vargas, uma jovem de 17 anos, Genny Gleizer foi presa, violentada pela polícia e para que não pudesse desmascarar seus algozes “descobriram-lhe forças revolucionárias e subversivas” e resolveram expulsá-la do Brasil.

A notícia ultrapassou as muralhas dos porões policiais.

Maria Lacerda de Moura³² não hesitou um instante. Escreveu e distribuiu manifesto dirigido às mulheres e às mães brasileiras:

“Não apelamos nem mesmo para a emotividade proverbial ou para a generosidade tão decantada, em prosa e versos, da mulher brasileira, mas, apelamos para o vosso egoísmo de mães; se quereis a liberdade dos vossos filhos, defendei a liberdade dos filhos das outras mães.

Muitas mulheres aderiram à campanha pela libertação de Genny Gleizer mas o Governo não ouviu³³...

NOS GRUPOS E NOS CONGRESSOS

A mulher esteve presente no Congresso Internacional da Paz³⁴.

Maria Antônia Soares representou o Centro Feminino Jovens Idealistas, de São Paulo, e Eliza de Oliveira falou em nome do Centro Feminino

31. *A Voz da União*, jornal anarquista, São Paulo, 04/11/1922. O artigo-protesto de Umbellina tinha por título *Devorado pelos Cães*.

32. *A Manhã*, São Paulo, 19/09/1935, *Novos Rumos*, Edgar Rodrigues. O jornal anarquista *A Plebe*, São Paulo, 12/10/1935, também publicou memorial de protesto da Federação Regional Anarquista em solidariedade à jovem vítima da polícia paulista.

33. *Mulheres e Anarquia* inicia suas primeiras páginas com o protesto de Maria Lacerda de Moura, na íntegra.

34. Rio de Janeiro. Federação Operária. Praça Tiradentes, 71, sobrado, 14 a 16 de outubro de 1915.

de Estudos Sociais, de Pelotas, evidenciando a posição inconfundível da mulher anarquista contra a guerra, comportamento que marcaria sua conduta frente a todas as guerras. Ao longo da Primeira Guerra Mundial, o elemento feminino reiterou sua posição pacifista, manifestada igualmente contra a guerra Itália/Abissínia, em 1935, e o desencadeamento das agressões bélicas até à Segunda Guerra Mundial.

Para se opor a esta carnificina humana, a mulher libertária fundou o Comitê Feminino Contra a Guerra e a Federação Internacional Feminina, com sedes em São Paulo. Secretariadas por Maria Lacerda de Moura, estas entidades propunham-se a

“Agremiar todas as mulheres emancipadas do Brasil, a fim de combater sistematicamente e com eficácia a escravização clerical, econômica, moral, jurídica, que asfixiam, degradam e aviltam o sexo feminino”.

E concluía:

“Professoras, funcionárias, floristas, operárias em fábricas e ateliês, trabalhadoras em artes domésticas: vinde até nós, que sereis jubilosas e fraternalmente acolhidas, para todas juntas ajudarmos na construção da Nova Sociedade”³⁵.

É dessa época o seguinte texto:

“Mulheres do Brasil! – O atentado que a Itália fascista está praticando contra a soberania da Abissínia, deve ser, para nós, mulheres do Brasil, um sinal de alerta e um apelo à união de todas as nossas forças em defesa da paz e da humanidade”.

E finalizava:

“Mulheres brasileiras! Ergamo-nos contra esta exploração dos sentimentos femininos; contra as mentiras dos armamentistas; contra os massacres guerreiros atuais e vindouros. Esqueçamos as diferenças que possam existir de crenças políticas, religião, cultura e colaboremos na campanha de esclarecimento cultural, de demonstrações pela paz”³⁶.

Assinavam este vibrante manifesto Maria Lacerda de Moura, Itália Fausta e mais 23 mulheres das mais variadas profissões.

35. Este chamamento, tinha conexão com o manifesto da Federação Operária de São Paulo, divulgado pelos jornais *A Plebe*, *O Trabalhador* e *A Platéia*.

36. *Novos Rumos*, Edgar Rodrigues.

No terreno específico das idéias, Maria de Lourdes Nogueira³⁷ fundava, com outras mulheres libertárias do Rio de Janeiro, a Liga Comunista Feminina em 27 de maio de 1919.

A iniciativa obedecia a um estatuto composto de “quatro pontos” e outros tantos parágrafos. Em apêndice lia-se: “*Princípios do Socialismo Anarquista*”, e no seu texto explicava que a Liga era totalmente orientada e dirigida por “secretária de expediente, secretária auxiliar, tesoureira e bibliotecária, substituídas por aclamação semestralmente”.

Ainda no Rio de Janeiro, formou-se a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas. (“As abelhas de luxo”) contando com a participação de Noêmia Lopes e Elvira Boni e outras mulheres operárias.

Marcou época, igualmente, o Grupo pela Emancipação Feminina com sede na Rua Senhor dos Passos, 8, Rio de Janeiro e a União das Costureiras de Sacos de São Paulo, destacando-se Tecla Fabri, Teresa Cori e outras mulheres.

Nos congressos operários a mulher também se fez ouvir. No Sul, Alzira Werkazer, representando as costureiras com Catalice Silva, defendeu tese convocando as mulheres:

“Sabemos que a mulher é considerada como ser inferior e fraco, [disse na oportunidade] devido à influência religiosa, que faz com que ela por si mesma se considere sem o direito de lutar em favor de suas reivindicações. Vemos, em todas as indústrias o braço da mulher explorado miseravelmente como produtor de mão-de-obra barata pelos capitalistas, e compreendemos que ninguém, senão elas mesmas podem e devem lutar para o seu próprio bem-estar. Há necessidade de incitá-las e animá-las para que se defendam contra a tirania dos exploradores.

Precisamos lembrar às nossas irmãs de infortúnio, para que elas mesmas possam vir a compreender que só associadas poderão, um dia, melhorar a sua péssima situação. E não podem nem devem esperar de nenhum partido político ou Governo a sua defesa econômica, física e moral; porque a História não registrou fatos desta natureza”³⁸.

No Rio de Janeiro, Elvira Boni presidiu a última reunião do 3º Congresso Operário Brasileiro realizado em 1920.

37. Manifesto reproduzido no livro *Nacionalismo e Cultural Social*, Edgar Rodrigues.

38. *Alvorada Operária*, Edgar Rodrigues.

NO CASAMENTO

A mulher não se limitou a participar de eventos ideológicos, pactuou com o Anarquismo no casamento; nos nomes dados aos seus filhos³⁹ lembrando figuras ácratas sem a presença do padre nos “batizados”, nos funerais, cujas “orações” eram proferidas por militantes libertários bem como na programação da família.

Vale trazer aqui o testemunho da união livre (casamento) celebrada em cerimônia tipicamente libertária. Eis o seu texto:

“Ata da livre união do Camarada Vicente Llorca com a Companheira Maria Garcia.

Iniciando a celebração da União libertária de Vicente e Maria, usaram da palavra, referindo-se ao alto alcance anarquista do ato que se praticava, os seguintes membros da família ácrata: José Righetti, Domingos Braz, Manuel Pereira, Valeriana Jorge, Ana Luiz, Salomão e Vicente de Llorca, agradecendo.

Por ser verdade, subscrevemos a presente ata.

Petrópolis, 28 de fevereiro de 1924”.

Assinaram Vicente de Llorca, Maria Garcia, Eponina Garcia, Júlia Batista da Silva, Luiza Hehn, Ana Luiz, Deolinda Esteves, Conceição Garcia, Luiza Moebus, Verônica Medeiros, Valenciana Jorge, Honorina Sant’Anna, Celina Batista da Silva, Maria Batista da Silva, Maria Rosa de Souza, Leonor de Souza Corrêa, Eugênia Garcia, Salomé de Oliveira, Conceição Garcia de Matos, Elvira Morada, Alzira Jorge e 14 componentes da família anarquista.

Mas a maioria dos libertários uniam-se livremente sem ata ou registro de qualquer espécie e, no entanto seus “casamentos” duraram, os cônjuges foram felizes dentro dos limites impostos pela sociedade capitalista.

NA FAMÍLIA

Em “carta aberta”⁴⁰ a propósito da campanha em favor dos anarquistas Sacco e Vanzetti, condenados à morte na América do Norte, a operária têxtil Sônia Martins, de São Paulo faz a seguinte revelação:

39. Recordemos, entre outros, o anarquista Vicente de Cária. Suas filhas tinham o nome: Anarquia, Libertária e Acracia de Cária. Outros colocaram em seus filhos nomes como Germinal, Libertário, Liberto, Amor, Spartacus, Eliseu Reclus, Ideal, Bakunin, Malatesta e Zola.

40. *A Plebe*, São Paulo, 06/08/1927.

“Para honra e glória da humanidade padecente são muitas as mulheres sonhadoras que divizam um mundo melhor e mais perfeito do que este.

Em toda a orbe elas são aos milhares.

Aqui mesmo, em nossa terra, onde tudo é manifesta tardiamente, de há muito que as mulheres trabalhadoras compreenderam a necessidade de não ser instrumentos para a engrenagem capitalista.

Na minha família, desde minha mãe, minhas irmãs, tias, primas e sobrinhas, todas as nossas mulheres, são anarquista”.

Outra família que atravessou cerca de três quartos de século prestando serviços ao Anarquismo, foi a *família Soares*. Paula Soares⁴¹ convertida ao Anarquismo por seu enteado – Florentino de Carvalho – quando morava no Macuco, à Rua Brás Cuba, Santos, em 1910, transformou sua casa em local de encontros, reuniões e debates anarquistas.

Filho de pai muito católico, Florentino de Carvalho não logrou convertê-lo ao Anarquismo. Em compensação tinha na sua madrastra, Paula Soares, a maior admiradora e nos seus irmãos deste segundo casamento: Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, Matilde Soares, Pilar Soares e Manolo Soares, leais seguidores e colaboradores.

Em 1914, a família Soares mudou-se para o bairro do Brás, em São Paulo. Fixou-se na Rua Bresser e em pouco tempo a modesta moradia de Paula Soares foi transformada em pousada dos anarquistas foragidos, desempregados e de passagem. Alguns buscavam abrigo, outros comida e alguns endereços de companheiros. Foi ainda ponto de encontros, de reuniões, redação de jornais anarquistas, “sala” de aulas de alfabetização, de sociologia e de anarquismo. Uma taramela de madeira era a fechadura da casa da família Soares. A chave, um barbante amarrado numa das extremidades da taramela atingindo o lado de fora por um orifício de um quarto de polegada com um nó na ponta. Todos os anarquistas tinham a “chave”: era só puxar o barbante e a porta abria.

Mas quando a polícia visitava o “lar da família Soares” ou seus “secretas” rondavam as imediações, o barbante era recolhido. Os “visitantes” logo percebiam o aviso e afastavam-se antes que as autoridades os surpreendessem.

Em 1923, a “família Soares” mudou-se para a Rua José Maria, na Penha, Rio de Janeiro. E de novo a “*Casa de Paula Soares*” se transformou em ponto de encontros, abrigo de foragidos, “salão” de ensaio de peças de libertários, de reuniões e planejamento de piqueniques da fa-

41. Devemos estes dados à sua filha Maria Angelina Soares. Foi ela mesma quem nos forneceu – juntamente com seu companheiro, Amílcar dos Santos, também anarquista – informações que registramos. Faleceu recentemente no Rio de Janeiro.

mília anarquista do Rio de Janeiro. Só o falecimento de Paula Soares e dos maridos de Maria Antônia Soares (Manoel Campos) e de Matilde Soares (Henrique Ramos) e a ditadura conseguiram interromper o reduto anarquista representado hoje pela firmeza de Maria Angelina Soares, apesar dos seus oitenta e tantos anos.

A PRESENÇA DE MARIA LACERDA DE MOURA

Contrariando sua vontade, Maria Lacerda de Moura não teve filhos. Este fato pesou emocionalmente, agredindo o seu desejo de ser mãe, a adoração que tinha pelas crianças. E não podendo gerar filhos começou a criar – ainda em Barbacena – uma menina de origem muito pobre, educando-a como filha. Formou-a no mesmo colégio onde havia estudado, orientando-a até casar-se. Mas isso era pouco para quem tinha tanto amor para dar. Sua irmã, também professora, vítima de paralisia, deixou à sua guarda um filho de quatro anos a quem dedicou todo o seu afeto, ajudando-o a atingir seus objetivos: ser advogado!

Mas o seu amor não tinha limitações, não se circunscrevia às duas crianças, era irrestrito, abrangia a Humanidade!

Por isso escreveu sempre voltada para a mulher e o amor no seu sentido mais amplo:

“Não é desconhecendo os problemas da vida real ou omitindo-os [afirmou] que poderemos auxiliar moralmente os que sofrem por ignorância dos seus deveres humanos. Não é fingindo que não existem tais problemas que poderemos amenizar algumas dores e reeducar os sentimentos dos seres ainda animalizados. Que poetas subam com seus instrumentos para cantar a beleza, espreitando as rosadas nuvens: é talvez sua missão, Porém, nós, os pensadores, temos que descer até o povo rude da alta ou da baixa sociedade, pois todos são iguais... para fazê-los dar um passo mais em sua elevação espiritual. A nós cabe criar formas, pensamentos de vida pura, a noção de responsabilidade e de dever, e em silêncio voluntário, em solidão e em meditação de uma vida quase asceta, temos que fazer algo para despertar o íntimo dos adormecidos nas calçadas das ruas da vida. E não é escondendo a verdade e as injustiças humanas, senão defendendo o que é nobre, tendo a coragem de olhar de frente a comédia humana da mentira e dos ídolos sociais, tendo a temeridade de olhar de frente a hipocrisia moral que a boa educação convencional acredita necessária ao bom entendimento e à diplomacia de salões ou granfinismos exóticos e idiota”.

Caminhando sempre na direção do humanitarismo, chegou à questão social por amor ao semelhante, e dela ganhou a mais firme convicção! Para Maria Lacerda de Moura o sentimento de fraternidade só existia onde a liberdade fosse cantada como um hino da vida e a igualdade a lei natural.

Firme em suas convicções emancipadoras, de alcance universal, Maria Lacerda de Moura, em 1925, escrevia:

“A mulher precisa aprender mais, para agir melhor. A equidade está acima da caridade, sufoca-a. Não podemos passar por uma mulher do povo, quase selvagem, na sua ignorância, sem lhe lançar um olhar de fraternidade, elevando a incúria, protestando contra o egoísmo dos povos, das nações.

“Todos os oprimidos nasceram de ventres femininos, sufocados os corações, num lampejo de dores e bênçãos.

“Para cada criança nascida na sociedade temos um dever a cumprir.

“E a criatura nasce com direito à luz da vida, à aurora do pensamento, ao beijo do amor.

“Cada coração feminino deve ser uma ‘creche’ imensa, para conter a Humanidade. E, para agasalhar todos os ventres fecundos, cada alma de mulher deve ser uma infinita maternidade.

“Toda a Humanidade passa pelo berço, e quem embala o berço, quem canta as primeiras cantigas de adormecer, quem acorda as crianças para os arrebois das primeiras alvoradas da alma – é a mulher.

“Quem devassa o coração do adolescente e faz lá dentro nascer a angústia ou alegria de amar – é a mulher.

“Quem acompanha o homem de mais perto na idade viril levando-o aos páramos iluminados do sonho ou do abismo do vício e de degradação, ou ainda quem o pode adormecer na diferença da mediocridade – é a mulher.

“É preciso pois, elevá-la a alturas inconcebíveis, dar-lhe coragem, estimulá-la ante a responsabilidade dessa missão de Beleza, missão regeneradora; fazer dela o novo Evangelho da Redenção, pronta para o sacrifício de si mesma, em busca de novas esperanças, para conforto, para força moral dessas cortes de idealistas da *Cidade Futura...*

“Paz, Beleza e Bem-Estar para todos deve ser a nossa divisa.

“Esse é o meu verbo de Fraternidade!”

Escrevendo sobre os filhos que não teve conclui:

“No dia em que as crianças forem filhas de puro Amor (dentro ou fora da lei), quando as crianças forem filhas do sonho de criar qualquer

coisa acima de nós mesmos, quando os filhos não forem a obra vulgar do acaso ou do descuido – então, veremos surgirem outras verdades, outras teorias mais delicadas; outros sonhos e outros anelos nascerão por entre todos os caminhos para uma sociedade mais digna”.

(...) “E, um dia, todos os homens e mulheres da Terra, sem distinção de raça, de casta, de cor, de sexo ou de nacionalidade, serão irmãos no auxílio mútuo e no respeito mútuo à dignidade da consciência livre – para mais alta evolução, através do tempo e para além do espaço”...

Para se entender a Universalidade, o alcance das idéias libertárias, individualistas da autora de *A Religião do Amor e da Beleza*, nada melhor do que colher em suas obras o material de análise.

Só assim o leitor poderá entrar nos seus pensamentos e extrair deles a dimensão da capacidade, a profundidade do ideal que serviu de bússola à *grande figura humana* que foi Maria Lacerda de Moura⁴².

A PRATA DA CASA

Nos últimos anos o movimento feminino cresceu, multiplicou-se e livros foram publicados tendo como sujeito a mulher. *Mulheres e Trabalhadoras*, de Maria Valéria Junho Pena; *A Mulher Operária*, de Jesita Martins Rodrigues; *Operário/Operária*, de Arakcy Martins Rodrigues; *Teresina, etc.*, de Antonio Cândido, *Emma Goldman*, de Elisabeth Sousa Lobo e outros.

Das três primeiras autoras pouco se pode dizer. Suas obras são técnicas, frias, insensíveis, anti-humanistas, atuam como braços mecânicos manejados por computadores, fundamentados em pesquisas de fora para dentro do Brasil. Enfeixam dados, números, teorias agilizados por candidatos e/ou ditadores como Lenin, Mao-tse-tung, Marx, Engels, Kautsky, Antonio Gramsci de mistura com citações de políticos liberais.

42. Maria Lacerda de Moura foi fortemente influenciada pela feminista e educadora sueca Ellen Key (1849-1926). Fora do Brasil, colaborou em revistas da América Latina e em *Estudios*, de Valência, Espanha, n^{os} 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 138, 142, 148, 152, 153 (1932-1935), e na Europa em *Cadernos Amigos de Han Ryner* n^{os} 30, 31, 34. Neste último número sua colaboração tinha por título “Tem sexo a inteligência?”. Colaborou em *Inquietudes* e, depois de seu falecimento, foram inseridos em *CENIT* (revista, Toulouse) n^{os} 49, 69, 85, 89 e 90 (1955-1958).

O livro do escritor romeno Eugen Relgis: *Encosta América Europa* (México) fala da anarquista Maria Lacerda de Moura com o mesmo carinho que Vladmir Muñoz em *Voluntad*, do Uruguai, e *Reconstruir*, da Argentina.

Das três autoras, duas desconhecem (?), completamente, a mulher libertária do Brasil e Maria Valéria Junho Pena passa como “gato sobre brasas” pelo movimento libertário. Não se deu conta da valiosa “prata da casa” e chega atribuir à influência da socialista Ernestina Lesina a fundação da União (não Associação) das Costureira de Sacos sem descobrir Tecla Fabri, Teresa Cori e Maria Lopes, elementos femininos de proa nesta entidade enquanto empresta méritos a Laura Brandão que ela nunca teve.

Entre os muitos pecados cometidos pelas três autoras contra a mulher idealista e feminista do Brasil, está o total desconhecimento da agitadora, da professora do ensino livre, da conferencista, da jornalista e escritora libertária.

Parece nunca ter encontrado os nomes de Alzira Werkauzer, Maria Silva, Sofia Garrido, Maria Antônia Soares, Maria Angelina Soares, Matilde Magrassi, Isabel Cerrutti, Anita Figueiredo e da escritora Maria Lacerda de Moura, com mais de uma dúzia de livros, alguns traduzidos para o castelhano e para o francês.

Dos dois últimos, o autor de *Teresina etc* fez um trabalho louvável enquanto em *Emma Goldman* Elisabeth Sousa Lobo projeta-se na figura da anarquista/feminista Emma Goldman cometendo por isso (?) alguns “enganos”.

Além das dúvidas que deixou no ar, “esqueceu” de procurar, no Brasil e nos países de língua portuguesa e castelhana, dados que bem poderiam suprir falhas sobre a vida e a obra da cidadã do mundo que elegeu para tema de sua obra.

Não se pode ser nacionalista e/ou internacionalista totalmente. As idéias não têm pátria, podem ser colhidas aqui ou ali, vestidas com roupas patrióticas e/ou apátridas, mas não invalida a verdade: cada um de nós colhe conhecimentos nos conhecimentos dos outros... *Cultura e ciência*, contrariando acadêmicos e outros, são obra de centenas, milhares de gerações, são o somatório do trabalho de milhares de estudiosos, de vários séculos de pesquisas; é, portanto, universal. Pertence à Humanidade!!!

O Anarquismo é uma dessas ideologias no Brasil que veio de fora. Outro tanto aconteceu com a rejeição do serviço militar obrigatório, agitado pelo periódico *Não Matarás*, do Rio de Janeiro, publicado pelos libertários Joaquim Mota Assunção, Eloy Pontes, embasados no folheto *A Mulher e o Militarismo*, de F. Domela Nieuwinhuis, editado em São Paulo pelos grupos *Aurora* e *Libertas*.

Não se pode ver como acontecimentos isolados cães devorando crianças operárias na Fábrica Penteado⁴³ e martirizando suas mães; o

43. *Nacionalismo e Cultura Social*. Edgar Rodrigues.

esfacelamento da menina operária Mariana Porto, de 13 anos, na Fábrica de Meias Raposa⁴⁴, ou a expulsão da jovem operária Emma Sartorelli, de 17 anos, por reivindicar direitos postergados.

Nem mesmo o apoio das mulheres aos operários gráficos em greve e os discursos de Isabel Cerrutti no Largo da Concórdia (São Paulo) em defesa do direito à vida dos anarquistas Sacco e Vanzetti, condenados à morte na América do Norte, e/ou a convocação do proletariado para lutar contra o Capital e o Estado com um "Avante, povo trabalhador, espezinhado! Avante para a Anarquia!"⁴⁵

A solidariedade humana, foi e é um princípio universal defendido ontem e hoje pelo elemento feminino de convicções libertárias como Maria Madalena, Isabel Peleteiro, Carmen Ribeiro, Elisa Gonçalves de Oliveira, Maria Rodrigues, Anarquia de Caria, Lucélia Martins, Concha Carrasco, Ida Botino, Carolina Peres, Maria Valverde, Angelina Soares, Mirtes, Dra. Maria Ieda de Moraes (diretora do jornal anarquista *Remodelações*), Sônia Oiticica (Diretora de *Ação Direta* nº 120 a 129), a Profa. Esther Redes e tantas outras mulheres ignoradas pelas feministas e pesquisadores "modernas" que foram ao exterior, voltaram e não descobriram a "prata da casa"⁴⁶.

44. *Novos Rumos*. Edgar Rodrigues.

45. *Novos Rumos*. Edgar Rodrigues.

46. Este trabalho foi publicado em 1985 na *Revista da UNICAMP* com o título "Libertários e Militantes" e posteriormente incluído numa antologia com o título "Libertários no Brasil" sob o nome de Francisco Correia. Nessas duas publicações o autor tinha outro texto: *A Comunidade Livre de Erebangó (Imigrantes Libertários Russos no Sul)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986 e "Trajetória do Anarquismo no Brasil", publicado na *Revista da UNICAMP*, 1985. Portanto, nas duas publicações, apareceu como o nome de Francisco Correia, na verdade, sua autoria é de Edgar Rodrigues.



APÊNDICE



Atração em cartaz no altar

Uma das quatro bispas da Renascença, Rosana Abbud não faz só um espetáculo que merece holofotes



Varias faces do exibicionismo feminista.

OPINIÃO DE MULHERES LIBERTÁRIAS

A FESTA DA PENHA

*Elvira Boni*⁴⁷

É doloroso e revoltante, para qualquer ser que tenha um coração altruísta e um cérebro que pensa, o modo como decorre a “Festa da Penha”.

Morando nos subúrbios da Leopoldina e tendo de sair nos dias em que se realiza essa “festa”, observo involuntariamente os mais tristes e degradantes espetáculos, onde a bestificação humana se revela em toda a sua força, como nos dias de carnaval!

O povo tem durante os dias dessas festas a mais ampla liberdade (!) de expansão, concedida pelos altos poderes e comerciantes das religiões. Mas de tal liberdade resulta a prática de tantas baixezas que eu me sinto impelida a dirigir a esse mesmo povo algumas palavras, que simultaneamente estigmatizem o seu erro e aliviem a máguia que invade todo o meu ser. E é à mulher, particularmente, que eu me quero dirigir.

À mulher, que é a maior escrava desta sociedade desumana; que não tem outra liberdade além da que aproveita nessas duas festas, onde, como que para esquecer as agruras da vida que passa durante o resto do ano, afoga a agonia no terrível veneno chamado álcool.

Que vergonhoso espetáculo!

Tenho visto os trens repletos de “devotos” da “Santa”, quando ao anoitecer voltam da festa, mais se assemelhando a montões de lixo do que a seres humanos. Vêm fantasiados com aqueles cordões de “rosca” e “balas” envoltas em papel de cores, saltando pelas janelas do trem, homens e mulheres, não se podendo quase ter em pé devido ao excesso do álcool e entoando cantigas que a boa moral manda calar.

Isto e mais alguma coisa simplesmente horrível, observa-se nesta festa que os inimigos do progresso – os “nossos” governantes aliados aos

47. Elvira Boni, militante da União das Costureiras e amadora do teatro libertário do Rio de Janeiro, anos 10-20.

padres – procuram conservar para bem da ociosidade que desfrutam e que lhes dá o gozo da exploração que desenvolvem, acobertados pelo manto duma religião mentirosa.

Sendo contra estas festas, não o sou contra as diversões necessárias à distração do espírito; combato apenas as “festas” que uma parte da humanidade promove e das quais se utiliza hipocritamente, para viver e gozar à custa do povo.

E tu, mulher, que és indispensável ao êxito de qualquer iniciativa, debes impor-te principiando por abandonar todas essas manifestações do vício e depravação; debes congregiar todos os teus esforços, buscando a instrução como principal fator para uma vitória consciente, e ao lado dos homens formar no batalhão que há-de levar por diante a luta para a conquista de uma sociedade onde desapareça a cadeia, substituída pela escola – onde não exista ódio para viver o Amor.

Rio, novembro de 1921

(*Renovação*, revista anarquista; diretor: Marques da Costa)

A MULHER E A RELIGIÃO

*Anita de Figueiredo*⁴⁸

Apesar do acentuado progresso que a humanidade tem feito na ciência, ainda hoje é colossal o número de pessoas que consideram a mulher inferior ao homem, tanto moral como materialmente.

Contudo, a despeito desta afirmativa ser proferida por uma maioria imensa de pessoas, já tem havido quem, possuindo para isso comprovada competência, tenha provado duma forma completa que a mulher desde que receba uma educação moral, intelectual e material igual à que recebe o homem, é inteiramente igual a este, em todos os campos de atividade.

Entre os inúmeros argumentos que os partidários da inferioridade da mulher empregam para basear as suas afirmativas está em plano principal, a religiosidade manifesta, a propensão declarada que o caráter feminino apresenta para as coisas religiosas. De fato, pode-se observar facilmente, em qualquer prática religiosa, seja de que credo for, que a maioria imensa dos crentes é sempre de mulheres.

48. Anita Figueiredo, companheira do ator profissional, anarquista, português, Romualdo de Figueiredo. Militante do teatro libertários, colaborava na imprensa anarquista no Rio de Janeiro, anos 10-20

Ora, este fato, que já hoje me atrevo a considerar vergonhoso para o sexo, explica-se facilmente, desde que nos lembremos de que não há ainda muito tempo que a religião, em todos os países, tinha um caráter de obrigatoriedade, que abrangia por igual homens e mulheres.

É interessante lembrar que então, o argumento de considerar inferioridade o sentimento religioso era insustentável, porquanto as igrejas eram invadidas e pejadas por toda a gente, tanto masculina como feminina.

Contudo, a obrigatoriedade que existia teve que ir sendo atenuada, concorrendo para isso o espírito científico e filosófico que se desenvolveu assombradamente nos últimos séculos. Desta forma, o homem, aproveitando os favores que sempre lhes dispensaram todas as instituições políticas, foi abandonando gradualmente a Igreja, e dedicando-se a outras ocupações mais proveitosas, enquanto a mulher, considerada sempre inferior pela imbecilidade dominante, teve que permanecer tal como estava, não só por necessidade, como por conveniência, pois a moral ambiente continuou a considerar uma virtude a convicção religiosa.

Ora, é contra este estado de coisas que me parece tempo de reagir, e é para isso que eu apelo para todas as mulheres, pois é tempo de mostrarmos aos propugnadores da inferioridade da mulher, que a natureza ao formar-nos, não nos deu característico algum que possa servir de base à afirmativa de que a mulher é inferior ao homem.

(*Renovação*, revista anarquista,
Rio de Janeiro, novembro de 1921; direção: Marques da Costa)

O CASAMENTO

*Amália Garrido*⁴⁹

O casamento é um pacto infernal, cheio de martírios, sacrifícios, hipocrisias e conveniências; é um “negócio” do qual resulta a “compra” mútua de dois seres inconscientes, sem noção do que seja liberdade, que passam a considerar-se com direitos de “senhores” absolutos um sobre o outro.

Entre os dois não há nunca o verdadeiro amor – esse amor que é toda a felicidade dos seres que se unem livremente, sem peias de alguma espécie – e quase nunca se tratam como devem tratar-se os companheiros de alegrias e sofrimentos!

49. Amália Garrido, nas décadas de 10-20 colaborava e militava nos grupos de teatro e na imprensa anarquista do Rio de Janeiro.

Há mulheres, confessâmo-lo, que sabem aproveitar-se dessa “compra”, no sentido de dar largas ao seu procedimento indigno, abusando muitas vezes da boa-fé daquele que lhe deu o seu nome, humilhando outras que, não sendo “casadas”, são bastante dignas e sabem honrar e respeitar o marido.

Quantas há que se valem dos “pergaminhos” matrimoniais para lançar no rosto das suas semelhantes, como para insultá-las, (ó irrisão!) a impostora afirmação de – eu sou casada!

Mas vale mais a união livre de dois entes que se saibam compreender e respeitar mutuamente; que se amam um ao outro, sim, porque para ser-se feliz não é preciso esse pacto assinado por um qualquer desses parasitas que andam por aí, com a máscara da bondade a ocultar sua alma de tigre.

Quanto mais beleza e sublimidade não há no amor verdadeiramente livre? Se livre nascemos, livres devemos viver e morrer; nunca escravizados uns aos outros, por uma lei feita por impostores e inválidos.

Mas o dia prometido há-de chegar: o dia reparador de todos os erros cometidos inconscientemente e de entre os quais avulta o casamento, maldito contrato que tanto concorre para lançar a mulher na prostituição – no hospital, e ao homem na prisão – na escala do crime!

Dia almejado, bendito sejas! Que todos, a uma só voz te proclamem, proclamando o amor livre, a liberdade e a igualdade do ser humano.

Rio, outubro 1921.

(*Renovação*, revista anarquista,
Rio de Janeiro; diretor: Marques da Costa)

O AMOR E A VIDA

*Clara Luz*⁵⁰

A psique humana é muito complexa. A criança e o adolescente são jogados na sociedade completamente indefesos, sofrem influências, as mais diversas, de todos os meios, sofrem abalos e choques emocionais, por vezes adquirem neuroses e reflexos, criam conceitos falsos da vida e de tudo. Depois, são necessários outros muitos anos para que o indivíduo

50. Clara Luz. Estudante, filha de velho anarquista gaúcho de origem italiana, colaborava assiduamente na imprensa anarquista dos anos 50, no Rio de Janeiro.

vá percebendo a falsidade dos valores que aprendeu e se vá libertando dos preconceitos que adquiriu. Dentre estes talvez os mais prejudiciais sejam os que dizem respeito ao amor.

Em torno do amor, a humanidade criou uma tragédia e as consequências disso têm sido tremendas.

Fator capital da vida do indivíduo, tornou-se assunto pornográfico quando não é sancionado pela sociedade ou então “amor enjaulado” como diz Rafael Barret, quando leva a chancela do juiz.

...É a natureza, frustrada na sua integral satisfação, reage violentamente tornando os indivíduos amargurados, insatisfeitos, por vezes assassinos ou neuróticos.

Não me quero referir somente à necessidade física, pois esta, mal ou bem, sempre é atendida. Quero-me referir justamente a essa harmonia que deve existir entre o amor físico e a sensibilidade emotiva sem a qual a união dos sexos não proporciona nenhum prazer espiritual e se torna muitas vezes até suplício. Quero-me referir ainda ao amor espiritual, conjunto de afeto, compreensão, simpatias mútuas que devem ligar as duas criaturas e é importantíssimo para a humanidade, mas que só pode perdurar quando é dado livre e espontaneamente e não pode ser exigido em nome da lei.

Nesse caso, o amor dado espontaneamente, livre dos preconceitos e dos grilhões como que liberta o indivíduo dum grande potencial de energias físicas e emocionais e ele se sente mais equilibrado, mais senhor de si, ganha grande serenidade, torna-se mais compreensivo e mais humano.

Porém, raros são os indivíduos que possuem compreensão exata do que representa o amor na vida. Muitos homens, por exemplo, imaginam que basta aplacar as exigências do sexo e se unem a criaturas com as quais não poderão nunca entrar em harmonia. Outros procuram algo elevado, mas, convencidos da superioridade masculina, relegam a mulher a segundo plano, negando-lhe igualdade e liberdade, condições essenciais para que persista o amor. Ou ainda, tornam-se ciumentos, exclusivistas, não podem admitir que a mulher possua outros interesses alheios à sua pessoa, e transformam a vida em comum em amargas e desesperos.

E há ainda o amor próprio, de que estão demasiado inchados homens e mulheres, e que lhes impede totalmente amar com desprendimento, ser tolerantes e compreensivos, procurando cada um deles satisfazer apenas a sua vaidade. E a tragédia dos homens que por motivos econômicos não podem possuir uma companheira e vivem sem amor? E a das mulheres que, por algum motivo, não se casaram e, sem coragem de romper com os preconceitos, vivem vida estéril?

E há os perversos sexuais, os sádicos, os masoquistas, sem falar da prostituição, a maior vergonha humana. Tudo isso conseqüência de uma educação estúpida numa sociedade onde, apesar de todas as conquistas da ciência e da técnica, o homem progride moralmente a passo de tartaruga e possui ainda os hábitos e crenças de séculos atrás.

Quando todos os indivíduos tiverem consciência da importância do amor na vida e puderem amar livremente, sem ciúmes, sem exigências, sem exclusivismo, procurando dar muito mais do que receber, liberando, enfim, todo o potencial de carinho, afeto e simpatia que o homem possui, estou certa, a humanidade será mais sã, mais serena, mais forte.

(*Ação Direta*. Rio de Janeiro, out./nov. de 1952)

A PSICANÁLISE MODERNA E O ANARQUISMO

*Esther Redes*⁵¹

Parece coisa descabida juntar, num mesmo assunto, psicanálise e anarquismo. Este artigo tem por finalidade, justamente, demonstrar que as últimas conclusões a que têm chegado os psicanalistas contemporâneos ratificam as teses libertárias. Digo psicanalistas contemporâneos, porque muitas das afirmativas de Freud foram superadas. A corrente psicanalítica de orientação cultural, da qual é expoente máximo o dr. Erich Fromm, diverge de Freud nos conceitos do complexo de Édipo, o da castração, o da tendência à virilidade na mulher, e na orientação biológica da escola ortodoxa. Entre outros aspectos, também na questão da origem das neuroses. Enquanto Freud e seus epígonos citam como origem a repressão dos instintos primários, carregada de emotividade, Erich Fromm, na sua escola retrospectiva, acentua também os fatores conflitivos nas relações humanas como causa dos desequilíbrios.

O sistema freudiano do desenvolvimento da libido foi substituído na psicologia humanística de Fromm, cuja tese principal é: “as paixões fundamentais do homem não estão enraizadas nas necessidades instintivas e sim na necessidade de encontrar uma nova relação entre o homem e a natureza pois a relação primária que existia na fase pré-humana, foi perdida”.

51. Esther Redes, anarquista militante no Rio de Janeiro, colaborava e pertenceu ao grupo que publicou *Ação Direta*, posteriormente ao Centro de Estudos Professor José Oiticica e, mais tarde ao CEL e Círculo Alfa de Estudos Históricos de São Paulo.

Discorda, ademais, radicalmente, de todos os psicanalistas que consideram como normais os indivíduos adaptados à sociedade em que vivem (seja qual for esse tipo de sociedade). E conclui que no mundo atual, toda a humanidade, produto do capitalismo moderno, está desequilibrada (apesar de adaptada) porque reage como autônoma, sem vontade própria. Diz ele: “O homem foi convertido num instrumento de objetivos econômicos, tornou-se um estranho para seus semelhantes, para a natureza e sua vida não tem mais sentido”.

Duas perguntas surgem, inevitavelmente, do que foi até agora exposto. Primeira: o que é um homem integralmente dentro do conceito humanista de Fromm? Segunda: que tipo de sociedade permitirá no homem a sua completa realização? Em que tipo de sociedade o homem encontrará novamente essa relação com a natureza que foi perdida? Em que tipo de sociedade o homem estará livre para edificar sua própria vida e ao mesmo tempo não se sentir inseguro a ponto de entregá-la a uma autoridade, qualquer que seja? Eis como responderia Fromm à primeira pergunta: “A pessoa mentalmente sã é a pessoa produtiva, que se relaciona amorosamente com o mundo, que se sente a si mesma como uma entidade individual única e, ao mesmo tempo, se sente identificada com o seu semelhante, que não está submetida a uma autoridade irracional, porém aceita de boa vontade a autoridade racional da consciência e da razão. E estas são as tendências naturais humanas que somente foram pervertidas pelo uso constante, através dos tempos, do homem pelo homem”.

Passemos à segunda pergunta. No seu livro *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, Erich Fromm oferece os caminhos para a saúde mental da humanidade, salientando que isto só será atingido quando a transformação da sociedade se verificar em todos os setores: político, econômico e cultural. Enquanto se procurar corrigir os erros na sociedade atual atendendo apenas a um desses fatores como causa, tudo continuará como dantes. E esse tem sido o mal dos reformadores. Acentua que: “O cristianismo pregou renovação espiritual esquecendo-se da renovação social, sem a qual a outra se tornaria impossível. Os racionalistas do século 18 postularam a independência do juízo e da razão, a igualdade política, que, por si só, nunca levaria à fraternidade entre os homens. Os marxistas insistiram na necessidade de mudanças sociais e econômicas e olvidaram a necessidade duma transformação interior dos seres humanos”. Os resultados são conhecidos e não poderiam ser outros. Diz ainda Erich Fromm: “O homem é uma unidade; seu pensamento, seu sentimento e seu modo de viver estão relacionados. Não pode ter liberdade de pensamento se não tem liberdade emocional e não pode ter liberdade emocional se, em seu modo de viver, é um ser dependente e sem liber-

dade em suas relações econômicas e sociais. Um só passo de progresso integral em todas as esferas da vida terá maior alcance e resultados mais duradouros para o progresso da espécie humana do que 100 passos dados em uma das esferas, isoladamente”.

A evolução da humanidade só é positiva quando se realiza no sentido da independência e da liberdade. O ponto central dos ensinamentos dos profetas tem sido a luta contra os cultos incestuosos. À medida que os homens vão-se integrando em grupos cada vez mais amplos, maiores se vão tornando as áreas de liberdade. E somente quando a humanidade se libertar de todos os laços incestuosos com a família, classe social, Estado, raça, nação, Igreja, será atingido o ideal de irmandade entre os homens. Para isso, os Estados e os poderes seculares necessariamente terão de perecer. O mandamento “Ama a teu próximo como a ti mesmo”, princípio básico de todas as religiões humanistas, só tem sentido numa sociedade de homens livres. A não ser que se entenda por amor os sentimentos de dependência, submissão, dominação ou posse. No decurso das análises tem-se verificado que a causa básica da doença mental consiste na incapacidade de amar, entendendo-se por amor o conjunto e preocupações, responsabilidade, respeito e compreensão de outra pessoa cujo desenvolvimento se deseja. E isto se torna impossível na nossa civilização comercial cuja preocupação humana consiste na atração dada pela aparência e pelo êxito.

Ora, de todas as filosofias sociais existentes até agora, somente o anarquismo deu atenção a todos os fatores necessários à evolução da humanidade. Foi a que compreendeu a necessidade de quebrar o laço incestuoso com qualquer tipo de autoridade. Sentindo que a felicidade humana baseia-se no amor e na fraternidade entre os homens. E a evolução da humanidade consiste na busca da verdade, o que está relacionado estreitamente com a liberdade e independência.

Foi a única que compreendeu a necessidade de uma transformação na sociedade, e foi a que sentiu a necessidade duma vida comunal mais intensa sem anular o indivíduo com todos os seus direitos e preferências. Ao contrário do marxismo, que pôs toda a ênfase dos problemas sociais no fator econômico, o anarquismo tem salientado o aspecto humano sempre em primeiro lugar. E compreendeu a necessidade da humanização do trabalho ao lado do nivelamento econômico. Caracteriza-se ademais o anarquismo pela busca incessante da verdade, não se estagnando em dogmas ou princípios inalteráveis.

Mais do que nunca, se torna necessária, no momento atual, nossa atividade consciente. Como bem diz Fromm, a humanidade se encontra numa encruzilhada. Seguirá no caminho do robotismo (com suas varie-

dades capitalista ou comunista) que levará fatalmente à autodestruição ou produzir-se-á uma transformação radical da sociedade no sentido do socialismo humanista. Porém, saberão os povos eleger o caminho certo, se não forem esclarecidos e orientados pela filosofia ácrata?

A situação se nos apresenta grave e o momento histórico oportuno para a nossa ação.

(*Ação Direta*. Rio de Janeiro, julho de 1958)

A MISSÃO DA ESCOLA

*Maria Lacerda de Moura*⁵²

Se atravessamos um período de transformações radicais; se a história se repete, ainda uma vez, como sempre, para a conquista de novas civilizações, para cogitações mais amplas; se o furacão da revolução social, inevitável. Amontoa nuvens negras sobre os céus das nações e por sobre os corações dos povos; se aumenta dia a dia o número dos descontentes; se toda a gente sensível sofre ante a angustia da miséria, da ignorância e da divergência de castas separadas pelo dinheiro; se se planejam acontecimentos vastos e únicos na história do mundo – a vitória está contida nos impulsos dos precursores, nos ímpetos que ora agitam a humanidade inteira e no limiar da escola.

Alargar as concepções da elite, multiplicar os pensamentos de amor a todos os seres, fazer vicejar nos corações dos moços a idéia do sacrifício em prol de outra humanidade quiçá bem maior – é a missão de luz confiada a toda gente capaz de ver na vida alguma coisa mais do que os impulsos do instinto.

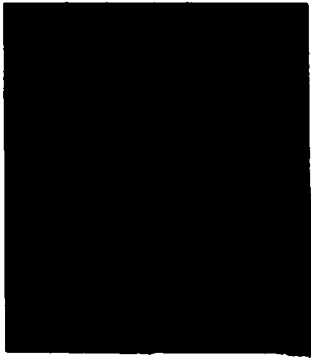
Essa é a mensagem da educação moderna, liberal, racional.

(*Revista Liberal*, anarquista, Porto Alegre, outubro de 1923)

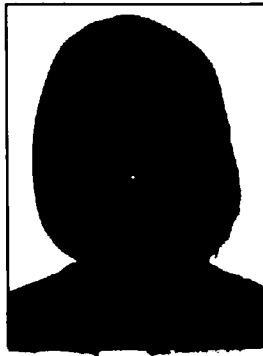
52. Maria Lacerda de Moura, Anarquista individualista, escritora e fundadora-diretora da revista *Renascença*, São Paulo, anos 20. Dispensa outros comentários!



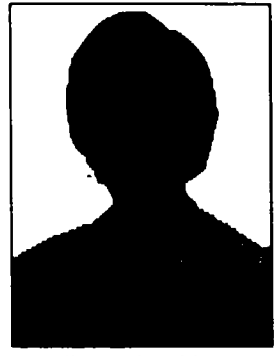
Feministas bem de vida, em cima da pobreza e da miséria de homens e mulheres, 2004.



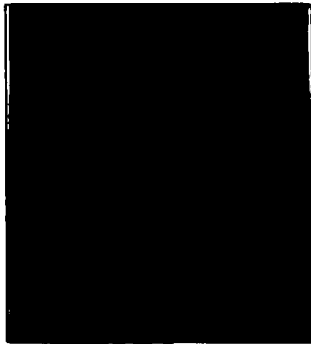
Andréia Zito (PSDB)



Marisa Serrano (PSDB-MS)



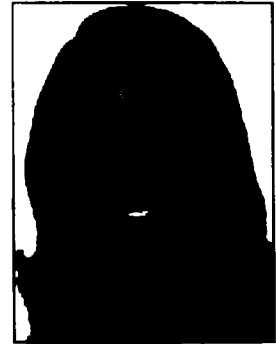
Rosalba Carlini (PFL-RN)



Jane Cozzolino (PTC)



Maria do Carmo (PT-SF)



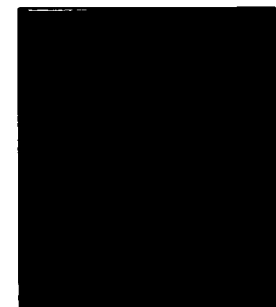
Kátia Abreu (PFL-IO)



Deputada Ângela Guadagnin



Cida Diogo (PT)



Inês Pandeló (PT)

Mulheres, políticas, ganhando salários milionários com os votos da mulheres e homens que vivem de um salário mínimo (R\$ 380,00 por mês) e até menos. Muitos são habitantes das favelas.



Ela é jovem, bela, rica e assaltante

■ Morando em um prédio de luxo em Campinas, onde vive com a família, não se preocupa em fazer a foto.

— Não preciso.

— Não precisa.

— Não precisa, meu namorado manda as comparsas que se ano assaltam. Já nos 10 casas, depois lotéricas, tem muita coisa. Não deslaxa. Não escolhe o que os assaltantes vão roubar. Não dá pra escolher a vítima.

OPINIÃO DE HOMENS LIBERTÁRIOS

A MULHER

*Ricardo Flores Magón*⁵³

O infortúnio da mulher é tão antigo, que sua origem se perde na penumbra da lenda. Na infância da humanidade se considerava como desgraça para a tribo o nascimento de meninas. A mulher lavrava a terra, trazia lenha do bosque e água do arroio, cuidava do gado, ordenhava as vacas e as cabras, construía a choça, tecia a vestimenta, cozinhava, cuidava dos enfermos e das crianças. Os trabalhos mais sujos eram desempenhados pela mulher.

Mais tarde, sob a influência da civilização grega, a mulher subiu um degrau na consideração dos homens. Já não era a besta de carga do clã primitivo, nem fazia a vida claustal das sociedades do Oriente; seu papel, então, foi o de produtora de cidadãos para a pátria, se pertencia a uma família livre, ou de servos para a gleba, se a sua condição era a de ilota.

O cristianismo veio depois agravar a situação da mulher com o desprezo à carne. Os grandes padres da Igreja fulminaram os raios de sua cólera contra as graças femininas e Santo Agostinho, Santo Tomás e outros santos, ante cujas imagens se ajoelham, agora, as pobres mulheres, lhe chamaram *filha do demônio, vaso de impureza*, e as condenaram a sofrer as torturas do inferno.

A condição da mulher, neste século, varia segundo sua categoria social; porém, apesar da dulcificação dos costumes, apesar dos progressos da filosofia, a mulher continua subordinada ao homem pela tradição e pela lei.

Humilhada, menosprezada, atada com os fortes laços da tradição, familiarizada pelo clero com os negócios do céu, porém totalmente ignorante dos problemas da Terra, a mulher se encontra, de improviso, envolta no torvelinho da atividade industrial que necessita de braços, braços

53. Ricardo Flores Magón, cérebro e braços da Revolução Mexicana de 1910, com a participação de anarquistas de várias origens. Foi o fundador também do jornal libertário *Regeneración*.

baratos sobretudo, para fazer frente à competência provocada pela voracidade dos príncipes do ouro.

O salário da mulher é tão mesquinho que a obriga a prostituir-se para poder sustentar os seus quando, no mercado matrimonial, não encontra um homem que a faça esposa.

Companheiros! Esse é o quadro espantoso que oferecem as sociedades modernas. Por esse quadro vede que homens e mulheres sofrem por igual a tirania de um ambiente político e social, em completo desacordo com os progressos da civilização e as conquistas da filosofia.

Nos momentos de angústia, deixai de elevar vossos belos olhos ao céu; lá estão aqueles que mais contribuíram para fazer de vós eternas escravas.

O remédio está aqui na Terra, e é a rebelião.

(*Ação Direta*, Rio de Janeiro, set./out. de 1951)

CONCEITOS SOBRE A MULHER

*Paschoal Borelli*⁵⁴

Entre a variedade de artigos e notícias boas e más de um matutino de São Paulo, dei, atraído pelo título, com este: *O Celibato Feminino na Inglaterra*.

Revoltado ao terminar a leitura do mesmo, pensei transmitir nestas linhas a minha concepção sobre a mulher.

Vem de Londres a notícia de que o Dr. Alexander Wilson fundou a hedionda *Liga da Mãe Solteira*, alegando, para tal, a falta de população de seu país, querendo suprir, neste rasgo patriótico e imoral, a calamidade causada pela guerra, seduzindo as mulheres que, por motivos vários, deixaram de contrair matrimônio e tornar-se mãe, a entrarem para a Liga, sacrificando desta forma o princípio afetivo e sua dignidade de mulher, ou, como bem diz o articulista, prostituição regulamentada.

Não basta a Alemanha que cometeu as maiores atrocidades com as mulheres a ela submetidas. Agora, quando o mundo começa a acalentar novas esperanças, depois desta segunda guerra forjada como sempre pelos inimigos da Humanidade; agora que todos fixam os olhos no infinito do horizonte esperando nova aurora, surge em Londres um doutor que olha a mulher como animal de procriação para preparar novos exércitos de homens, futuras vítimas da Bomba Atômica.

54. Paschoal Borelli, anarquista de origem italiana, marcou presença no movimento e na imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo, anos 40-50.

É essa a missão confiada para a mulher por todos os regimes capitalistas e por todos os homens de mentalidade restrita.

A mulher não pode ser julgada objeto ou simples boneca que se expõe nos grandes salões como figurino de última moda.

A mulher não é, nem pode ser isso; ela possui predicados elevadíssimos; é preciso auxiliá-la a cultivar essas virtudes que são dignas de admiração.

Mulher! Não te afastes do teatro social; tens teu papel bem definido e teus problemas estão ligados igualmente ao do homem e paralelamente a ele deves lutar.

Nessa guerra que por ora se apagou, infernal e dolorosa como as precedentes, confirmou-se teu valor; mostrastes que és capaz de tudo, substituíste o homem na retaguarda; imitando Louise Michel, combateste entre os *partigiani* da Itália, como tive oportunidade de ver, pela extinção completa do nazifascismo.

Esta é a tua era, era da emancipação integral.

Levanta-te mulher e verás que não és inferior, que não és objeto, nem apenas boneca; és Mulher!

E nesta sociedade desvairada, de comodismo e miséria, de lutas e guerras, devemos levantar nossas vozes e, de mãos dadas, lutar pelos direitos iguais, a caminho de um mundo livre.

(*Ação Direta*. Rio de Janeiro, março de 1947)

UNIÕES ILEGAIS

*Ipê*⁵⁵

Há dias o *Diário de Notícias* publicou um interessante dado fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com referência ao último censo, pelo qual estatisticamente ficava demonstrado que em 100 mulheres de 20 a 24 anos havia 20 mães solteiras; em 100 mulheres de 25 a 29 anos havia 40 mães solteiras e em 100 mulheres com mais de 35 anos havia 40 mães solteiras.

55. Ipê (Ideal Peres) ouviu falar de anarco-sindicalismo e anarquismo em São Paulo, ainda no colo do pai (Juan Perez), Pedro Catallo e Isabel Cerrutti. Nos anos 40-50 participou (com outros anarquistas) do Grupo Ação Libertária, na União Anarquista/Ação Direta. Participou ainda (com outros) do Centro de Estudos Professor José Oiticica, esteve no processo contra este Centro, fez parte do CEL, de "Nossa Chácara/Nosso Sítio" e, do Círculo Alfa de Estudos Históricos, os três últimos de São Paulo.

Terminava o dado por mencionar um total de 673.102 mães solteiras e 2.712.918 de filhos vivos provenientes dessas “uniões ilegais”. Saindo a média de quatro filhos por mulher. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística fez prudente ressalva quanto à autenticidade da estatística, pois considerava que a maior parte das pessoas “casadas ilegalmente”, jamais farão declarações reais, tendo em vista um escrúpulo natural, o que faz a estatística elevar para um milhão o número de mães solteiras.

É interessante constatar que apesar do Estado procurar meios coercitivos, enquadrar nas páginas de um código um sentimento tão pessoal quanto o amor, há inúmeras pessoas que desprezando, solenemente, as leis, o Estado e a sociedade vão viver “ilegal, porém, livremente”.

O conceito de legal e ilegal é fluante. Considera-se perfeitamente legal, desde que tenha um papel fornecido pelo Estado, o casamento de um jovem saudável com uma velha decrépita, porém rica, ou a de uma jovem esbelta com um velho paralítico, porém da mesma forma rico. Ainda que logicamente seja o maior dos absurdos, a lei, a sociedade sancionam e rendem homenagens a semelhantes descabros ao passo que perseguem e anatematizam os que, seguindo o velhíssimo exemplo bíblico de Adão e Eva, manda às favas a lei para se unirem.

(*Ação Direta*. Rio de Janeiro, junho de 1950)

A FAMÍLIA, CÉLULA COMUNISTA

*Pedro Ferreira da Silva*⁵⁶

A família é uma comuna dentro da sociedade que condena o comunismo.

Mas torna-se necessário, para evitar interpretações que alguns termos sugerem, esclarecer o seu sentido. Antes de mais nada, não temos culpa da deturpação do comunismo, que tendências políticas e autoritárias perpetraram apossando-se dessa bela e expressiva palavra para batizar com ela um sistema de ditadura proletária, de tirania dos pequenos, não menos indigna e condenável do que a tirania dos grandes.

56. Pedro Ferreira da Silva começou colaborando no semanário anarquista *A Comuna*, do Porto, Portugal. Em razão da ditadura fascista de Portugal, no ano de 1926, exilou-se na França. Ali fez parte do jornal *Liberdade*, de combate a todas as ditaduras. No começo da guerra de 1939-1945 fugiu para o Rio de Janeiro, ajudou a fundar *Ação Direta*, colaborou muito na imprensa anarquista, ajudou no CEPJO como contribuinte e publicou vários livros anarquistas no Rio de Janeiro, onde faleceu.

Anarquismo é comunismo libertário. Comunismo libertário é igualdade econômica e liberdade individual. Se os anarquistas tinham como seu o comunismo, por que a organização da sociedade anárquica há-de fazer-se na base de comunas, e daí a designação do sistema econômico comunista, que há-de impedir-nos de continuar a estudar, debater e tratar os nossos assuntos dando às coisas o nome que elas têm?

Campos Lima, o escritor português que tantas obras produziu nas letras e na sociologia moderna, chegou a defender até a proscrição da palavra anarquia, ele que se impunha como apóstolo da anarquia. O seu argumento era que a burguesia tinha emprestado tal sentido de pavor e repelência ao anarquismo, apresentando-o por má-fé como sinônimo de desordem, que melhor seria trocar-lhe o nome, dizermo-nos simplesmente libertários.

Agora o abuso dos comunistas políticos quer impedir-nos também de chamar comunista à sociedade anárquica, visto que isso se torna arriscado em virtude da confusão criada e da justa aversão dos homens livres por um regime de escravização ao Estado proletário.

Mas há por força um erro enorme em tudo isso. Quanto mais nos abstermos de usar os nomes que são nossos, mais os perdemos. Se ao contrário os anarquistas insistissem bem alto na afirmação do comunismo verdadeiro, do comunismo libertário, o conhecimento geral do seu sentido não deixaria que outro caráter lhe fosse dado pelos apologistas de um sistemas tão avesso à liberdade do indivíduo.

Pois a família é uma célula comunista, digamos isto sem medo. A família, velha instituição do direito burguês, vindo de longe, do patriarcado romano ou das leis bíblicas, das tribos primitivas ou de origens indefinidas, não serve apenas para nela se aninharem os preconceitos e tradições, a religiosidade dos povos e a sucessão das fortunas ou a posse das terras.

Família é um núcleo que o anarquismo dispensa, quando institui a sociedade universal e a inteira liberdade do homem. Mas por que não estudar a constituição desse núcleo, os seus hábitos e sistemas, com o fim de lhe descobrir virtudes anárquicas não percebidas pelos conservadores seus advogados e beneficiários?

Uma família austera, com princípios morais inabaláveis, seja rica ou pobre, é ainda um vestígio de pequenas sociedades quase isoladas no sistema econômico dos primeiros tempos do capitalismo, pequenas sociedades que tinham por assim dizer o seu estatuto próprio e uma administração interna tendente a resguardar o interesse patrimonial, que era o interesse comum.

Os filhos trabalhavam todos para esse patrimônio, enquanto solteiros, cada qual exercendo sua atividade no lar ou fora dele, mas concorrendo

para a economia da casa. E se um deles fosse doente ou inválido, era naturalmente mantido pelo esforço dos demais. Eis aí um exemplo velho da prática do princípio revolucionário: de cada um segundo as suas forças, a cada um segundo as suas necessidades.

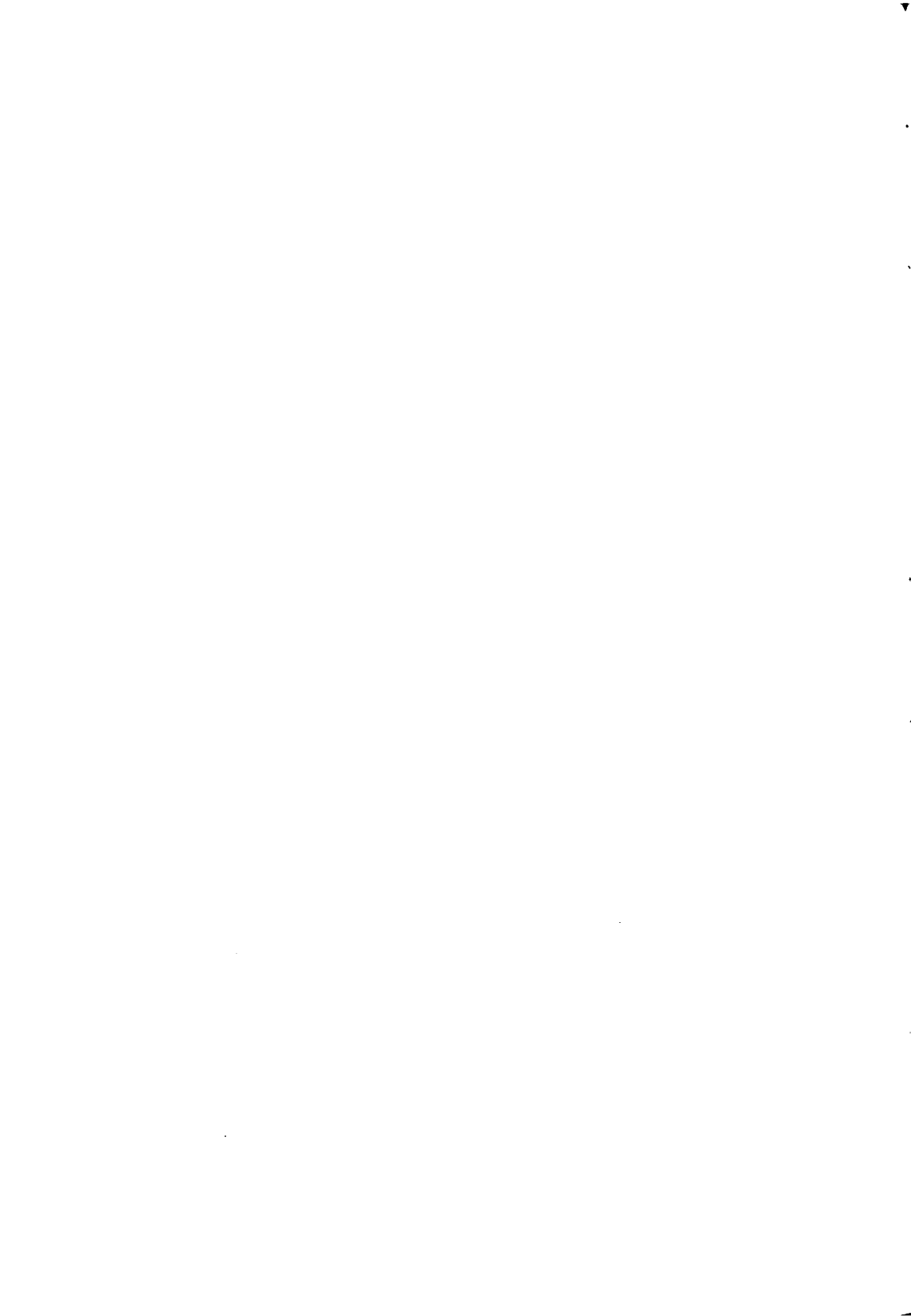
Dir-se-á que se havia, se há ainda comunismo na instituição da família, não é comunismo libertário porque se faz sentir a autoridade do pátrio poder. Essa autoridade do pai vai perdendo porém a sua rigidez, e nunca negou a emancipação do filho que, pelo casamento, se desprende do tronco familiar, ganhando a sua liberdade e indo fundar por sua vez outra família, a qual constitui o desdobramento da sociedade em renovadas fundações de núcleos reprodutores.

O anarquismo não deseja consagrar fórmulas jurídicas do direito familiar. Mas não pode impedir nem desmentir a função comunista da família no seu papel econômico. A sociedade anarquista não será uma família ampliada, grande, imensa, com autodisciplina e respeito mútuo?

(*Ação Direta*. Rio de Janeiro, agosto de 1947)



Mulher na plenitude de sua forma.



MULHERES, MULHERES “LIBERADAS” E OUTRAS MULHERES

1

Edgar Rodrigues

Para mim, um ser humano vale um ser humano independente de sexo, cor, nacionalidade, posição social, nível intelectual, QI e/ou idade. E é dentro deste prisma que vou excurcionar pelo mundo feminino.

A opressão sobre a mulher começou em nome de Deus. É o que diz Plutarco, Tertuliano, São Pedro, Mateus, Marcos, Agostinho e outras figuras santificadas pela Igreja.

Segundo Tomás de Aquino, “por sua natureza, a mulher deve estar submetida ao homem porque o homem dispõe de maior abundância de discernimento da razão”.

Napoleão não foi menos cruel do que os apóstolos com o elemento feminino, principalmente em suas leis, artigos 1.248, 217, 215, 905 e 1388. Neste último consta: “Os maridos não podem derrogar os direitos resultantes do seu poder material sobre a pessoa da mulher e dos filhos, o que pertença ao marido na qualidade de chefe”.

Um pouco para sair desta opressão e um pouco ajudada pelas mudanças que o homem vem introduzindo nas leis, a mulher começou a manifestar-se contra as submissão, acabando por tornar-se também egoísta, ambiciosa e prepotente, cruel (não obstante a sua condição maternal), bem antes da sua completa emancipação. Dir-se-ia que quer recuperar o tempo perdido, cortando caminhos para enfrentar os machistas generalizando seus ataques, sem se dar conta que está usando os mesmos métodos que o homem usou para escravizá-la. Sua libertação em muitos casos virou libertinagem, desrespeitos à própria dignidade humana da mulher! A comercialização da mulher (por mulheres “liberadas”) na propaganda comercial, falada, a abundância das “casas de massagens”, divulgadas pela imprensa com convites de impacto

dirigidas por mulheres prostituindo mulheres, sua colaboração no tráfico e no uso de drogas, em quadrilhas de assaltantes, seu ingresso na polícia, na carceragem, na marinha, nas guerrilhas e/ou como juizas e políticas, tudo por dinheiro e fama como fazem os homens; “ganho” bem mais fácil do que exercendo funções honrosas menos remuneradas, distância e forma hierarquizadas feministas colocando em planos inferiores aquelas que rasgam a terra, semeiam e colhem seus frutos, fabricam roupas, sapatos, e tudo mais que homens e mulheres usam diariamente.

No seu livro *Mães da Pátria: Mulheres, a Família e a Política Nazista*, a professora Cláudia Koonz fala de mulheres corajosas que resistiram ao nazismo e de “mulheres que protegiam seus filhos e eram carinhosas com suas famílias, ao mesmo tempo, revelavam uma extraordinária crueldade”.

“Essas mulheres podiam bater à porta de seus vizinhos judeus ou servir como líderes do sistema de espionagem nazista de esquadrões”.

“Foram mulheres que ajudaram a introduzir o nazismo em seus lares, doutrinando os seus filhos no anti-semitismo. Foram elas que ordenaram a seus filhos que parassem de brincar com crianças judias no quarteirão onde moravam”. (Tudo igualzinho às mulheres do “Rosário em Família” que prepararam – com ajuda de padres e maridos militares – o golpe de 1º de abril de 1964, responsável por vários assassinatos e a inutilização de mulheres e homens brasileiros.)

“Mulheres” como Gertrud Scholtz-Klink, chefe do birô feminino nazista – informa a escritora Koonz – criaram vastas burocracias, atraindo mulheres para atividades que promoviam o patriotismo, a educação, cultura, religião e assistência à saúde” na Alemanha de Hitler.

A historiadora Gerda Lerner foi mais longe: “Todo o mundo ouviu falar em Ilse Kock (para quem não sabe – dizemos nós: conhecida como a “Cadelinha de Buchenwald”, esposa do comandante deste Campo; ordenava formatura de prisioneiros nus, e ela mesma, selecionava os que tinham tatuagens originais no corpo, mandava o médico Sigmund Rascher matá-los por meio de injeções, esfolá-los. Secar-lhes a pele para fazer com ela seus abajures!) uma mulher notória pelos excessos que cometeu em Buchenwald, havia ilusão de serem casos excepcionais, envolvendo fanáticos. Mas o que vemos nos livros são feministas alemãs transformando feminismo em anti-semitismo”.

Caminhando no tempo, vemos nas Filipinas a mulher do ditador Ferdinand Marcos, Imelda, que colecionava jóias, sapatos e roupas (uma autêntica fortuna!); na Inglaterra a Rainha também detém riqueza colossal. Ocuparam cargos de mando, direta ou indiretamente, mulheres como Ibarruri (La Pasionaria), Jiang Qing (viúva de Mao Tse-tung), Margareth

Thatcher, Raísa (esposa de Gorbachov, influente nas decisões do marido), Corazón Aquino, Indira Gandhi, Golda Meir entre outras e não foram ou são menos autoritárias contra o elemento feminino do que os homens em funções iguais.

Mulheres empunham armas, exercem cargos militares, como carcereiras, policiais e de espionagem em Cuba, na África, na Nicarágua, no Brasil, na América do Norte e em dezenas de países.

No Brasil, lado a lado com feministas sinceras, temos mulheres que fazem parte da UDR (União Democrática Rural) em luta pela manutenção do latifúndio e da escravização de mulheres e homens que lutam para conseguir terra para trabalhar. Nos Institutos de Previdência Social, nos hospitais, repartições públicas, mulheres parasitam e tripudiam de homens e mulheres que ali vão em busca de soluções para seus problemas.

Adelina Braglia (vice-prefeita) e Marta Inês Carneiro (juíza) de Marabá, revelam-se tão severas em suas punições e rápidas no manejo de armas quanto os homens que as ameaçam.

No Sul, Maria da Graça assume a Coordenação da Polícia Federal, e as polícias militares do Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo e outros estados do Brasil exibem seus contingentes femininos com tanto desembaraço quanto Kátia Coimbra Mendonça desempenha funções de diretora da penitenciária feminina Talavera Bruce.

Com ares de superioridade sobre a camponesa e a operária braçal, a deputada comunista Jandira Feghali e as demais deputadas das câmaras municipais, estaduais e federal estão aí demonstrando a desigualdade feminina. É só dar uma olhada nas manchetes e logo se divisa as diferenças das cantoras, artistas de novelas, cinema, manequins, modelos fotográficos (cujo "talento" de muitas é a própria anatomia) e a mulher varredora de rua.

Um "robô" chamado Xuxa já ganhou uma fortuna, enriqueceu empresários de indústrias, da TV e comerciantes com seus pulinhos e seus guinchadinhos, robotiza milhares de crianças de ambos os sexos, os nossos adultos de amanhã. Vejamos o que disse a respeito do filme da Xuxa o *Jornal do Brasil*:

"A gracinha da Xuxa ataca novamente. Ela não está satisfeita em ser apenas a maior vendedora de disco desta terra abençoada por Deus: o orçamento do filme de "Super Xuxa Contra o Baixo Astral" é de 800.000 dólares (48 milhões ao câmbio oficial do dia). "Tudo em padrão Xuxa. Essa grana servirá para contar (ó santa ignorância, dizemos nós!!!) a seguinte historinha: o Baixo Astral, obscuro personagem que irritado com o alto astral que Xuxa espalha pelo país, resolve seqüestrar o cãozinho Xuxo para atrair sua dona a uma armadilha na profundezas".

Entre uma inutilidade feminina e outra, Helena de Tal morde major do exército na Tijuca (*Jornal do Brasil*, 28/11/1987) e deixa-lhe os dentes marcados no braço.

Em Belo Horizonte, Adriana Godói Firmino matou de fome o filho Tiago de dois anos e suspeita-se que tenha matado o marido (*Jornal do Brasil*, 28/11/1987); Sueli de Almeida joga seu filho, Marcelo, de 14 meses pela janela de sua moradia no quinto andar, em Realengo; filha de 10 anos mata o pai embriagado com ajuda da mãe Maria Emília Dias (12/06/1986) em Porto Alegre; polícia procura mulher loura que seqüestrou recém-nascido em Petrópolis e a “Gorda que se finge de empregada doméstica”. Em São Paulo cerca de “100 mulheres pedem empregos em casas de famílias para roubar. Só na capital bandeirante acontecem quatro roubos por dia, no valor de dois bilhões de cruzados só em 1986”. No Recife, após um ano de existência, a Delegacia Policial da Mulher registrou “2.200 crimes de estupro, sendo 10% provocados por mulheres.

São Paulo – Eunice Mellillo – “avisa que põe na rua os grevistas que não vierem trabalhar” e “Ex-marido explorado conclui que mulher saca mais rápido a arma”.

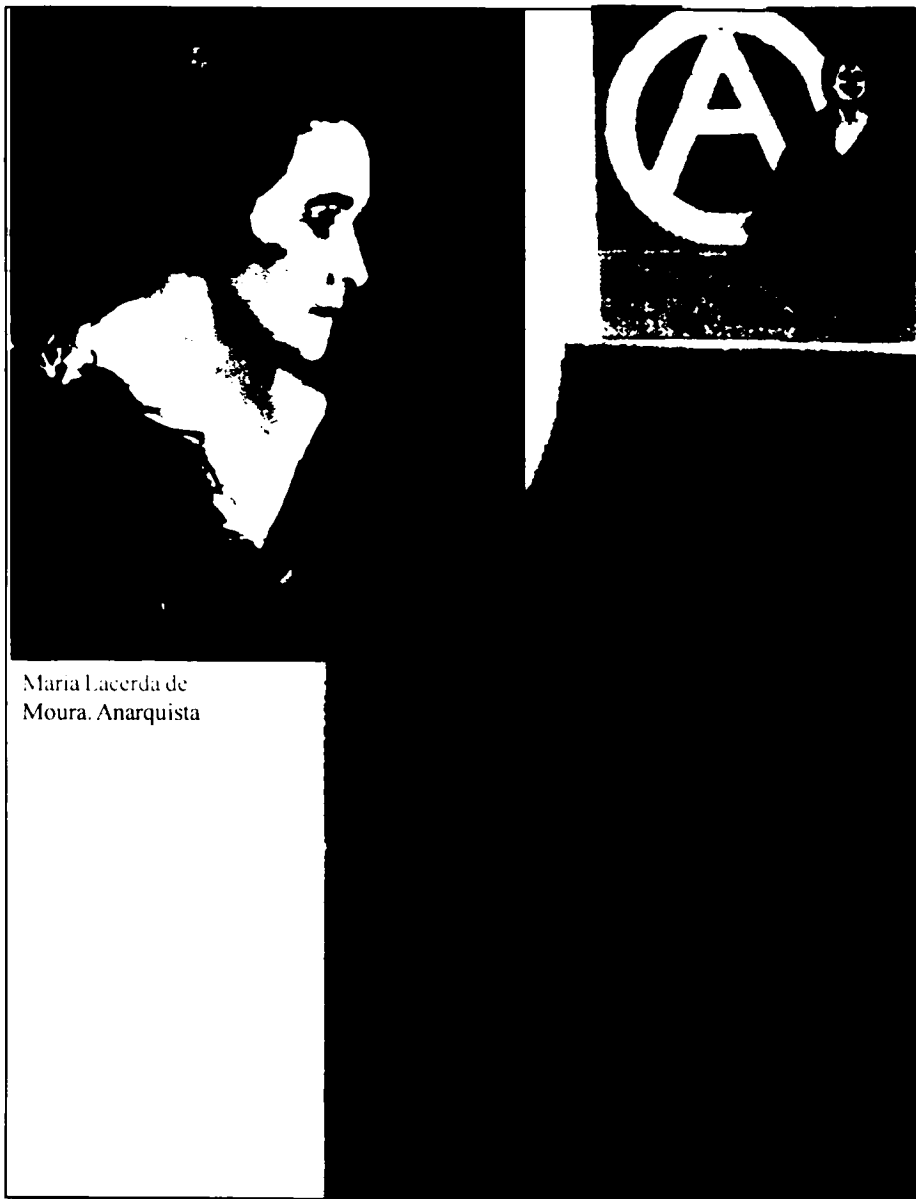
Em Porto Velho “as prostitutas fizeram uma tabela para a ‘hora do amor’ fixada em um a cinco mil cruzados, dependendo do tipo de sexo que o parceiro queira praticar” (*Jornal do Brasil*, 28/01/1987); e em Copacabana por 200 cruzados um homem tem direito a dois drinques e apreciar um desfile de nudismo, duetos de lesbianismo e um casal copulando na Boate Bataclan” (*Jornal do Brasil*, 15/05/1987).

A nossa amostragem sobre a mulher dentro da selva de pedra em que vivemos, corrompida pelos empreiteiros (de ambos os sexos) da desgraça alheia, não é tudo que se pode atribuir à mulher, mesmo àquelas que se preocupam mais com suas melhorias econômicas e posição social do que com lutar contra a sociedade que esmaga e aliena homens e mulheres em benefício de uns poucos.

(*Gazeta do Sul*, Montijo, Portugal, 03/04/1988)

2

Fala-se muito, hoje, em “mulher liberada” e nunca se fala na mulher espiã na Rússia, que denuncia à KGB inclusive seus familiares e/ou das que formadas e bem remuneradas pagam salários de fome às suas empregadas.



Maria Lacerda de
Moura. Anarquista

OS POLÍTICOS E O POVO

Quando os políticos se reúnem, prometendo melhorias gerais de vida em troca de votos, o povo inquieto aguarda que se processe mais uma expoliação de seus direitos.

Pergunta-se o que mudou com as mulheres: bispas, senadoras, deputadas eleitas pelo povo? NADA!!! A pobreza de homens e mulheres, a violência, a corrupção, as drogas e a exploração são maiores de ano para ano! Só acabarão com a sociedade da ANARQUIA!

Na América do Norte duas jovens – Nancy Grannan, de 19 anos e Karen Logan, 17 anos, suicidaram-se ingerindo drogas, e já o fizeram centenas e centenas de mulheres de diversas idades sem interferência das feministas que não se dignaram fazer comícios educativos para impedir a prostituição e o aumento de viciados.

No Egito (*Jornal do Brasil*, 15/01/1987) mulher foi executada por ter morto e esquartejado o marido para casar com outro. Em São Paulo, recentemente, esposa assassina o marido juntamente com o amante com o mesmo objetivo; em 1981, Eurides Domingues Vieira degolou e esquartejou o marido e foi absolvida.

Não restam dúvidas de que os homens oprimem, espancam e matam mais mulheres do que as mulheres aos homens.

Algumas mulheres discursam em praça pública e em assembléias contra os chauvinistas machistas e, no entanto, cometem as mesmas barbaridades do homem ou concordam que se cometa contra a mulher do campo, da fábrica, e contra as faxineiras dos hospitais cuja inferioridade contrasta com a superioridade da médica.

Na Palestina e Moçambique mulheres matam e mulheres morrem; na Indonésia, Domingas da Costa cumpre seis anos de prisão por sua idéias “avançadas” e Maria Gorete, 17 anos, desapareceu em Timor Oriental; na Argentina, Cláudia Falcone, 16 anos, foi assassinada. Outras jovens entre 14 e 18 anos foram torturadas por delitos do opinião. Na URSS das “liberdades máximas”, apesar de constar na sua Constituição igualdade de direitos homem/mulher, na prática é uma fantasia bolchevista: “Sou, ao mesmo tempo, cavalo e boi; sou, ao mesmo tempo, homem e mulher” – escreve a escritora Larissa Valilyeva, citando uma frase de uma camponesa idosa que, na sua opinião, descreve o estado atual da mulher soviética. – “Os homens soviéticos não movem um dedo para ajudar as mulheres na injusta distribuição de tarefas que lhes cabe. Nas ruas, são incapazes de um ato de cortesia, indiferentes até à boa educação, às mulheres grávidas de pé em ônibus cheios, carregando crianças ou pacotes”.

Vamos, agora, evocar as mulheres, não aquelas que combatem os chauvinistas, mas todas as causas, as idealistas, lutadoras sinceras, valentes, que não acreditam que só faltam punições quando é de *educação* que se precisa! De *edificar* nos cérebros de homens e mulheres o verdadeiro sentido do humanismo, da Solidariedade Humana via *Sociedade Nova*.

Partimos do brado poético de uma exilada cubana que combate “El Paredón” e da valorosa Carmelita Casanova, condenada em Cuba no dia 20 de maio de 1964, por defender idéias libertárias, recentemente falecida em Miami, aos 76 anos de idade. Exilou-se tão logo cumpriu sua pena continuando nos EUA “sua luta contra o liberticida Castro com o mesmo

vigor dos seus anos juvenis”, informa o autor de seu necrológico. Continuamos com as mulheres antifascistas fugitivas no final da Revolução Espanhola (1936-1939), rumo à França e ao Marrocos. Em seus rostos o desespero estampado. As tropas nazifascistas do general Franco em seus calcanhares. Sobre este êxodo de mulheres, crianças e homens, uma extraordinária mulher – Federica Montseny – passou-nos imagens escritas desse drama pungente: “É difícil poder imaginar o que foi essa chegada à fronteira francesa de meio milhão de seres humanos, entre os quais havia feridos, mulheres, velhos e crianças”.

“Vivia-se os últimos dias do mês de janeiro de 1939. Durante horas e horas essa multidão foi chegando e aglomerando-se na frente da fronteira fechada, debaixo de vento, frio e chuva. Quantas crianças e velhos morreram ali mesmo, vítimas de congestões pulmonares, enquanto o governo francês resolvia. E o mundo indiferente, discutia problemas secundários, nenhum dos quais tinha o volume e a importância do que representava o drama deste meio milhão de seres humanos que pediam direito de asilo à França. Depois foram despojados de tudo e conduzidos aos Campos de Concentração improvisados nas praias de Argelés, Saint-Cyprien, Barcarés. Risevaltes etc.” (In *SLA – Solidariedade Internacional Antifascista*).

Mais recentemente as mulheres argentinas (“Las Locas de la Plaza de Mayo”) em frente ao palácio do Governo exibem retratos dos seus familiares assassinados pelas mãos de dezenas de militares psicopatas comandados pelos generais ditadores, Videla, Gualtieri e outros verdugos da Humanidade. Pediam, corajosamente, a prisão dos responsáveis – e pode afirmar-se – que foi graças ao movimento sensibilizador das “Locas de la Plaza de Mayo” que se criou o clima favorável para a prisão dos pouco militares condenados. Não fosse o heróico movimento das mulheres argentinas, os militares ficariam impunes como no Brasil (1964-1985), Portugal (1927-1974), Espanha, Uruguai, e por aí vai...

No Panamá, as mulheres saíram à rua “batendo panelas para pedir a queda do general Noriega” tal como já haviam feito no Chile contestando a autoridade do general Pinochet. Em El Salvador foi assassinada Marianela Garcia Villas por defender os direitos humanos e os protestos das mulheres que não foram ouvidos.

Termino evocando conflitos noticiados pela imprensa diária, enfatizando sempre as divergências de mulheres e homens assalariados, “perdidos” em lutas intermináveis, cheias de equívocos políticos, religiosos e tradicionalismos marcantes na história da humanidade.

Os anarquistas entendem que se mulheres e mulheres e homens e homens, independente das idades, dos sexos, das especialidades intelectuais e manuais só pensarem em subir na vida explorando os que

sabem menos como acontece hoje, a guerra de classes profissionais e outras vão eternizar-se...

Enquanto mulheres e homens, produtores e explorados em benefício de um sistema de desiguais, não se associarem e promoverem a derrocada do governo do homem pelo homem, e em seu lugar edificar uma SOCIEDADE NOVA, sem exploradores nem explorados, a felicidade humana será um sonho inatingível. Nenhuma CARTA de mulheres ou de homens vai proporcionar algum conforto, arrancando melhorias salariais em cima da pobreza, da fome de uma maioria. E esta realidade social vai perpetuar as lutas dos sexos e de classes profissionais por OUTROS BREVES DOIS MIL ANOS OU MAIS!!

